



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

MARIA DO SOCORRO DA SILVA MEDEIROS

**“O CAMINHO NÃO PRECISA SER SOLITÁRIO”: FISSURAS E
REPRESENTATIVIDADE LÉSBICA NO CIBERESPAÇO**

Orientador(a): Prof^a Dr^a Susel Oliveira da Rosa
Linha de Pesquisa: Literatura, Memória e Estudos Culturais

CAMPINA GRANDE-PB
AGOSTO DE 2017

MARIA DO SOCORRO DA SILVA MEDEIROS

**“O CAMINHO NÃO PRECISA SER SOLITÁRIO”: FISSURAS E
REPRESENTATIVIDADE LÉSBICA NO CIBERESPAÇO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba, área de concentração Literatura e Estudos Interculturais, na linha de pesquisa Literatura, Memória e Estudos Culturais, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de mestre.

Orientador(a): Prof^a Dr^a Susel Oliveira da Rosa
Linha de Pesquisa: Literatura, Memória e Estudos Culturais

CAMPINA GRANDE-PB
AGOSTO DE 2017

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M488c Medeiros, Maria do Socorro da Silva.
"O caminho não precisa ser solitário": fissuras e representatividade lésbica no ciberespaço [manuscrito] / Maria do Socorro da Silva Medeiros. - 2017.
110 p. : il. colorido.

Digitado.

Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.

"Orientação : Prof. Dr. Susel da Rosa Oliveira, Departamento de História - CH."

1. Escrita lésbica. 2. LETTERA. 3. Socialização. 4. Internet. 5. Grupos éticos.

.21. ed. CDD 305.8

MARIA DO SOCORRO DA SILVA MEDEIROS

“O CAMINHO NÃO PRECISA SER SOLITÁRIO”: FISSURAS E REPRESENTATIVIDADE LÉSBICA NO CIBERESPAÇO

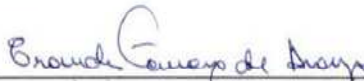
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba, área de concentração Literatura e Estudos Interculturais, na linha de pesquisa Literatura, Memória e Estudos Culturais, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de mestre.

Campina Grande, 11 de agosto de 2017.

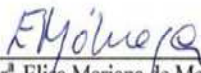
BANCA EXAMINADORA



Prof. ^aDr^a Susel Oliveira da Rosa – Orientadora



Prof. ^aDr^a Eronildes Câmara de Araújo



Prof. ^aDr^a Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega

AGRADECIMENTOS

A Deus, por não me abandonar e auxiliar em meu processo de crescimento espiritual e consequentemente humano.

À minha irmã Vitória, meu exemplo acadêmico, humano e cristão. Agradeço pelo apoio e confiança, sem você tudo teria sido mais doloroso.

À minha mãe, a mulher mais forte que eu tenho o prazer de conviver. Uma mulher que foi forjada na terra árida do sertão paraibano, que aprendeu desde muito nova a sobreviver. Ela sonhava em estudar, todavia as frágeis condições financeiras da sua família não a permitiram, então, como fala, “ela formou” as suas duas filhas.

À Dayane Sobreira, a irmã que pós-graduação me proporcionou. Obrigada pelas conversas teóricas, mas principalmente por me ensinar o significado do afeto, do afetar-se com o outro, do acolhimento, do torcer verdadeiramente por alguém.

À Tati, por ser tudo que ela é.

À Nadja e Rayana, pelas boas risadas.

À Geisa, por acreditar e confiar a mim as suas maiores dores. Nossa amizade é meu “laboratório” teórico.

À Mariana Melo, que é meu grande referencial teórico, que sempre me incentiva a sonhar e a principalmente, me respeitar enquanto ser.

Às meninas que integram o LETTERA, com vocês eu consegui ressignificar a escrita literária lésbica.

À Cristiane Schwinden, meu muitíssimo obrigada. O LETTERA é uma espécie de casa pra mim e para demais meninas.

Aos colegas de pós-graduação André e Patrícia, pelos cafés, conversas e risadas.

À Alda, por sua presteza e afetividade.

Ao corpo docente do PPGLI.

À professora Elisa Mariana, por ter estado na minha banca de arguição do projeto, pelos conselhos teóricos e por ter aceitado acompanhar as demais bancas.

À professora Nilda, por sua gentileza e assertividade.

À Susel, por acreditar no projeto e em mim.

À CAPES.

“Escrever é o ato mais atrevido que eu já ousei e o mais perigoso”.

(Glória Anzaldúa)

RESUMO

O presente trabalho visa investigar como o portal *LETTERA: Literatura Lésbica e LGBT* vem proporcionando um espaço para a publicação de escritos literários que focalizam a questão da lesbiandade e que são produzidos por mãos lésbicas, assim como entender como essa produção tem se tornado um território de socialização, afetos e afetações. Dado que os textos postados tem se tornado ponto de partida para a construção de laços entre as usuárias e visto que eles têm se estendido por outros canais – como, por exemplo, as redes sociais *Facebook* e *WhatsApp* –, a produção desses textos ultrapassa a questão parnasiana da literatura – arte pela arte – adentrando a aspectos mais sociais. Partido da constatação e entendimento da dificuldade de publicação de obras desse gênero pelas grandes editoras brasileiras, fator que gera um duplo apagamento – das escritoras que tem sua sexualidade conhecida e de obras que versem sobre o desejo lesbiano – buscamos mostrar como a *Internet* tem criado fissuras no discurso normativo a partir do trabalho na perspectiva de teóricos como: Foucault (2012), Plant (1997), Woolf (1990), Ortega (2002), McLuhan (2005), Lévy (1999) entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Escrita lésbica; *LETTERA*; *Internet*; Socialização.

ABSTRACT

This project aims to investigate the manner of how the “LETTERA: Literatura Lésbica e LGBT” is acting by bringing up opportunities for publishing to literary writers who are focused on lesbianism matters and in which are produced by lesbians themselves, and also to understand how this production has been becoming a tool for socialization, affections and affectations. Considering that the texts posted have become a way of interaction all among the users, as noticed, it has been taken part of the social medias, such as, Facebook and WhatsApp. The production of these writings are beyond the parnassian literature characteristics – art for art’s sake – considering the social aspects. Through noticing and understanding the difficulty of publication of such work by the great Brazilian publishers, factor that implies into the extinction of both – writers whose sexuality is known and pieces of work related to lesbian desire – It is willing to show how the internet has been opening gaps up into the normative speech.

KEY- WORDS: Cyberspace; Lesbian writing; LETTERA; Socialization.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Criação de uma página para as ciberleitoras e ciberescritoras do extinto ABCLes .	50
Figura 2 – Primeira versão do LETTERA	51
Figura 3 – <i>Layout</i> da página inicial do portal literário LETTERA	52
Figura 4 – <i>Post</i> comemorativo de 1 (um) ano do LETTERA	53
Figura 5 – Sistema de doação e recompensa para o LETTERA	55
Figura 6 – Ilustração do rizoma de Deleuze	67
Figura 7 – Ilustração de como a rede de computadores é constituída	68
Figura 8 – Agradecimento pela ajuda na escrita	73
Figura 9 – Comoção com o final do ABCLes	93
Figura 10 – Fim do ABCLes e início do LETTERA	94
Figura 11 – A afetação que a narrativa gera na ciberleitora	95
Figura 12 – Explicação da ciberescritora sobre novo local de postagem da sua cibernarrativa	96
Figura 13 – <i>Feedback</i> da ciberautora	97
Figura 14 – Ciberleitora lê a cibernarrativa motivada pelos comentários	98
Figura 15 – Interação com a leitora beta	99
Figura 16 – Posição da ciberleitora sobre a retirada do ABCLes do ar	100
Figura 17 – Explicação da moderada do ABCLes sobre as providencias a serem tomadas caso ela seja	101
Figura 18 – Projeto conhecendo melhor	103
Figura 19 – Pedido de oração para uma das integrantes do grupo	104
Figura 20 – Integrante ensina como apagar os <i>cookeis</i> no celular e computador	106

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1: NARRAR PARA EXISTIR	16
1.1. NARRATIVAS HUMANAS	16
1.2. (HIPER) LITERATURA: MONTANHA MAIS ACESSÍVEL	24
1.3. POR UMA ESCRITA NÃO NORMATIVA	26
1.4. DO MENOR, O MAIOR	30
1.5. ESCRITURAS DESEJANTES: NARRANDO DO E NO SEU TERRITÓRIO	33
1.6. LITERATURA FORA DA CAIXA	40
1.7. UMA ESCRITA CORPÓREA	45
CAPÍTULO 2: A BUSCA POR EXISTÊNCIA	48
2.1. ABCLES: ENCONTROS E DESPEDIDAS	48
2.2. LETTERA – ACOLHIMENTO, REENCONTROS, EXPANSÃO DA ESCRITA E DOS AFETOS	51
2.3. CULTURA E O SEUS CRUZADOS.....	56
2.4. O MEIO COMO DISPOSITIVO PARA AS NARRATIVAS DISCORDANTES.....	61
2.5. TEIAS E RIZOMAS: METÁFORAS COMUNICACIONAIS	64
2.6. <i>INTERNET</i> : UM LUGAR PARA SAPATÃO ESCREVER.....	68
2.7. SORORIDADE COMO ARTIFÍCIO CONTRA A MISOGINIA LITERÁRIA	72
CAPÍTULO 3: SOCIALIZAÇÃO DE DESEJOS E DE ESCRITA	80
3.1. O INCÔMODO DOS LAÇOS AFETIVOS PARA OS INTERESSES DO PODER	80
3.2. A AMIZADE FEMININA COMO MAL-ESTAR SOCIAL.....	86
3.3. <i>CIBERESPAÇO</i> COMO DISPOSITIVO POTENCIALIZADOR DO REENCONTRO COM A AMIZADE	87
3.4. LAÇOS AFETIVOS NA VIRTUALIDADE – LETTERA NO <i>FACEBOOK</i> E <i>WHATSAPP</i>	92
3.5. <i>WHATSAPP</i> – CRIANDO LAÇOS NAS MULTI PLATAFORMAS.....	101
CONCLUSÃO	108
REFERÊNCIAS	110

INTRODUÇÃO

Entre pessoas, na sala de estar, nos cômodos compartilhados, observando um mundo a partir da janela, da ida à igreja, dos salões de festa, lendo sobre etiqueta e cuidados com os maridos e filhos, as mulheres começaram a construir a estrutura da sua escrita. Narrando a partir de seus recortes, unindo as pontas do tecido de suas vidas, elas foram construindo o manto da sua produção literária.

Uma produção marcada pelo estigma de ser menor, do desmerecimento crítico e teórico, que deveria permanecer dentro do leque de temas que lhes era permitido, conseguindo, em muitos momentos, contornar e dobrar as limitações impostas para falar, denunciar suas dores e falar sobre valores impostos.

Fazendo uso de papéis avulsos, de diários pessoais, de qualquer folha em branco que se mostrasse disponível para receber seus pensamentos, reflexões e existência. Ato escondido, feito de maneira a não despertar a curiosidade e nem tão pouco a fúria dos seus senhores, no tempo em que a prática da escrita era reservada ao masculino que era dotado da racionalidade e de condições psíquicas de lidar com questões universais. Elas escreviam, se desenhavam nas linhas de sua narrativa, sem muita esperança ou credibilidade para publicar. No entanto, compunham.

Se a prática da leitura se mostrava perigosa, capaz de fazer desmoronar as bases para a construção da “mulher de bem”, escrever mostrava-se como um ato mais perturbador, tendo em vista que ele causa um *frisson* na escrita da História, visto que possibilita um aumento no espectro das “verdades”.

Diante do cenário de silêncios, a ficção escrita por mãos masculinas desenhava o feminino a partir do seu lugar social, assim, temos uma série de livros que estruturam suas narrativas de forma a minimizar as mulheres. A criação de personagens que necessitam de seus príncipes encantados para sobreviver é um exemplo clássico.

Projetada em tons de cinza, a ficção varonil não consegue trabalhar o universo feminino de forma expressiva; obviamente que muitas mulheres também padecem desse problema, tendo em vista que temos uma cultura patriarcal que se encontra com raízes muito fortes e articuladas. No entanto, uma produção feita por mulheres consegue no mínimo mostrar que somos capazes de escrever.

Retratar o feminino por mãos muléres é como bordar sobre o bordado, no processo de metalinguagem, sobre agulhas, linhas e tecidos próprios para este tipo de

atividade. O texto não se prende a uma visão ou a um tentar se colocar no lugar *de*, mas ele pode explorar temas “vermelhos”, com a profundidade das dores menstruais de forma mais natural, experienciada mensalmente.

No entanto, é em meio à impossibilidade que as mulheres contornam as imposições, costuram sua percepção de mundo e escrevem sua própria ficção. Alinhada com o tecido do cotidiano vivido por elas, narrando sobre amores idealizados, o cuidado com o nutrir, as receitas de chás e remédios naturais. Assim elas se expressavam e deixavam seu legado para as suas descendentes e para todas que tinham acesso aos seus escritos.

Algumas conseguiram e conseguem romper com padrão *chick lit*¹ tão criticado pela crítica masculina especializada, no entanto, o presente trabalho não acredita no desmerecimento desse gênero. Acreditamos que a produção literária feminina é necessária e que fugir de certos padrões é difícil e nem sempre possível, contudo, a cada obra lançada temos a ruptura de um sistema literário monoescrito.

Sabemos que ao longo da história corpos femininos indóceis e livros foram queimados por narrarem sobre assuntos que mexiam com o *status quo* imposto pelo sistema socioeconômico. Escrever a respeito de questões que provocaram e provocam a reflexão de forma diversa do expresso pelo modelo citado tem sido um fator gerador de castigos críticos e/ou corporais. Quando adentramos na escrita feminina, essa questão é intensificada, tendo em vista que o fato de uma mulher sair do seu lugar de silêncio e se narrar ou narrar a história a partir da sua visão já é o suficiente para desencadear o ciclo de perseguição. Não podemos esquecer, caro leitor, que a alcunha e os privilégios da denominação passavam, e ainda passam, pelo crivo de mãos masculinas e elas tenderam a pesar bem mais quando o assunto era, e é, o feminino insubmisso.

Como permitir que seres “emocionais”, “frágeis”, discorram, por exemplo, sobre guerras, mercado financeiro, escravidão, política se elas eram dominadas pelo furor de seus úteros e portadoras de vaginas dentadas capazes de destruir plantações? Consentir que elas falassem, seria submeter-se ao risco de terem de lidar com uma visão eivada pelo furor dos hormônios, o que não lhes parece seguro.

A alta escrita precisava da racionalidade do pensamento masculino, tendo em vista que a sua percepção diante das ações humanas conseguia enxergar a sua

¹ O gênero literário *Chick Lit* é o que se pode chamar de *Ficção Feminina*, voltado principalmente para o gênero feminino, quase sempre escrito por mulheres para mulheres, onde elas apresentam todo o poder feminino.

densidade, coisa que não era possível de ser desempenhada pela fragilidade feminina, segundo o entendimento do mercado editorial, dos críticos, bem como do sistema. Deste modo ficava sobre a responsabilidade do cérebro masculino produzir as grandes obras.

O cânone, então, seria próprio da escrita masculina, a julgar pela complexidade dos critérios que um livro precisava cumprir para habitar as montanhas da “alta escrita” os quais seriam impossíveis de serem alcançados pela letra feminina, já que esta é estruturada a partir de uma densidade “menor”, no entanto, entendemos o “menor” numa perspectiva deleuziana quando ela fala sobre apropriação da estrutura autorizada por parte dos marginalizados. Dobra-se o arcabouço da linguagem, dos gêneros literários e constrói-se uma nova visão sobre as vivências e acontecimentos humanos, narra-se perspectivas distintas.

Ao historiar novos ângulos e entendimentos, o gargalo do mercado editorial se estreita consideravelmente. Assim, usar meios alternativos para produzir, publicar e divulgar tem sido a alternativa mais viável para a escrita feminina, tendo em vista a dificuldade enfrentada por ela ao longo de sua história.

Prestamo-nos no presente trabalho analisar como o portal – *LETTERA: Literatura Lésbica e LGBT* – vem proporcionando um espaço para a publicação de escritos literários que focalizam a questão da lesbiandade e que são tecidos por mãos lésbicas, tendo em vista a dificuldade de publicação de obras desse gênero pelas grandes editoras brasileiras, fator que gera um duplo apagamento: das escritoras que tem sua sexualidade conhecida e de obras que versem sobre o desejo lesbiano.

Outro aspecto que buscamos entender a partir do estudo do portal é de como ele tem conseguindo criar laços afetivos entre as mulheres que leem e escrevem nele, como as narrativas têm unido meninas² que nunca se viram, mas que se “conectam” através delas e passam a experienciar a amizade como forma de vida.

Entendemos a produção literária construída pelas autoras do *LETTERA* como dispositivo que ultrapassa o que os parnasianos pregavam como sendo “a arte pela arte”. Esta escrita mostra-se como mecanismo de existência e sobrevivência, posto que apresenta enredos essencialmente femininos, nos quais amar uma outra mulher é comum e ser e ter um final feliz é possível.

² Meninas – o termo é utilizado para fazer referência às mulheres que integram o *LETTERA*, tendo em vista que elas utilizam-no como forma de tratamento. Essa terminologia demonstra-nos a “intimidade” que a leitura/escrita no portal proporciona, tendo em vista seu caráter pessoal que carrega.

Sem apresentar um sistema regulamentador composto por um corpo editorial heterossexual, masculino, branco, cisgênero³, cristão, ocidental, as narrativas literárias femininas podem “fixar” sua morada. Tendo em vista que elas podem narrar sobre o amor em suas múltiplas formas, sobre dores, abusos, sonhos ou sobre qualquer tema, mesmo que esse “fira” a moral e os bons costumes.

Por que escrever sobre um esbarrão na saída do metrô, sobre o clichê dos livros caindo, de mãos que se tocam, da cor âmbar dos olhos, das borboletas alvoroçadas? Por que “perder tempo” narrando sobre o medo de não ser aceita pelos pais, de perder os amigos, de ser corrigida através de um estupro, de ter que enfrentar um modelo social que inviabiliza o seu amor?

Narra-se, coloca-se suas vivências a serviço de uma escrita que busca quebrar os muros silenciadores da literatura heteropatriarcal, conduz e nutre as reflexões que pretendemos levantar no presente trabalho, bem como pensar como essa produção literária estabelece laços que humanizam a *Internet*. Afetos que germinam a partir da leitura de escritos e que proporcionam um processo de empatia entre as mulheres que integram o portal LETTERA.

Colocar-se no lugar da outra, sensibilizar-se com as dificuldades enfrentadas em decorrência de assumir o sentimento mais retratado na literatura mundial – o amor. O amor das histórias lidas desde nossa mais terna infância difere do amor dos textos escritos pelas ciberautoras do portal citado. O sentimento narrado por elas não é aceito e nem compreendido pelo modelo social heteropatriarcal.

Para melhor entendermos a que se propõe este trabalho dividimos ele em três momentos que se ligam e conversam entre si, os quais discorrem sobre a necessidade de narrar-se e da criação de afetos através desta.

No primeiro capítulo nos atemos à história da escrita e a importância desta para o registro dos feitos humanos, no entanto, durante a leitura teórica ficou evidente que a História mostra-se como uma espécie de coleção das realizações masculinas. Há um apagamento dos feitos femininos, uma vez que até pouco tempo nós não tínhamos o direito de nos apropriarmos sobre nossos feitos.

³Relativo à ou que tem uma identidade de gênero idêntica àquela que foi atribuída à nascença, por oposição o a transgênero. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/cisg%C3%AAnero>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

Diante do quadro de apagamentos, fizemos uma análise da importância da criação de espaços de fala para as mulheres e em especial para mulheres lésbicas, visto que elas dispõem de poucos ambientes de diálogo e quase nenhuma visibilidade.

É em decorrência do silenciamento sofrido por nós mulheres, que este espaço de escrita mostra-se tão significativo. Não é preciso que haja um nome masculino que “proteja” as ciberescritoras do LETTERA, como foi recorrente na historiografia da escrita feminina.

O segundo capítulo traz a biografia do portal que nos serve de mote reflexivo. Para tal, recordamos a “morte” do *site* que motivou este trabalho. Antes do portal citado existia o “ABCLES”, que consistia em sítio da *Web* administrado por Danieli Hautequest e que foi a primeira página da *Internet* devidamente organizada e voltada unicamente para publicação de escritos lésbicos com o número de acesso que ele conseguiu. Existiam outros sítios eletrônicos, mas que não contavam com o grau de profissionalismo com o qual ele foi pensado.

Quando narramos como o *LETTERA: Literatura Lésbica e LGBT* surgiu, automaticamente falamos sobre laços, sobre afeto, necessidade de representação e necessidade de encontro.

O terceiro capítulo dedica-se à análise das redes sociais advindas da necessidade de criação de vínculos entre as meninas que usam o LETTERA, seja como leitoras ou escritoras. O grupo no *Facebook*, herdado do ABCLES e o grupo *Varanda LETTERA* no *WhatsApp* nos serve de material de análise.

O presente estudo conta com uma série de leituras teóricas sobre escrita, afeto, redes sociais entre outras, assim como a utilização de recortes (*prints*) feitos nos comentários e nos grupos das redes de sociabilidade escolhidas para investigação.

A partir deste momento, eu convido as pessoas que se dispuseram a ler a dissertação a refletir sobre a criação de pontes criadas através da produção literária lésbica na *Web*, em consequência de elementos como: alcance, acessibilidade, discrição, funcionalidade, entre outras. Publicar não significa, somente, ter um lugar para colocar seus escritos, mas simboliza abrir espaço para outras mulheres, mostrando deste modo que é possível produzir seu próprio lugar de existência, rompendo assim com o ciclo de mudez e invisibilidade.

CAPÍTULO 1: NARRAR PARA EXISTIR

Escreve o teu eu. O teu corpo tem de ser ouvido (...). Escrever. Um acto que não só materializa a relação isenta de censura da mulher com a sua sexualidade, consigo mesma (...). Inscreve a respiração da mulher completa (...). Ela escreve com tinta branca.
(CIXOUS, 1991, p. 27).

1.1. NARRATIVAS HUMANAS

As descobertas e inventos humanos não costumam voltar atrás, muito pelo contrário, elas habitualmente servem de *background*. Uma inovação vai gerando novas perspectivas e novas ambições que por sua vez abrem espaço para outras. É neste ciclo de criação, que o ser humano vive e, conseqüentemente, é afetado. Se afeta porque se encontra inserido em uma sociedade ávida por transformações, que o exige um cabedal cada vez maior para se estar inserido dentro dela.

A escrita, que é o objeto de análise do presente capítulo, nas palavras do pesquisador Jack Goody (2008), foi o maior evento da humanidade, haja vista que a partir da sua criação, houve uma mudança crucial na forma com que o homem passou a lidar com o seu passado. Transpondo-se a esfera do “preservar” e indo em direção à criação de uma narrativa moldada a partir da visão dos dominadores, como nos ajuda a entender Swain:

Assim, o que se sabe da História da humanidade depende de certa racionalidade impressa aos fatos, é uma *história*, uma narração cujas conexões são arbitrárias. Isso significa que os olhos veem o que querem e o que podem ver através de uma “política do esquecimento”: apaga-se ou destrói o que não interessa à moral, às convicções, aos costumes, à permanência de tradições e valores que são dominantes em determinada época (SWAIN, 2004, p. 15).

No entanto, antes de existir um sistema de escrita propriamente dito, a humanidade já sentia necessidade de se expressar, a qual pode ser facilmente compreendida ao observarmos as gravuras e símbolos deixados pelos nossos antepassados no interior das cavernas onde habitavam.

O desejo de registrar-se que está marcado nas paredes das cavernas espalhadas pela Espanha, França, Brasil, Argentina, são exemplos dessa ânsia. Segundo estudo do arqueólogo Dean Snow, da Universidade Estadual da Pensilvânia, não se pode ter certeza do objetivo das figuras encontradas e nem de sua autoria, tendo em vista análises recentes.

Segundo reportagem feita em 2013 por Virginia Hughes para a revista *National Geographic*, houve uma sedimentação de que os registros deixados no interior das cavernas eram de autoria masculina, uma vez que eles retratavam animais que integravam o rol dos que eram caçados, e como a caça, assim como a coleta eram desempenhadas pelos homens dos clãs, logo os estudiosos concluíram que eram eles a deixarem suas experiências registradas. Todavia, o fato das mulheres serem responsáveis por buscarem a carne e cuidarem dela, bem como por passarem maior parte do tempo dentro das cavernas não foi levado em consideração pelos estudiosos ao analisarem a responsabilidade da produção dos desenhos.

A jornalista estrutura seu texto em cima do estudo feito pelo arqueólogo Dean Snow, que ao se debruçar sobre a análise dos estênceis das mãos encontradas em paredes de cavernas francesas e espanholas pôde concluir que cerca de 75% eram feitos por mãos femininas.

O tema é polêmico, mas é preciso que levemos em consideração que há uma tendência por parte das autoridades masculinas da área, a darem autoridade aos seus companheiros de gênero, como nos fala Huges: “Houve um viés masculino na literatura há muito tempo” (HUGES, ano apud SWON, 2007, p. 72).

Pesquisas como a citada, auxiliam no alargamento do nosso campo de visão, principalmente por servirem de suporte substancial para a construção de uma história mais “completa” das mulheres, uma vez que tínhamos a confirmação de que as mulheres ocuparam o campo da “escrita” desde os primórdios, a título de exemplo, mas ainda não podemos atestar com cem por cento de certeza. No entanto, é bastante significativo saber que há esta possibilidade, visto que ao longo da cronologia da escrita temos um apagamento da figura feminina.

Eduardo Carlos Gomes em seu artigo *A escrita na história da humanidade* (2007) traz um resumo sobre os principais momentos da escrita na história e fica evidente a falta de mulheres presentes nessa, pelo menos na versão narrada pela história oficial, a qual tem sido narrada por homens – o qual nos servirá de caminho exemplificativo, já que não pretendemos nos ater a uma descrição pormenorizada da

biografia da escrita. Nosso objetivo é apenas pincelar sobre esse percurso e mostrar como ele encontra-se atrelado à concentração da produção discursiva nas mãos do que detém o poder econômico e como isso vem sendo modificado, mesmo que de forma alternativa, pela *Internet*.

Com os avanços tecnológicos surgem às primeiras lajotas de argila fresca na Babilônia. Para escreverem nelas eram utilizadas uma espécie de bastão de ferro ou madeira, que tinha uma ponta triangular – a cunha – e, logo após, elas eram queimadas para serem mais bem conservadas. Neste recorte temporal tínhamos uma escrita baseada num conjunto de símbolos, os quais estavam convencionados a determinado significado. O valor de cada símbolo encontra-se convencionado e por isso ao uní-los eles faziam sentido, da mesma forma que ocorre na atualidade com nosso sistema alfabético.

Mas foi somente com os fenícios que passou a existir um alfabeto fonético, este era composto por 24 letras, que é utilizado até hoje. O alfabeto jônico foi adotado pelos gregos e isso fez com que ele reverberasse por outros povos, tornando-se a base para os alfabetos ocidentais.

A ver, os gregos com seu ideal de “simetria” das formas modificam o sistema recebido dos fenícios, reelaborando as letras, acrescentando as vogais e estabelecendo um sistema próprio, do qual nós herdamos a posição da disposição das letras no papel – da esquerda para direita.

Os romanos beberam do projeto alfabético dos gregos, e assim como estes, eles fizeram as alterações necessárias para suprirem as necessidades apresentadas por sua civilização. Então eles alteraram o alinhamento e a formato das letras, construindo uma forma própria de usabilidade do sistema gráfico. É perceptível que cada ambiente requer uma estrutura de escrita própria, visto que esta é influenciada por um todo social.

O sistema de escrita pôde, assim, ser entendido como intimamente ligado à tradição dos grandes impérios. Mesopotâmia, Egito, Grécia e China são bons exemplos quando paramos para refletir sobre a história da escrita. Uma vez que estas grandes nações marcam, também, a evolução da linguagem alfabética, seja no estabelecimento do código ou no mecanismo de transmissão, como nos fala Higounet (2003):

A escrita faz de tal modo parte da nossa civilização que poderia servir de definição dela própria. A história da humanidade se divide em duas imensas eras: antes e a partir da escrita. (...) Vivemos os séculos da civilização da escrita. Todas as nossas sociedades baseiam-se sobre o

escrito. A lei escrita substitui a lei oral, o contrato escrito substituiu a convenção verbal, a religião escrita se seguiu à tradição lendária. E, sobretudo não existe história que não se funde sobre textos (HIGOUNET, 2003, p. 10).

Foi na China que tivemos o desenvolvimento do papel, recurso que gerou uma transformação, extremamente significativa na história da escrita e da leitura. A superfície lisa, maleável e leve abriu os horizontes na forma de moldar até mesmo o formato anatômico da letra, assim como na maneira de lidar com o ato de ler.

Segundo Olson (1997), o papel se tornou o material mais significativo quando falamos em escrita, haja vista que após sua criação houve uma alteração na forma de lidar com a escrita, a qual é marcada pelo uso do papel para inúmeros tipos de registros. Passando dessarte a ser objeto representativo da erudição em seus mais variados aspectos, a saber:

O tema da escrita tem a ver com as propriedades especiais e peculiares desses artefatos, com esse mundo de papel, com sua força e suas limitações, com seus usos e abusos, com sua história e mitologia; e tem a ver com os tipos de competência e com as modalidades de pensamento e percepção que intervêm na abordagem e na exploração desse mundo de papel (OLSON, 1997, p. 10).

O uso do papel tornou-se tão importante que ele perdura até a atualidade, por mais que se tenha um movimento de substituição da impressão física pela publicação virtual, que impulsiona o uso da nuvem⁴ como suporte menos dispendioso no tocante a espaço, bem como ao custo de produção, haja vista, que este possibilita que seus usuários tenham uma vasta biblioteca em um aparelho como o Kindle da Amazon que apresenta as seguintes dimensões: 169 x 117 x 9,1 mm, por exemplo.

Mesmo diante da alternativa supracitada, o impresso continua sendo o meio usado até o momento. Talvez esse fato seja decorrente da áurea que o impresso transfere para o texto, do prestígio de ter a materialidade das ideias dispostas de forma

⁴ O conceito de computação em nuvem (em inglês: *cloud computing*) refere-se à utilização da memória e da capacidade de armazenamento e cálculo de computadores e servidores compartilhados e interligados por meio da *Internet*, seguindo o princípio da computação em grade. O armazenamento de dados é feito em serviços que poderão ser acessados de qualquer lugar do mundo, a qualquer hora, não havendo necessidade de instalação de programas ou de armazenar dados. O acesso a programas, serviços e arquivos é remoto, através da *Internet* - daí a alusão à nuvem. O uso desse modelo (ambiente) é mais viável do que o uso de unidades físicas. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Computa%C3%A7%C3%A3o_em_nuvem>. Acesso em: 10 jun. 2017.

“palpável”, passíveis de serem expostos nos estandes das livrarias, nos corredores universitários.

No entanto, a publicação não se resume ao glamour e notoriedade, também temos a impressão como ato de resistência, como nos esclarece Chartier em diálogo com Foucault em seu livro *A aventura do livro*. Segundo o autor, há um controle dos textos que antecede a afirmação da figura do autor. Esta interdição narrativa por parte da igreja ou do Estado advém da necessidade de controlar o discurso, reduzindo assim à construção de canais divergentes do sistema, vejamos:

A fogueira em que são lançados os maus livros constitui a figura invertida da biblioteca encarregada de proteger e preservar o patrimônio textual. Dos autos-de-fé da Inquisição às obras queimadas pelos nazis, a pulsão de destruição obcecou por muito tempo os poderes opressores que, destruindo os livros e, com frequência, seus autores, pensavam erradicar para sempre suas ideias. A força do escrito e de ter tornado tragicamente derrisória esta negra vontade (CHARTIER, 1998, p. 23).

Por mais surpreendente que nos pareça, o cerceamento discursivo continua sendo uma prática corriqueira em pleno século XXI. Temos recortes muito específicos sobre os conteúdos que são publicáveis pelo “mercado editorial da moral e dos bons costumes - branco – cis – cristão – heteronormativo”. E é por isso, que mesmo que o papel tenha representado um marco na história da humanidade, as rasuras subversivas não foram tantas, visto que o mercado encontra-se atrelado, quase sempre, a uma editoração bastante restrita.

O controle em cima dos conteúdos, advindo do sistema editorial que era, e ainda é, privativa de uma parcela específica da sociedade, ajuda-nos a entender a necessidade de encontrarmos mecanismo de escape. Por mais que algumas pessoas tenham tido acesso à aquisição de sua prensa, e que isso possibilitava as publicações “alternativas”, o Estado e a religião incidiam seu controle sobre elas, levando muitos livros a alimentarem a fogueira da intolerância.

Com o advento do computador e da *Internet*, temos um novo movimento de construção discursiva, infelizmente ela não alcança as classes mais marginalizadas, mas a democratização da rede vem sendo gradativa (e esperamos que consiga ser plena em breve) e vem proporcionando que as mulheres consigam narrar suas ficções e

realidades, por exemplo, como nos fala a escritora e jornalista Odhara em sua coluna no “Mulheres que escrevem”:

Nos moldamos quem somos por meio das histórias que contamos. Quem escreve e estabelece a própria narrativa passa a ser o sujeito. É uma forma de conseguir se colocar em uma posição de poder (...). E por alguma ânsia que talvez seja o que realmente nos faz escritoras, eu precisava dividir com todo mundo aquelas marcas que não cabiam na minha pele. Talvez não seja justo tornar um ser humano a terceira pessoa da sua história. Mas eu não conheço outra forma de existência. Isso nunca foi sobre ele ou sobre qualquer outro. Era sobre mim e por mim, o tempo inteiro (CAROLINE, 2017, p. 01).

A *Web* oportuniza um lugar em que as mulheres podem falar sobre si, criando assim um espaço de existência, no qual ela pode contar-se a partir da sua própria visão e isso é sem dúvida algo inestimável não só para o sexo feminino, mas para a uma nova história que vem se montando.

A exemplo do movimento de ocupação da rede pelo feminino e da problemática da não representatividade, um vídeo do canal *Think Olga* na plataforma *Youtube*, nos auxilia na compreensão dessa questão – *YES WE CAN: Mulheres na Internet com Jessica Tauane e Jout Jout*⁵, publicado em 17 de janeiro de 2017, onde a fundadora do projeto *A Olga*⁶ fala, juntamente com Jéssica Tauane (Canal das Bee⁷) e Júlia Tolezano (Jout Jout⁸) sobre o que as motivaram na criação de seus canais e projetos.

⁵ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dtCpylSyPaw>>. Acesso em: 05 jun. 2017.

Observação: As definições dos três projetos foram retirados de suas páginas, sendo mérito de suas criadoras.

⁶ “A OLGA é uma ONG feminista criada em abril de 2013. Nosso objetivo é criar conteúdo que reflita a complexidade das mulheres e as trate com a seriedade que pessoas capazes de definir os rumos do mundo merecem. Nossa missão é empoderar mulheres por meio da informação e retratar as ações delas em locais onde a voz dominante não acredita existir nenhuma mulher. Nossa luta é para que as mulheres possam ter mais escolhas, nunca menos, e também garantir que elas façam suas escolhas de maneira informada e consentida, sem que tenham que pedir desculpas por tais decisões”. Disponível em: <<http://thinkolga.com/>>. Acesso em: 05 jun. 2017.

⁷ Descrição do canal: “Não só um canal contra a homofobia. Um canal contra o preconceito, contra a transfobia, a bifobia, a lesbofobia, o machismo. Um canal a favor da diversão, do riso e de viver a vida do jeito que você quiser. E principalmente, sendo quem você é! Canal das Bee, porque uma abelha só não produz nenhum mel”. Números do canal: 324.460 inscritos • 28.653.366 visualizações Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/CanalDasBee>>. Acesso em: 05 jun. 2017.

⁸ Descrição do canal: “Opa! Tudo bom? Este é o meu, seu, nosso canal! Não temos tema nem roteiro, ok? Eu só meio que vou falando e vocês meio que vão ouvindo e a gente meio que vai se amando. Se quiser me mandar um emailzím sobre parcerias maravilhosas: luciana@lucianapimentel.com.br (sim, agora eu tenho uma agente #sofisticada #chiquérrima #poderosíssima)”. Números do canal: 1.131.909 inscritos • 151.406.025 visualizações. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/joutjoutprazer>>. Acesso em: 05 jun. 2017.

Juliana de Faria, a criadora da ONG feminista *A Olga*, diz que resolveu começar a escrever o que desejava ler, haja vista que não achava nem *on-line*, nem *off-line*, as temáticas que a interessava ou até achava, mas não da forma que gostaria que fosse tratada. Esse discurso se estende a Tauane, que criou o *Canal das Bee* porque não se via representada pela mídia de massa, e, o mesmo se deu com o seu segundo projeto “Gorda de Boa”. Júlia queria perder seu medo de críticas, mas quando recebeu os primeiros comentários percebeu que algo diferente passou a mover seu desejo de gravar os vídeos – o sentimento do compartilhado das vivências é o atual combustível para a sua produção.

O exemplo destas três mulheres nos mostra o quanto a rede tem possibilitado, mesmo que não integralmente, a criação de caminhos alternativos para a concepção de falas que ainda não integram o *script* das mídias de massa. Criar conteúdo que se infiltre por eixos temáticos que compõe a sociedade, mas que não têm espaço é sem dúvidas uma das grandes utilidades da *Internet*.

Todavia os meios de comunicação citados não proporcionam uma dupla “personalidade”, como mencionado, eles vêm viabilizando um espaço de escrita mais democrático. Todavia, pelo seu caráter “igualitário”, têm funcionado como um espaço de crescente intolerância, os *haters*⁹ têm se torna figuras cada vez mais presentes, como nos esclarece Eliane Brum em seu artigo *A boçalidade do mal* (2015) em que a autora reflete sobre intensificação do movimento de intolerância com o outro, a partir do acontecimento com a psicanalista Eliane Berger e seu marido, Guido Mantega, que é ex-ministro do governo Lula e Dilma.

Em que momento a opinião ou a ação ou as escolhas do outro, da qual divergimos, se transforma numa impossibilidade de suportar que o outro exista? E, assim, é preciso eliminá-lo, seja expulsando-o do lugar, como no caso de Guido e Eliane (...). A boçalidade do mal, uma das explicações possíveis para o atual momento, é um fenômeno gerado pela experiência da *Internet*. Ou pelo menos ligado a ela. Desde que as redes sociais abriram a possibilidade de que cada um expressasse livremente, digamos, o seu “eu mais profundo”, a sua “verdade mais intrínseca”, descobrimos a extensão da cloaca humana (BRUM, 2015, p. 01-02).

⁹ Os *haters* são internautas que miram um assunto ou uma pessoa específica e começam a atacar no mundo virtual. O ataque de um *hater* pode vir de várias maneiras, mas geralmente as provocações são feitas por comentários públicos ou mensagens privadas. Disponível em: <http://noticias.r7.com/tecnologia-e-ciencia/haters-saiba-tudo-sobre-os-inimigos-da-internet-16082014>. Acesso em: 10 jun. 2017.

A rede mundial de computadores, juntamente, com as redes sociais traz a comodidade do anonimato. A publicação de comentários anônimos ou feito por perfis *fake*¹⁰ proporciona aos seus usuários a “proteção” que eles querem, uma vez que somente pessoas com um conhecimento maior é que teriam como descobri-los. Deste modo, é possível disseminar seu ódio de cada dia de forma tranquila.

Mas a escrita mostra aspectos que ultrapassam o sentido de simples dispositivo de gestão do discurso, ela possibilita a estaticidade da palavra falada, assim como concede a concretização do posicionamento dos seus usuários, retirando do campo da virtualidade e dando-lhe materialidade, fixando-lhe em um lugar específico, que por sua vez permite que ele seja retomado a qualquer momento. Como nos fala Higounet:

Contudo, a escrita é mais que um instrumento. Mesmo emudecendo a palavra, ela não apenas a guarda, ela realiza o pensamento que até então permanece em estado de possibilidade. Os mais simples traços desenhados pelo homem em pedra ou papel não são apenas um meio, eles também encerram e ressuscitam a todo momento o pensamento humano. Para além de modo de imobilização da linguagem, a escrita é uma nova linguagem, muda certamente, mas, segundo a expressão de L. Febvre, “centuplicada”, que disciplina o pensamento e, ao transcrevê-lo, o organiza (HIGOUNET, 2003, p. 09-10).

O cataclismo causado pelas novas formas de lidar com a escrita e a publicação de obras literárias resultou, de certa forma, na retirada dos escritores do lugar sagrado que eles ocupavam até então. Temos neste momento uma reconfiguração do fazer literário que requer um novo tipo de escritor, que faz uso de uma palheta de cores em tons mais crus para compor suas histórias. São pessoas que precisam de um trabalho que lhes garanta a sobrevivência e que residem em seus apartamentos, assim como nós, “os mortais”. Eles tendem a exercer o magistério superior e a escreverem *blogs* para testarem sua escrita, como nos esclarece Lars Iyer (2015):

Hoje, você se senta diante da escrivadinha, sonhando com literatura, passando os olhos pela página “romance” na Wikipédia, enquanto come salgadinhos e assiste a vídeos de gatos e cachorros no celular. Atualiza seu blog e tuíta as coisas mais profundas que consegue pensar para tuitar, labuta em um comentário sobre um *trending topic*, tentando torná-lo significativo. Sussurra nomes como um devoto: Kafka, Lautréamont, Bataille, Duras, na esperança de invocar o espírito de algo que mal entende, algo ilógico e obsoleto e que, ainda

¹⁰ *Fake* em inglês significa "Falso", ou seja, um perfil fake é um perfil falso. Disponível em: <<http://www.seomarketing.com.br/faq-social?url=o-que-e-um-perfil-fake>>. Acessado em 10 jun. 2017.

assim, lhe causa uma preocupação diária. E se pega rindo, a despeito de si próprio, rindo, impotente, rindo de si mesmo, à beira das lágrimas. Você clica em “novo documento” e fica lá, tremendo, olhando fixo para a tela do computador, imaginando que diabos deve escrever agora (IYER, 2015, p. 01).

Seria até esquisito que as modificações sociais que os meios de produção e de comunicação não influenciassessem na produção literária, uma vez que quem a produz encontra-se inserido e sendo acometido por ele. Assim, a produção contemporânea discorre sobre assuntos que tratam de sua perspectiva de mundo, um mundo interligado por tecnologia dos mais variados tipos e que tem adentrado na forma de produção da escrita ficcional.

A ficção das últimas décadas do século XX, juntamente com as primeiras do século XXI, traz as marcas das tecnologias da informação que é assinalada por um contato direto entre autor e leitor e na qual essas figuras meio que se fundem. Dentro deste novo espaço, onde os mortais podiam trafegar e se inscrever, as mulheres, que estiveram fora das montanhas sagradas enxergaram um meio de expressar sua forma de descortinar o mundo em que estavam inseridas e considerando que uma parte significativa delas não se sentia representada pelo conteúdo produzido pela mídia de massa que é dominada pelo sexo masculino.

1.2. (HIPER) LITERATURA: MONTANHA MAIS ACESSÍVEL

A revolução dos meios de comunicação vem afetando nossa forma de ler, como inúmeros estudos apontam. Estes assinalam que a geração Z¹¹, ou pelo menos boa parte dela, é bastante afetada por uma necessidade contínua de estar conectada, como nos mostra Miguel Rettenmaier e Tania Rössing no artigo *A solidão impossível: a (hiper) literatura e o (hiper) leitor*, que se encontra no livro *Questões de Literatura na Tela*, que traz uma série de textos que discorrem sobre o universo da *Internet* e sua usabilidade.

¹¹ Geração Z (comumente abreviado para Gen Z, também conhecida como iGeneration, Plurais ou Centennials) é a definição sociológica para definir geração de pessoas nascidas 2000 até o ano de 2010. A teoria mais aceita por estudiosos é que essa geração surgiu como concepção para suceder a Geração Y, no final de 1982 (começo do Echo Boom). Portanto, é a geração que corresponde à idealização e nascimento da World Wide Web, criada em 1990 por Tim Berners-Lee (nascidos a partir de 1995) e no "boom" da criação de aparelhos tecnológicos (nascidos entre o fim de 1992 a 2010). A grande nuance dessa geração é zapear, tendo várias opções, entre canais de televisão, *Internet*, vídeo game e smartphones. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Gera%C3%A7%C3%A3o_Z>. Acesso em: 07 jun. 2017.

Rössing e Rettenmaier (2011) refletem sobre a geração de jovens denominada de *homo zappiens*, que é composta por jovens que nasceram a partir dos anos 90 do século XX. Estes apresentam em sua arquitetura existencial a necessidade de comunicar-se e manter-se conectado continuamente como nos aponta os autores:

O jovem espécime *homo zappiens* seria um sujeito dotado de importantes habilidades colaborativas, as quais demandariam liderança, planejamento e aptidões sociais. A vida do novo humano seria majoritariamente social, orientada pelo contato com o outro em organizações comunitárias circunstanciais em conformidade com objetivos, desejos, gostos, etc. (RÖSSING; RETTENMAIER, 2011, p. 206).

Os *zappiens* lidam com a informação, assim como com a comunicação de forma diferenciada de seus progenitores, haja vista terem nascido envoltos por uma realidade calcada em cima da disponibilidade destas, quase que integralmente para todos. Logo é natural que eles consigam operá-las de forma mais “natural”, integrando-as de modo orgânico ao seu dia a dia, “zapeando” pelos mais diversos tipos de mídias.

No entanto, não podemos falar que esta mudança alcança cem por cento dos filhos das últimas três décadas, mas é palpável que a cada dia há uma evolução e expansão dos meios, resultando em um avanço do seu alcance, o qual resulta na alteração da forma com que esses seres lidam com o mundo que os rodeiam. Como nos enuncia Pierre Lévy (1993) em *O que é o virtual?*, o teórico discorre sobre a maleabilidade dos corpos humanos através da virtualização deles, em um processo de movência que se adapta aos processos as quais são expostos:

Meu corpo pessoal é a atualização temporária de um enorme hipercorpo híbrido, social, tecnobiológico. O corpo contemporâneo assemelha-se a uma chama. Frequentemente é minúsculo, isolado, separado, quase imóvel. Mais tarde, corre para fora de si mesmo, intensificado pelos esportes e pelas drogas, funciona como um satélite lança algum braço virtual bem alto em direção ao céu, ao longo de redes de interesse e de comunicação. Prende-se então ao corpo público e arde com o mesmo ardor, brilha com a mesma luz que outros corpos-chamas. Retorna em seguida, transformado, a uma esfera quase privada, e assim sucessivamente, ora aqui, ora em toda a parte, ora em si, ora misturado. Um dia, separa-se completamente do hipercorpo e se extingue (LÉVY, 1996, p. 33).

Neste contínuo de adaptabilidade, os descendentes dos *zappiens* apresentam um movimento progressivo de leitura do mundo por meio de telas. Tendo em vista elas estarem por todos os lugares, acompanhando-os desde a mais tenra infância e se proliferam por seu desenvolvimento.

Os *tabletes*, leitores de PDF e de *e-books* (livros feitos para serem lidos, especificamente, em aparelhos eletrônicos), *notebooks*, *smartphones*, a tela da TV – que já traz acoplada a si o acesso à rede mundial de informações. Telas cada vez mais finas e portáteis, que trazem conteúdo para cada fase da vida de seus usuários, fazendo com que eles se moldem ao toque, devido à tecnologia *touchscreen* que essas apresentam. Fazendo com que seus usuários passem a interagir, inclusive, fisicamente com elas o tempo todo.

É nesse novo universo que as mulheres acham espaço para habitarem com a sua escrita de forma mais dinâmica e aberta. Sabemos que escritoras conseguiram falar sobre temas tipos como polêmicos, como é o caso de Cassandra Rios, que em plena ditadura militar escrevia sobre o prazer vivenciado com outra mulher, mas também conhecemos o quão perseguida ela foi. Não podemos falar que a *Internet* possibilita uma produção livre, todavia ela apresenta um ambiente mais fértil para o crescimento desse tipo de temática.

1.3. POR UMA ESCRITA NÃO NORMATIVA

Esta volta ao passado da escrita tem um objetivo neste trabalho, uma vez que era necessário revisitar pelo menos em parte o percurso que ela fez para se estabelecer como mecanismo de construção social. Para, deste modo, termos noção dos caminhos pelos quais ela transitou e os porquês deles, para assim entendermos como ela viabiliza a criação das verdades sociais, uma vez que a história encontra-se construída a partir dos registros escritos, e estes comumente são elaborados a partir de recortes específicos da sociedade, fazendo com que haja uma versão característica dos fatos. Por este motivo, é importante termos acesso a outros meios que nos possibilite verificar outras “verdades”, como nos esclarece Rodrigues (2016):

Os conflitos identitários não são exclusivos de nossa época. Identidades plurais, rasuradas, contraditórias, cambiantes, fraturadas, líquidas, performativas ou sujeitadas (...) sempre tiveram em conflito na história da humanidade, e podem ser revistas se olharmos para a

diáspora do povo judeu no antigo Egito, para os europeus colonizadores que migraram para o Novo Mundo, para os povos nativos da América Latina quando passaram à condição de colonizadores, para os africanos exilados na América sob o regime de escravidão, para os desviantes desde sempre segregados nas infinitas formas de materialização das *Naus dos Insensatos*, para a história milenar de homens e mulheres sujeitados aos regulamentos disciplinadores do poder ocidental, colonialista e androcêntrico (RODRIGUES, 2016, p. 17-18).

No entanto, essa “singularidade” não é mérito apenas da História, a Literatura¹² também padece das imposições desse regime unitário de produção de sentido – branco europeu, cisgênero e heterossexual, posto que os manuais e catálogos literários são compostos basicamente por nomes de escritores homens. E este fato tem explicação, considerando-se que a produção discursiva é marcada pela égide patriarcal, deste modo, ela vem sendo ao longo do tempo privilégio do sexo masculino.

Tanto a História quanto a Literatura passam pelas mãos masculinas, assim, temos uma dicção discursiva própria dessas. Como nos explica Darnthon: “apesar de seus princípios, a República das Letras funcionava de fato como um mundo fechado, inacessível aos desprivilegiados” (DARNTHON, 2010, p. 16). Esta inacessibilidade ao mundo literário vem subsistindo até a atualidade, por conseguinte, sendo necessária a criação de suportes que possibilitem a gênese de uma nova República que tenha espaço para todas as vozes e temas, como fala Silva:

As antigas construções discursivas solidificadas ou calcificadas nas culturas ocidentais foram e estão sendo derrocadas ou desestabilizadas para serem pensadas a partir de outros imaginários que consigam incluir em suas políticas a manutenção das diferenças culturais sem que estas sejam interpretadas como portadoras de traços inferiores e negativos que conduzam à marginalização e, conseqüentemente, exclusão sociocultural, como acontece nas relações de gênero (SILVA, 2007, p. 212).

A centralização da emissão narrativa, a partir da dicção falocêntrica, branca, cis, heterossexual, cristã, ocidental, gera naqueles que não se veem ou não se reconhecem nessa centralidade neutralizadora a necessidade da criação de fissuras na trama discursiva, uma vez que é comum que os que tiveram sua existência narrada de forma

¹² Literatura redigida com a inicial maiúscula neste momento para referenciar um conjunto de obras aceitas pelos teóricos, as quais formariam o cânone literário.

“embasada” pelos locutores oficiais, não consigam se enxergar no texto destes, como nos fala Rodrigues:

Antes os excluídos não tinham direito à voz, não possuíam mecanismos para expressar uma resistência, e por esta razão não tinham a força política e a visibilidade que hoje é perceptível em grupos minoritários, o que nos passa a impressão de que os conflitos identitários são produzidos por nosso contexto histórico (RODRIGUES, 2016, p. 18).

A partir do momento em que as mulheres tecem suas narrativas, elas buscam de certa forma escapar da produção enunciativa fetichista masculina sobre suas existências, saindo do papel de voyeurista discursiva e passando a narrar os cenários a partir da sua visão de mundo. Estabelecendo uma revolução da *parole* como nos ensina Hutcheon (1991), a qual seria composta por uma produção discursiva sobre si, mas que na verdade representaria as do mesmo sexo que o seu.

Por mais que a crítica literária canônica venha fazendo um trabalho de descrédito em cima da escrita feminina, bem como torno das questões de gênero, é quimérico a imposição da não existência de escritos femininos desde o início dos tempos. Sabemos que foi preciso, e às vezes ainda o é, fazer uso de pseudônimos ou simplesmente não assumir a publicação dos textos, uma vez que isso asseguraria/assegura a editoração dos seus trabalhos, como veremos mais à frente.

A partir deste entendimento, é impraticável a não reflexão sobre a “neutralidade” da língua, uma vez que é notório que os “cabeças” sociais se beneficiam com a ideia de uma linguagem que englobe a todos, fazendo com que se acredite que existe uma neutralidade que é benéfica. Todavia, ela mostra que na verdade, ela atende a conveniência dos seus senhores.

Diante deste cenário linguístico restrito e manipulável, a presença de produções diegéticas alternativas foi e é, algo bastante significativo para a sociedade como um todo. Dentro do orbe da narrativa, o procedimento de revelar a história a partir do lugar social que ocupa, expressa um ato de resistência, que os limítrofes tentam realizar ao longo da história, em um movimento de contra a corrente. Como podemos citar com os jornais abolicionistas durante o Brasil Colônia, por exemplo, ou como foi recorrente com parte dos artistas brasileiros durante a ditadura militar, os quais usavam suas produções como mecanismos de resistência e fuga.

Mas dentro desse universo de resistência às forças silenciadoras da malha discursiva falocêntrica, cis, branca, a escrita feminina vem padecendo de forma bastante significativa, posto que há uma imposição da mudez ao feminil¹³, como nos revela Alain Touraine (2010). De acordo com o autor, o ato de erigir-se através de si constitui como uma postura de resistência, assim como de contraposição à disciplina imposta ao sexo feminino, fazendo com elas percam o local de protagonistas de sua existência.

Uma vez que por muito tempo e talvez até hoje, em menor escala, tenha sido negada a subjetividade e a autonomia às mulheres, que são princípios básicos da criação discursiva, visto que aquele que fala, o faz do lugar que ocupa. Deste modo, ao se retirar a possibilidade de ocupação do espaço público pelo feminino, veta-se o direito à palavra, gerando assim uma manipulação discursiva velada.

Esta manipulação discursiva, característica do patriarcado, gera um sentimento de estrangeirismo linguístico para as mulheres dentro do sistema idiomático. O sentimento de não pertencimento ao código falado é uma das ferramentas mais eficazes de dominação, haja vista que a língua é quem “cria” as coisas, posto que só “existe” o que tem nome. Por conseguinte, se você não consegue se “encontrar” no discurso, sentir-se pertencente a ele, há um esvaziamento estrutural do ser.

Dessarte a produção discursiva feminina funciona como uma “máquina” que reterritorializa as suas semelhantes. Para tal entendimento é preciso que nos atentemos ao conceito de reterritorialização de Deleuze e Guattari (1996) que explica este conceito como sendo o procedimento de criação de um território próprio. Ao parir um espaço intrínseco, deixa-se o que é canônico – tudo aquilo que é usual, tido como neutro.

No entanto, o desenvolvimento de um local próprio, aqui posto, não significa sair do território oficial, mas sim usar esta superfície de forma distinta, dobrando-o e criando rasuras em sua estrutura. Moldando essa zona de livre acesso a partir das vivências e necessidades que o feminil apresenta, como nos explica Todeschi: “É desterritorializar a história maior, fugir, escapar do território oficializado, promovendo distorções dentro do código/norma, desnudando os silêncios, criando torções, deslizamentos, ruídos; enfim, entrando pelas fissuras (TODESCHI, 2016, p. 71)”.

Obviamente que esse processo de desterritorialização da escrita/existência feminina não é aceito facilmente, já que ele viabiliza um recontar da história oficial. Através dele tem-se a chance de recriação da funcionalidade dos papéis sociais,

¹³Feminil: Do sexo feminino ou a ele relativo.

Disponível

em:

<<https://www.priberam.pt/dlpo/Feminil>>. Acesso em: 11 jul. 2017.

subvertendo, assim, a ordem estabelecida pela dicção masculina ao longo do percurso da história oficial.

1.4. DO MENOR, O MAIOR

Quando Deleuze e Guattari utilizaram a categoria “literatura menor” para analisar a produção literária de Kafka, foi com o objetivo de mostrar como o judeu-tcheco conseguiu utilizar a imposição cultural alemã a seu favor, tendo em vista que ele utiliza o idioma alemão para escrever seus textos, assim ele apodera-se da língua “superior” e consegue galgar espaço no seletivo ambiente da literatura germânica.

O mérito da escrita de Kafka não reside no idioma que ele escreve. Quando nos referimos à qualidade literária, todavia, o uso dele é o que faz com que os teóricos citados voltassem seus olhos para ela e a utilizassem como objeto de estudo, tendo em vista que o uso da língua mostra como o autor conseguiu subverter o regime.

A terminologia “literatura menor” baseia-se em três elementos. A primeira diz respeito à desterritorialização da língua, que consiste na retirada da realidade que é inerente dela. Assim, a literatura menor desloca o território dos sentidos estabelecidos, os realocando em espaços distintos e os ressignificando. A segunda é a ramificação política, que diz respeito ao fato desse tipo de literatura ser em si um ato político, dado que cria elos, territórios antes esquecidos. Finalmente, a terceira reporta-se ao fato dos textos que se enquadram na categoria supracitada assumirem o papel de ator coletivo, uma vez que ao serem publicados seus princípios, deixam de pertencer ao escritor e passam a representar a coletividade daqueles que vivenciam as mesmas ou experiências parecidas.

Menor então se refere ao ato de apossar-se do aceito, estabelecido e utilizá-lo de forma díspare. Quando nos atemos aos escritos postados no portal LETTERA, temos acesso a uma produção que apresenta as três categorias supracitadas, visto que ela faz uso de termos correntes e os ressignificam, como por exemplo, a palavra *sapatão*, que sempre carregou uma carga negativa, todavia as autoras a positivam, dando outro valor semântico.

Em ocasião da escrita e publicação dos textos, temos que estas ações são práticas políticas, posto que o sistema literário brasileiro (restringo ao nosso porque não tenho conhecimento sobre todos os demais) é heteronormativo e não é muito receptivo a temas que discordam disso. O fato de mulheres lésbicas escreverem, narrarem histórias

que apresentam protagonistas femininas e desejanter pelo seu sexo é uma postura bastante significativa.

Infelizmente algumas histórias ainda apresentam casais heteronormativos de lésbicas, nos quais o binarismo de gênero é bastante intenso. Esta prática era mais recorrente nas publicações do ABCLes. O LETTERA vem apresentando uma diversidade maior de personagens, fato que tenho associado de certa forma aos projetos que acontecem no grupo do *WhatsApp*, que iremos analisar pormenorizada no terceiro capítulo. Temos um leque de corpos, cores, classes que estão sendo utilizados nos enredos.

Por fim, encontramos nos comentários a importância que esses escritos têm, onde mulheres que nunca tinham visto sua sexualidade representada conseguem se enxergar. Encontram nas linhas dos romances, poemas e contos suas emoções ou algo parecido com o que sentem.

As autoras do portal agenciam novos sentidos e formas de lidar com os desmandes sociais, reformulam categorias e as reapropriam de acordo com sua visão de mundo.

De um lugar tido pela sociedade patriarcal como “menor”, as mulheres tecem suas narrativas, alinhando ao tecido discursivo suas histórias de amor, o cuidado, a maternidade, mas também as misérias impostas pelo apagamento histórico vivenciado – os casamentos arranjados, as violências sexuais, psíquicas, do medo de não conseguir um pretendente. A agulha afiada e assertiva do modelo social falocêntrico cercou o feminino de interdições, as quais ainda reverberam até à atualidade.

Mesmo vivenciando um cenário de impedimentos, as mulheres criavam (e ainda criam) fissuras na tela que lhe era prescrita, em falas recortadas cuidadosamente para não afrontar a égide masculina. Elas aprenderam a usar o privado como mecanismo potencializador, reconfigurando as ferramentas que disponham para problematizarem a ordem social.

Mesmo sem o privilégio que é o direito a um cômodo próprio, um espaço de encontro com sua subjetividade que permite a reflexão, ruminação e digestão dos fatos como nos fala Virginia Woolf (1990) em seu livro *Um teto todo seu*, elas conseguiam se expressar e trazer à tona suas existências. Essa dobra dos lugares “indevidos” faz da escrita feminina diferenciada.

Na presença do exposto, a abstração feminina precisou ser desenvolvida e foi nutrida a partir da observação nas salas de chá, nos salões, do incômodo do inclausuramento coletivo, compartilhado com as outras mulheres de sua casa.

Falamos sobre uma escrita envolta pelas paredes, mas esta é característica das mulheres que eram provenientes de famílias abastadas, uma vez que as advindas de núcleos familiares compostos pelas camadas produtoras de bens e serviços “vivenciavam o público”. Elas tinham acesso ao que era “de fora” e isso ocorria desde a infância, haja vista que até o instante que família significava uma unidade de produção esses (mulheres e crianças) desempenharam funções significativas, como nos relata a socióloga Heleieth Saffioti:

A mulher das camadas sociais diretamente ocupadas na produção de bens e serviços nunca foi alheia ao trabalho. Em todas as épocas e lugares tem ela contribuído para a subsistência da família e para criar a riqueza social. Nas economias pré-capitalistas, especificamente no estágio imediatamente anterior à revolução agrícola e industrial, a mulher das classes trabalhadoras era ativa. Trabalhava no campo e na manufatura, nas minas e nas lojas, nos mercados e nas oficinas, tecia e fiava, fermentava a cerveja e realizava outras tarefas domésticas (SAFFIOTI, 1976, p. 32).

No entanto, sua liberdade trazia uma série de restrições ao contrário da masculina, afinal a liberdade feminina é bastante diferente da masculina. Assim, temos como nos ajuda a compreender Gallo (2002) “sua existência é política”, conseguir sobreviver em meio às constantes proibições torna-se um ato político, principalmente quando elas conseguem subverter a diretrizes comportamentais, manipulando de forma airoso o controle sobre si.

O ato da escrita corrobora de forma muito expressiva com as rachaduras que o feminil busca fazer na planície do patriarcado. Mesmo que sua escrita seja apontada como menor, visto que é esse “menor” que faz dela maior. Não estamos nos atendo ao conceito de menor e maior dentro do binarismo que lhe foi dado, mas a partir da visão deleuziana de que o menor se realiza dentro do maior.

Ao dobrar o sentido de menor, subvertendo a sua ordem hermenêutica, a qual está estabelecida no senso comum, temos o preâmbulo de uma discussão que reverbera pela tradição literária, que diz respeito à qualidade das narrativas femininas.

Talvez alguns professores ou leitores considerem ser necessário que nós tivéssemos nos atido a um estudo sistemático da teoria da Literatura, no que tange ao

que é considerado Literatura ou o que não o é, no entanto, no nosso entendimento, estaríamos tentando enquadrar o conjunto de narrativas que se encontra no portal dentro dos parâmetros estabelecidos por teóricos brancos, cis, heteronormativos, cristãos, ocidentais, que, inclusive, ainda não estabeleceram um entendimento uniforme sobre os elementos necessários para um texto ser considerado literário ou não.

Estaríamos também navegando no mar revolto que se forma a partir da tradição da teoria da Literatura, a qual é dotada de formas bastante fixas, enquanto esses escritos se caracterizam por serem amorfos ou no mínimo muito fluídos quanto à sua construção. Seu talhe é feito e refeito, até pelo fato do meio no qual eles são produzidos os permitirem. As ciberautoras reformulam sua produção a qualquer momento, sem que haja, na maioria das vezes, aviso às suas leitoras.

Somado ao exposto, o fato de não haver um consenso real sobre o que faz de um texto ser literário ou não, nos parece que continuar insistindo na tentativa de encaixar o *corpus* do nosso estudo dentro de teorias de caráter mais “tradicional” não cumpre nosso objetivo. Em vista disso, optamos por empregarmos nossa energia na busca pelo entendimento de como essa produção opera não só como objeto de deleite, mas como um movimento de resistência às forças normativas quanto ao sexo, raça, classe e sexualidade.

1.5. ESCRITURAS DESEJANTES: NARRANDO DO E NO SEU TERRITÓRIO

Escrever sobre um assunto que se deseja ler ou viver é algo que vai além do simples desejo de narrar. Estes escritos falam mais do que está visível em suas linhas, eles adentram no campo do entendimento de si, por caminhos percorridos ou não, desejáveis por umas e partilhado por outras.

Esta literatura elaborada por mãos lésbicas é pensada, pelo menos num primeiro momento – como nos relata as ciberescritoras do LETTERA – para serem degustadas por aquelas que se enlaçam e se perdem nas águas do feminino. É escrita também para as que desejam vivenciar o narrado e ainda não tiveram a oportunidade ou coragem de fazê-lo. E por fim, para as que querem ler algo que fuja ao nicho de temas que foram expostas até o momento, que desejam nadar por águas literárias distintas das indicadas pelas revistas semanais.

Ao transformar suas vivências e desejos em material para seus escritos literários, essas mulheres (as do portal) adentram em um universo da escrita de experimentação de

si mesmas ou de uma escrevivência como nos ensina Conceição Evaristo em seu texto *Dos sorrisos, dos silêncios e das falas*. A autora mostra como a história do *blues* encontra-se intimamente associada à vida das mulheres negras que eram trazidas à força para os Estados Unidos da América e vivenciavam uma alta carga de *estresse*. Assim, elas o criam como mecanismo de sobrevivência e subversão ao novo sistema social a que eram submetidas.

Consoante ao aprendido com Evaristo sobre a criação do estilo musical citado, temos então que a escrita de mulheres lésbicas na rede funciona de forma análoga, posto que escrever as ajudam a sobreviver às imposições que o Estado, a igreja e a família as prescrevem. Evaristo cita que “entoar o *blues* parece se tornar, portanto, uma arma para encararem a vulnerabilidade a que se acham expostas, por uma condição étnica (EVARISTO, 2009, p. 27)”. Escrever, portanto atua equivalente, só que pelo desejo discordante.

Mas qual a importância do *blues* e da literatura afinal? Caso não tenha ficado claro até o momento, é preciso falar a importância de viver de forma menos dolorosa possível, visto que os grupos mencionados eram e ainda são expostos a uma carga psíquica estratosférica quando pensamos nas imposições do modelo socioeconômico neoliberal, o qual a cada dia vem impondo mais restrições aos que “fogem” aos seus ideais.

Dotados do fato citado, faz-se necessário analisarmos como este modelo social tem infligido suas forças sobre quatro categorias que nos são muito quistas ao pensarmos em representatividade, são elas: sexo, raça, classe e sexualidade. A partir delas podemos inferir nos porquês da necessidade e da importância de uma literatura de representatividade.

Durante até pouco tempo, as mulheres não tinham direito à voz, conseqüentemente também não desfrutavam do privilégio de escrever. É certo que a escrita feminina começou bem antes de 1930, no entanto, essa data é uma espécie de marco para o movimento literário feminino.

Por uma série de marcos (raça, cor, sexualidade, renda entre outros) há dentro do escalonamento das minorias aquelas que estão “mais à margem”. Ao falarmos que as mulheres, que na verdade correspondem à maioria da população brasileira, têm dificuldade para publicar seus escritos, vemos que a situação agrava-se significativamente se elas forem negras, por exemplo.

Um bom exemplo para mensurarmos o exposto é o caso vivenciado pela escritora Carolina Maria de Jesus que teve suas obras contestadas pelo primeiro jornalista que a entrevistou. Segundo ele, um texto daquela “qualidade” não poderia ser concebido pela mente de uma mulher e por uma mulher negra da favela.

As marcas que os corpos femininos carregam funcionam como índice para posicioná-lo dentro da bolha que o modelo neoliberal criou, tendo em vista que este traz um roteiro com personagens desenvolvidos especificamente para o desempenho de cada tarefa que ele precisa para funcionar de forma absoluta, portanto, é preciso refletir sobre o papel que cada insígnia carrega, como nos fala Falquet:

El feminismo ha demostrado que la opresión patriarcal coloca a las mujeres en una posición social estructuralmente muy diferente de la de los varones en casi todas las culturas que se conocen. Para vivir su cuerpo, ejercer su sexualidad y, simplemente, vivir, las mujeres están ubicadas en condiciones bastante menos ventajosas que los varones, aunque fuesen ellos homosexuales (FALQUET, 2006, p. 22).

Em *De la cama a la calle: perspectivas teóricas lésbico-feministas*, Jules Falquet concebe um estudo, que é dividido em duas partes. Na primeira ela faz uma breve análise sobre algumas teorias lésbicas, mostrando as lutas e os principais debates sobre elas. No segundo momento ela traz um panorama sobre o envolvimento amoroso entre mulheres *lesbianas*. Em face deste estudo, temos acesso a um quadro sobre questões que atuam sobre a existência das mulheres lésbicas e que precisam que se tornem objeto de reflexão, tendo em vista a necessidade de de o quê? para mudança de perspectiva sobre elas.

Esse tipo de conhecimento que Falquet nos proporciona, contribui para uma ampliação da nossa visão sobre a importância dos afetos no combate a um leque de forças opressivas, tais como: o sexismo, sistema de classes, questões de raça e da heterossexualidade compulsória, como também nos fala Adrienne Rich.

Em decorrência da necessidade de falar, dar vida às práticas lésbicas é que os escritos literários tornam-se artificios substanciais na mudança de paradigma. Ao escrever sobre relacionamentos protagonizados por duas mulheres, vai ocorrendo um processo de materialização de sua existência.

Então é preciso escrever e o fazê-lo em todas as mídias possíveis, inscrever para romper, para existir, para sobreviver, para tornar “comum”. Comunicar e transmitir até

que esteja grafado a sua existência. Desejar e amar para modificar a aridez das caixas sociais e desfazer as paredes que as formam.

Escrever para conseguir escapar, nem que seja por alguns instantes do modelo heteropatriarcal, demonstra-nos como essas mulheres, que não são literatas por profissão, conseguem, mesmo de forma involuntária – já que nem todas têm consciência de que sua escrita é também um ato político – atuar na criação não só de uma literatura que retrata a sua realidade, mas de um artefato capaz de originar rachaduras do sistema.

Com ares de folhetim romanesco e/ou diário íntimo, as cibernarrativas se apresentam de inúmeros formatos, seja em forma de poema, romance, crônicas, ficção científica. Com enredos alicerçados sobre histórias de amores condenadas pela sociedade heteronormativa, as heroínas de vida comum ou não, ricas, pobres, negras, mestiças, brancas, vem vivendo sua ficção em tons de realidade. Aos poucos as ciberautoras veem aumentando o leque de diversidade das suas personagens.

Os ciberescritos apresentam pontos comuns no que tange às temáticas narradas. É comum, por exemplo, que tenhamos acesso a textos que falem sobre o processo de aceitação de si, como da família e do núcleo social do qual faz parte. História de superação pessoal, assim como de abuso sexual percorrem boa parte dessas narrativas.

A recorrência da presença de estupro dentro das narrativas apresenta-se como um sintoma, o qual pode ser lido como consequência do modelo social heteropatriarcal em que estamos inseridas, que enxerga o corpo feminino como um pedaço de terra que ele pode e deve colonizar com seu poderoso membro sexual.

Estima-se que a cada 11 minutos uma mulher seja vítima de violência sexual no Brasil¹⁴. No entanto, especialistas consideram que esta estimativa não consegue expressar verdadeiramente a extensão do problema. As autoridades assumem que esse número é subnotificado e que eles não têm como mensurar o número correto. A imprecisão dos dados mostra a ineficácia do Estado em tratar desta verdadeira epidemia.

Se não é possível saber sobre o total dos casos de estupro, é quase impossível sabermos quanto desse montante foi praticado para correção da orientação sexual. O estupro corretivo é uma prática antiga e, infelizmente, recorrente.

Não podemos inferir que as repetições de cenas de estupro nas narrativas sejam decorrentes de violências sofridas pelas ciberescritoras, todavia elas nos apontam a existência do problema e como ele encontra-se presente na vida das mulheres lésbicas.

¹⁴ Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2016/05/30/numero-de-casos-de-estupro-no-brasil-pode-ser-10-vezes-maior.htm>>. Acesso em: 17 jun. 2017.

Mas diante desse quadro de horror e violência, temos o amor que surge como o redentor dos males e que reverbera pelas linhas dos ciberescritos das mais variadas formas. O desejo por um final feliz faz com que suas personagens se inventem e reinventem para alcançar o tão sonhado “felizes para sempre”.

A necessidade de um final feliz é quase que uma regra absoluta nestes cibertextos, tendo em vista que é quase unânime que as protagonistas terminem a narrativa bem e juntas. No entanto, é preciso que reflitamos sobre o porquê disso.

Uma das possíveis explicações para o exposto acima reside no fato de uma parcela significativa das obras que apresentam personagens lésbicas trazerem um final infeliz com pelo menos uma morte.

Para termos noção sobre a extensão da “matança”, é somente em 1952 que temos o primeiro romance protagonizado por um casal de lésbicas com um final feliz. O livro *Carol* de Patrícia Highsmith, que marca a historiografia da literatura lésbica. É preciso lembrar que quando o livro foi lançado ele trazia o pseudônimo da autora – Claire Morgan.

No *site* da editora L&PM encontramos em seu catálogo o texto citado de Highsmith e uma sinopse do mesmo. Abaixo do pequeno resumo do livro há duas curiosidades sobre a autora. A primeira é que ela revela que trabalhou em uma loja de departamentos e que um dia viu uma mulher que usava um casaco de pele e que essa se destacava de todos, assim como sua cena em que as personagens se conhecem. A segunda é que após a publicação do texto, ela passou a receber entre 10 e 15 cartas por semana, endereçadas a seu pseudônimo agradecendo ou pedindo conselhos.

Para a autora, a razão do sucesso era a seguinte: “Antes deste livro, os homossexuais, masculinos e femininos, nos romances americanos, eram obrigados a pagar pelo seu desvio cortando os pulsos, se afogando em piscinas, ou mudando para a heterossexualidade (assim se afirmava) ou mergulhando – sozinhos, sofrendo, rejeitados – em uma depressão dos infernos” (HIGHSMITH apud L&PM, s/d)¹⁵.

Reza a lenda que antes disso Cassandra Rios teria escrito o primeiro final feliz para um casal de lésbicas, no entanto, não sabemos se está informação é realmente

15

Disponível

em:

<http://www.lpm.com.br/site/imprimir.asp?Template=../livros/layout_produto.asp&CategoriaID=636453&ID=527173>. Acesso em: 15 jun. 2017.

correta, tendo em vista que parte da produção da autora foi queimada durante a ditadura militar no Brasil.

A persistência do tema do amor que vence a tudo e a todos nestes escritos, ajuda-nos a entender um dos objetivos dessa ciberescrita que é o de retirar os maus augúrios que existem em volta das relações lésbicas, afinal amar alguém do mesmo sexo que o seu não precisa ser anúncio de uma tragédia. Ao criar finais felizes para as suas personagens, há uma espécie de positividade da existência delas, fazendo do amor um ato político.

Em decorrência do exposto até o momento, fica claro que a escolha temática das cibernarrativas não é feita de forma aleatória, há um propósito ao naturalizar as relações lésbicas. Outro fator que contribui para a escolha dos temas pelas ciberescritoras é a opinião das suas ciberleitoras, tendo em vista que é comum que haja consultas por parte da primeira à segunda.

Três canais se mostram bastante frutíferos na interação entre leitoras e escritoras do portal, são eles: os comentários deixados após cada *post* – que é a “porta de entrada” para o contato – a página na rede social *Facebook* e o grupo do *WhatsApp*. Este trio proporciona o que se denomina escrita compartilhada, que é uma característica de alguns escritos contemporâneos. Iremos nos ater de maneira mais detalhada ao assunto nos próximos capítulos.

Com base na análise das conversas diárias entre as meninas do grupo no *WhatsApp*, é possível compreender como a necessidade da fala é recorrente e como isso impulsiona a escrita. Não se ver nos textos é incômodo, causa a sensação de não pertencimento e de anormalidade. Concluimos então que a escrita delas é impulsionada pela falta. A necessidade de se “ver” nas narrativas faz com que elas se movam no intuito de diminuir um pouco dessa vedação temática.

Mesmo falando sobre representatividade na escrita através do diálogo entre escritoras e leitoras, não é possível afirmarmos que esta é plenamente baseada em fatos reais, assim como também não é certo dizer que não. A figura da narradora-personagem, apresentando uma versão dos fatos em primeira pessoa em boa parte das cibernarrativas, assim como o uso de elementos da linguagem oral, proporcionam um tom de casualidade que transmite a sensação de estarmos ouvindo confissões de uma amiga.

Os escritos literários femininos apresentam uma tendência de se mostrarem mais “pessoais”. Talvez isto seja decorrente da apropriação de gêneros literários como o

epistolar, o diário íntimo, ou simplesmente pelo fato dele não ser reconhecido como existente, posto que ainda é visto como um subgênero.

Contudo, temos acesso por meio das cibernarrativas às histórias de vidas, existências que por muito tempo formam apagadas da História e da Literatura e que agora encontram no ciberespaço um lugar de brotar, crescer e gerar frutos e frutos bons.

O uso da *Internet* como espaço de fala, existência e resistência, cria uma espécie de processo de humanização da rede, na perspectiva dela propiciar um espaço para acolhimento de vozes silenciadas e solitárias pela sociedade heteropatriarcal.

A rede vem perpassando a existência humana, no final do século passado e nas duas décadas do atual em tons colossais, como já mencionado. Sua disseminação mostra-se como lugar em que é possível pensar fora das caixinhas, de questionar os sistemas de dominação, de refletir sobre um universo de temas que integram a existência humana, além de criar diálogos entre pessoas em locais distintos do planeta Terra, como nos fala Domingues:

Os inventos da era industrial, como o cinema, o impresso, o rádio, mesmo tendo incidência sobre os processos internos de produção e pela aculturação de alguns setores dominantes, não eram responsáveis pelas mudanças tão violentas como as que a eletrônica vem assumindo no momento atual. As informações através de imagens impressas e faladas circulavam em alguns segmentos da sociedade, mas os setores produtivos podiam funcionar sem elas. Hoje, tudo passa pelas tecnologias: a religião, a indústria, a ciência, a educação entre outros campos da atividade humana estão utilizando intensamente as redes de comunicação, a informação computadorizada, e a humanidade está marcada pelos desafios políticos, econômicos e sociais decorrentes das tecnologias. A arte tecnológica também assume essa relação direta com a vida, gerando produções que levam o homem a repensar a sua própria condição humana (DOMINGUES, 2003, p. 23).

Um dos pontos mais significativos desta nova forma de fazer artístico encontra-se no fato dele conseguir “mover” categorias estabelecidas com a do expectador e produtor. Isso pode ser facilmente comprovado quando percebemos o resultado da interação entre as mulheres que compõem o LETTERA. Quando, por exemplo, até sabemos quem começou a escrever a narrativa, no entanto a continuação da mesma encontra-se atrelada a outras vozes e mãos que se disponibilizam a ajudar na escrita.

Pensar numa produção que é resultante de outras figuras além da sua autora começa a desestabilizar o que passamos anos entendendo como “o fazer artístico”, que se alicerçava na ideia de algo solitário e de total responsabilidade da artista.

Esta nova forma de produção possibilita também a saída da monocultura disponibilizada pelas mídias de massa, como a TV e as revistas semanais, tendo em vista a multiplicidade de pessoas que consegue mostrar suas criações através da *Web*, sem que seja necessário passar pelo crivo de profissionais da área.

Esta ferramenta de criação “livre” viabiliza um espaço humanizado de produção cultural, no qual a interação de vozes dissidentes e invisibilidades encontram espaço para sua existência.

1.6. LITERATURA FORA DA CAIXA

A definição do portal que aparece em sua *homepage*¹⁶ – *LETTERA Literatura Lésbica LGBT* – é bastante elucidativa para darmos continuidade às discussões postas até aqui. Como referido, falarmos em um conceito sobre Literatura é uma demanda árdua, uma vez que sequer temos um conceito “fechado”, consensual. Por conseguinte, tentar doutrinar o que seria “Literatura Lésbica” nos parece mais infrutífero ainda, todavia acreditamos que o texto literário deveria ser universal, não tendo assim, “caixinhas” temáticas.

O não encaixotamento da Literatura nos permitiria uma maior liberdade conteudística, bem como uma economia significativa de tempo para nos atermos aos aspectos textuais. Possibilitaria também um aprofundamento teórico sobre as obras, que não seriam rechaçadas em primeira instância por terem sido escritas por uma mulher.

Infelizmente ainda é comum que haja uma resistência por partes de alguns ao se deparar com o livro escrito por mãos femininas. Para estes videntes literários, toda produção feminil trata de temas menores, como nos fala Mônica Sant’Anna (2006) em seu artigo *A escrita feminina e as suas implicações: A recorrência ao corpo como signo de identidade*. Segundo a autora:

Traduz igualmente a existência de uma prática alternativa à cultura literária homológica e patriarcal, ou de uma “escrita do avesso” que inverte a tradição e sublinha sempre a *obliquidade* em que se estrutura a relação que as mulheres mantêm com a linguagem, com a cultura e com o poder dominantes (SANT’ANNA, 2006, p. 02-03).

¹⁶ *Homepage*: página inicial de um *site*.

O uso do termo “menor” neste momento ocupa-se do sentido dado pela crítica “especializada”, refere-se ao fato da literatura feminina historiar o que ela entende por “limitações do sexo”, ou seja, é uma escrita que se preocupa em narrar sobre o universo doméstico, inquietando-se com as fronteiras impostas pelo cotidiano ao seu ser, à subjetividade das suas autoras. O tom intimista usado por suas literatas faz com que haja demérito por isso.

Um bom exemplo do preconceito e do descrédito sofrido pelas trabalhadoras das palavras, foi vivenciado pela ensaísta e romancista Lúcia Miguel Pereira, que nas palavras de Agrippino Grieco, em seu texto *Evolução da prosa brasileira* (1947) avalia a dona de uma clareza e assertividade teórica digna de um “verdadeiro” homem. O comentário de Grieco mostra-nos a compreensão desses “senhores do saber teórico-literário” sobre a escrita feminina.

Não quero entrar na querela de que eles não são aptos a mensurar o que é Literatura, ao julgar que seus currículos falam por si só. Todavia comungo do entendimento de teóricos que têm se empenhado no estudo pormenorizado de obras contemporâneas e nas variáveis que as rodeiam, como por exemplo, Josefina Ludmer (2007), que fala sobre a não necessidade do emolduramento dessas produções dentro do “quadro” do que venha a ser considerado Literatura. Nas palavras da teórica:

Essas escrituras não admitem leituras literárias; isto quer dizer que não se sabe ou não importa se são ou não são literatura. E tampouco se sabe ou não importa se são realidade ou ficção. Instalam-se localmente em uma realidade cotidiana para “fabricar um presente” e esse é precisamente seu sentido (LUDMER, 2007, p. 01).

Não estamos diante de um trabalho que busca refletir sobre um conjunto de textos que estão em trânsito, em que não há uma preocupação das ciberautoras sobre o fato de seus escritos adentrarem ou não ao higiênico campo da Literatura. Elas estão mais inquietas com a necessidade de escreverem sobre temas que gostariam de encontrar em livrarias, sejam *on-line* ou *offline* e não conseguiam. Então resolvem fazer com suas próprias mãos, de forma quase ensaística, ou seja, vão tentando, experimentando e pedindo auxílio às suas leitoras, já que boa parte não conhecem as técnicas literárias.

Em vista da lacuna deixada por um mercado editorial fechado, o acesso às narrativas protagonizadas por personagens lésbicos é mais “fácil” via *Internet*, não só sua leitura, mas também sua publicação.

É preciso que entendamos que o “fácil” usado por elas implica uma série de fatores tanto no que tange à escrita como à leitura. Temos assim que “fácil” pode ser lido como sendo sinônimo de acessível, visto a disseminação de celulares na última década – fácil porque o suporte utilizado mimetiza a temática acessada para a sociedade, fazendo com que “não haja julgamento” pelo conteúdo acessado – fácil quanto ao preço, tendo em vista que para ler e/ou publicar no portal não gera gastos adicionais, além do acesso à rede e o com os dispositivos que, geralmente, não é utilizado para este único fim.

Ludmer (2007) nos auxilia na compreensão do entendimento que as ciberautoras do portal referido têm de sua produção. Para a autora, essa “escritura diaspórica” quebra ou pelo menos deforma a percepção do que é literatura, assim como das fronteiras entre realidade e ficção:

Porque essas escrituras diaspóricas não só atravessam a fronteira da “literatura”, mas também a da “ficção” (e ficam dentro-fora nas duas fronteiras). E isso ocorre porque reformulam a categoria de realidade: não se pode lê-las como mero “realismo”, em relações referenciais ou verossimilhantes. Tomam a forma do testemunho, da autobiografia, da reportagem jornalística, da crônica, do diário íntimo, e até da etnografia (muitas vezes com algum “gênero literário” enxertado em seu interior: policial ou ficção científica, por exemplo). Saem da literatura e entram “na realidade” e no cotidiano, na realidade do cotidiano (e o cotidiano é a TV e os meios de comunicação, os blogs, o e-mail, *Internet*, etc). (LUDMER, 2007, p. 02).

A escrita contemporânea encontra-se num entre-lugar, onde a ficção já não pode ser entendida no sentido estrito daquilo que não é real, a que foi criado pela imaginação humana. As forças criativas estão num processo de movimentação, movendo algumas pedras do lugar, todavia outras parecem ser desencadeadoras de problemas maiores e assim devem continuar imóveis. Dentre eles, as questões que tangem sexualidades discordantes é uma das que continuam imexíveis dentro da esfera da produção editorial.

Quando a escritora Virginia Woolf escreve seu emblemático ensaio *Um teto todo seu*, ela joga com sua capacidade malabaresca de lidar com as palavras, as quais lhes

servem tão bem. A autora molda um discurso dotado de um tom crítico, o qual não é percebido por um leitor desatento.

O texto de Woolf (1990 [1929]) requer um olhar atento do seu expectador. Segundo ela, seu ensaio pode ser entendido de duas formas completamente distintas, a primeira como sendo uma arma eficaz contra a “guerra”¹⁷ do machismo literário e por outro lado pode ser visto como algo banal, haja vista tratar de sentimentos de mulheres que passam seus dias ocupando salas de estar. Não sendo necessário, deste modo, dispersar grande atenção para ele.

Os literatos deveriam entender e vivenciar a frugalidade quanto a não necessidade de fixar parâmetros de gênero e nem tão pouco de temáticas específicas para ajuizar a qualidade de um texto. Haja vista, isto ser de extrema valia no processo de ruptura do ciclo vicioso do descrédito literário por questões que tangem o gênero de quem escreve.

No entanto, é possível identificarmos, facilmente, que o universo literário ainda padece sobre o julgo da égide dos críticos, bem como dos grandes chefes editoriais no que tange ao que pode, deve e merece ser lido, ao chegarmos nas principais livrarias do país, as estantes estão cheias de cima a baixo de títulos publicados por homens. Os estandes sóbrios e majestosos, postos nas entradas desses espaços de venda de saberes, ostentando uma grande diversidade de temas, trechos e capas reluzentes assinadas pelo absolutismo masculino.

Em contrapartida a essa magnificência dos estandes que divulgam trabalho literário masculino, temos os que divulgam os livros escritos por mulheres, os quais apresentam certa predominância tons que se convencionou ser relativas ao feminino. E expõe títulos que giram em torno da maternidade, cuidado com o corpo ou sobre autoajuda.

Obviamente que autoras conseguem publicar temas diversos dos citados, no entanto há um esmagador restringimento temático por parte do mercado editorial, fator que parece ser decorrente ou justificado pela formação educacional, social e familiar dos “cabeças” desse setor.

Todavia projetos como o “Leia Mulheres” vêm alterando de forma significativa esses paradigmas, uma vez que traz para “as mãos” dos leitores, obras de temática diversificada escrita por mulheres.

¹⁷ O termo guerra é utilizado pela própria autora no texto.

É evidente que todos têm o direito de preferir certos temas, bem como viverem segundo suas ideologias, mas é preciso que tenhamos cuidado com o fato das nossas convicções não sejam geradoras de opressões. Como nos fala Paulo Freire: “Não existe imparcialidade. Todos são orientados por uma base ideológica. A questão é: sua orientação ideológica é inclusiva ou excludente” (FREIRE, 1987, p. 17).

Dentro da perspectiva de aceitação das diferenças, não podemos excluir esses senhores das Letras, haja vista, não queremos criar nosso próprio fascismo, no entanto é preciso, em caráter de urgência, que ocorra uma reformulação do pensamento crítico. E que paremos de corroborar com certa inércia que se instaurou no campo da teoria da Literatura.

É preciso lembrar que hoje a maior parte do “seleto” grupo de estudiosos e consequentemente dos integrantes do mercado editorial brasileiro é composto por homens e que esse fato gera certo engessamento no campo literário.

Em decorrência do narrado, é meio óbvio que não há um número expressivo de mulheres dentro do universo teórico e ensaístico da literatura. No que tange ao mercado editorial, a questão não é menos complicada. Mas é preciso que esse feminino seja verdadeiramente ético e humano, para que todas e qualquer ser consiga escrever e publicar, tendo em vista as profundas raízes da heteronormatividade patriarcal nos corpos e mentes femininas. É preciso potencializar os territórios de fala para que tenhamos acesso a escritos que ultrapassem as questões de gênero e sexualidade.

Então como o feminino poderia apossar-se ou simplesmente integrar-se a este lugar cercado por arame farpado que fere a pele das mãos das mulheres que ousam adentrá-lo? Se não há porteira que nos leve ao interior deste lugar sagrado de produção discursiva social via obras literárias, só nos resta “pularmos a cerca” e, caso precise, cortarmos com nossas vaginas multitarefas a liga metálica que os protege, violando as regras, quebrando o elmo cristalino da Literatura testosteronizada.

Para rachar com o cercado construído em volta dos espaços de fala, as mulheres têm usado a *Internet* como espaço de fala, tendo em vista a fluidez que caracteriza a escrita na rede fazer com que haja uma maior liberdade sobre a construção da mesma.

Outra característica notável dessa escrita é a possibilidade da modificação estrutural das narrativas a qualquer momento, o que não ocorre tão facilmente com obras físicas, visto que a reformulação de algo deste porte requeria um processo muito mais trabalhoso e oneroso, o qual envolve a editora, uma nota explicativa do autor, a crítica especializada, a reimpressão do título.

A flexibilidade de editoração é sem dúvida um dos diferenciais no que tange à escrita na nuvem e a física. É preciso entender que os *post* não foram feitos para serem salvos em nenhuma mídia particular, visto que isso feriria os termos dos direitos da ciberescritora. Desta maneira, não se pode montar uma biblioteca pessoal com os textos do portal LETTERA, por exemplo, o qual nos serve de *corpus* de análise este estudo, e de nenhum outro local, caso a autora não permita.

Como encaixar então algo tão fluído dentro de categorias que foram criadas a partir de obras fixas, que após sua publicação nunca foram modificadas? Fator que permitiu aos estudiosos uma análise pormenorizada de cada aspecto que as constituíam, este é um dos questionamentos mais recorrentes quando pensamos em fazer uso de elementos que compõem o campo da escrita física para analisar as virtuais.

Enquanto a produção cibernética pode ser retirada do ar a qualquer momento, seja por opção de suas autoras, por algum problema da rede ou por alguma imperfeição ocorrida no sistema de armazenamento nos grandes provedores, por exemplo, o mesmo não ocorre com textos físicos. Por mais que em alguns momentos da História tenhamos lidado com a destruição de textos, uma vez que eles “feriam o padrão dos bons costumes” na concepção dos governantes da época, isso não faz com que possamos comparar os tipos de desaparecimento citados.

A impossibilidade de uma comparação perfeita entre os dois meios de produção literária faz com que tenhamos acesso à compreensão de que a literatura produzida pela e na rede detém características que lhes são próprias do local de elaboração.

Obviamente que algumas pessoas podem salvar contos e até romances inteiros, mas diante da ampla possibilidade de modificação das narrativas, quem as armazenou, o fez indevidamente, a julgar pelo fato do todo o conteúdo do portal *LETTERA: Literatura Lésbica LGBT* (romances, contos, poemas, *fanfics*, crônicas, colunas e capítulos únicos) ser protegido pela Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998 (Lei dos Direitos Autorais), ou seja, é proibida a reprodução parcial ou total dos textos. Temos então que há uma inexequibilidade de manter em seu domínio a obra “final”- completa, como citado.

1.7. UMA ESCRITA CORPÓREA

Diante do cenário exposto até o momento, nós temos que o ser humano sempre buscou meios de conservar seus feitos e que a escrita tem sido a forma mais eficaz até o

presente. Temos também que ela deixou de servir apenas como “guardadora” de memórias, passando a desempenhar a função de instrumento contra o processo de enquadramento normativo, como mencionado no último tópico.

Esse processo evolutivo inicia-se quando as mulheres passam a ter acesso à escrita de forma um pouco mais aberta. Segundo Woolf (1990) isso ocorre quando elas conseguem ter o direito a desfrutar de uma renda própria e de um espaço particular.

A escritora em foco é fundamental quando se envereda pela significação da escrita feminina. Com uma visão discernente sobre o discurso universalizante pregado pela sociedade patriarcal, ela fala sobre a necessidade de haver uma reformulação da escrita para que esta consiga “dar conta” do cosmo feminino.

Respeitar o que compõe seu próprio corpo é primordial para que não haja uma repetição da visão masculina sobre o feminino, como nos explica Woolf: “o livro (tal como a frase) tem de ser adaptado ao corpo” (Idem, p. 74).

A aceitação da própria estruturação corpórea e da matéria subjetiva que as compõe é medular no desenvolvimento de aceitação e de notar enquanto indivíduo, que é dotado de partes que o distinguem dos outros seres. Portanto a fraseologia, no sentido de uma construção (da frase) particular do gênero feminino é um ato político. Tendo em vista o apagamento sofrido durante boa parte da existência humana.

Narrar seus sentimentos, vivências, necessidades básicas, entre outros, é cindir com a couraça criada pelo patriarcado em torno do feminino. Uma vez que retira o masculino do papel de protagonista social, colocando-o na função de intérprete da sua própria vida, em decorrência dessa realocação das peças do espetáculo da existência.

Diante do cenário repressor ao qual foi submetido a existência feminina, é inconcebível que duas mulheres consigam sentir prazer e/ou completude uma com a outra. Se narrar já se mostra como um ato político, relacionar-se afetiva e sexualmente com uma igual também o é, e escrever sobre suas vivências carnavais e afetivas com sua companheira é algo que foge completamente do *script* patriarcal.

Isso se torna ainda mais significativo quando falamos em escrita feminina lésbica, a julgar pela fetichização que ocorre por parte da sociedade patriarcal sobre a sexualidade vivenciada por duas mulheres. A imagem de duas mulheres “se pegando” rodeia o imaginário masculino, o que é agravado pelo entendimento da não completude do ato sexual pela falta de um pênis, como nos fala Rich (2006):

A função da pornografia é atualmente uma grande questão pública de nossos tempos, quando uma indústria multibilionária tem o poder de disseminar imagens visualmente degradantes, crescentemente sadísticas das mulheres. Contudo, mesmo a propaganda e a pornografia, digamos, “leves”, apresentam as mulheres como objetos de apetite sexual sem nenhum conteúdo emocional, sem qualquer significado individual ou personalidade – essencialmente como uma mercadoria sexual a ser consumida por homens. A chamada pornografia lésbica, criada para o olhar voyeurístico masculino, é igualmente vazia de conteúdo emocional e personalidade individual. A mensagem mais perniciosa transmitida pela pornografia é a de que as mulheres são presas sexuais naturais dos homens e que elas gostam disso, que sexualidade e violência são congruentes e que, para as mulheres, o sexo é essencialmente masoquista, uma humilhação prazerosa, um abuso físico erotizado (RICH, 2006, p. 20).

Em virtude da reprodução deste pensamento caricatural dos enlaces vividos por duas mulheres é que a produção de narrativas lésbicas – por elas e para elas – se constitui um ato político de dupla relevância. Isto se dá devido termos fêmeas escrevendo, narrando suas vivências e principalmente falando sobre como é a relação entre elas.

No entanto, esse “tipo” de literatura acha muita resistência do mercado editorial, pois entra em choque com o padrão heterossexual cristão, o qual norteia a moral e os bons costumes sociais. A dificuldade em conseguir publicar livros de temática lésbica tem feito com que algumas autoras enveredem pelo universo virtual, tendo em vista que este meio tem se mostrado bastante receptivo às “literaturas de minorias”, conforme mencionado durante este trabalho.

A escrita na *Web* além de possibilitar o transpor das fases de editoração e afins, mostra-se como uma forma de resistir, de dar nitidez às relações lésbicas, pintando-as com uma palheta maior de cores.

No próximo capítulo iremos fazer um estudo pormenorizado da construção do portal LETTERA e de como sua criação encontra-se atrelada à necessidade de um espaço de encontro de narrativas protagonizadas por mulheres lésbicas, tendo em vista que o ABCLes (*site* voltado para a escrita e publicação de escritos com a temática citada) foi extinto por sua administradora, mas não só isso, pensar ainda como através dessas, há a criação de laços afetivos entre as tais.

CAPÍTULO 2: A BUSCA POR EXISTÊNCIA

E de facto, numa sociedade tão masculina, tão cheia de valores androcêntricos, tão centrada no masculino, as lésbicas fazem diferença (...) vejam só, gostam de mulheres. Que coisa rara! Se nem as mulheres gostavam de si próprias, tal como eram, na crueza dos seus corpos genuínos (...). Não as coisas femininas que moldaram as vidas das mulheres, que lhes ataviaram os membros, mas aquelas que as faziam rir ou chorar ou vibrar
(MAGALHÃES, 2005, p. 75)

2.1. ABCLES: ENCONTROS E DESPEDIDAS

No dia 02 de setembro de 2015, o ciclo de vida do *site* ABCLES chegou ao fim, deixando um legado de 7 anos de publicações de narrativas lésbicas. Criado em 2008 por Danieli Hautequest, que é escritora e ilustradora, tinha por objetivo suprir a falta de um espaço próprio para a publicação de narrativas escritas por lésbicas e para lésbicas. Esse apresentava um sistema de assinatura, o qual dava acesso a histórias mais bem elaboradas, segundo o entendimento da moderadora do *site*, com padrão para publicação que já estavam completas e revisadas. Tinha uma seção gratuita, que era aberta para qualquer pessoa publicar e ler. Essa podia ser acessada sem a efetuação do *login* pela ciberleitora¹⁸. Para publicação, só era exigido que estivessem completas, mas não precisava se enquadrar no padrão que era exigido para as narrativas da sessão paga.

Os valores arrecadados pelas assinaturas tinham três funções básicas: a primeira era para custear a manutenção do *site*, visto que o volume de tráfego e armazenamento de dados era alto e exigia um servidor dedicado¹⁹. O restante do montante era dividido entre dar incentivo financeiro as autoras e investir na publicação de livros físicos, uma vez que o *site* foi pensado para desempenhar duas funções, que seriam a de levar as narrativas o mais longe possível e ao maior número de leitoras, e do de funcionar de incubadora para os textos.

Porém, o propósito do *site* ultrapassou as expectativas de atuação da sua criadora, que era a questão mercadológica. Os laços criados entre as leitoras/escritoras

¹⁸ Ciberleitora: refere-se às mulheres que leem na *Internet*.

¹⁹ Servidor dedicado é um sistema de computação centralizado que fornece serviços específicos para uma rede, o qual pode ser de transferência, armazenamento, entre outros em troca de uma compensação monetária.

foi um dos pontos mais significativos, haja vista o ABCLes ser entendido pelo seu público como um espaço de encontro, de troca de experiência de vida e escrita, onde elas poderiam se despir das angústias e da solidão que a sociedade impõe às sexualidades discordantes. O ponto central do sentimento de pertencimento resulta do fato das meninas se sentirem acolhidas umas pelas outras.

Segundo Hautequest (2015), existiu por parte das leitoras assinantes, o repasse de seus *logins*²⁰ para outras leitoras, fazendo com que o valor arrecadado não suprisse sequer a manutenção do *site* e repasse de alguma espécie de contrapartida financeira para as autoras. Em decorrência do não êxito das assinaturas, o sistema foi abolido e foi repassada às autoras a responsabilidade de correção dos seus textos; as mesmas poderiam contar com o auxílio de Leitoras Betas. Uma Leitora Beta consiste em uma subcategoria de leitoras, as quais se responsabilizam por ler/corrigir os textos das autoras antes deles serem colocados no ar. Assim, o ABCLes passou a ser responsável apenas por ceder o espaço, divulgação e moderação do conteúdo a ser postado.

O ABCLes cresceu e conseqüentemente a demanda de esforço, tempo e custo de manutenção do *site* também, mas o que mais ampliou foi o nível e o tipo de cobrança das leitoras para com a equipe responsável pelo *Website*. Em virtude do desgaste da sucessão destas, no dia 02 de setembro de 2015, Danieli Hautequest publicou a última postagem do ABCLes, na qual ela explicava a extinção do mesmo e o por quê do seu ato.

²⁰ *Login* é um termo em inglês usado no âmbito da informática, um neologismo que significa ter acesso a uma conta de e-mail, computador, celular ou outro serviço fornecido por um sistema informático. Disponível em: <<https://www.google.com.br/webhp?sourceid=chrome-instant&ion=1&espv=2&ie=UTF-8#q=O+que+%C3%A9+um+login>>. Acesso em: 06 jun. 2016.

Figura 1 – Criação de uma página para as ciberleitoras e ciberescritoras²¹ do extinto ABCLes



Fonte: Página do *Facebook* - Sobreviventes ABCLES.

Disponível em: <<https://www.facebook.com/sobreviventesabcles/?fref=ts>>. Acesso: 18 abr. 2016.

Houve uma comoção generalizada por parte das leitoras e escritoras na página da rede social *Facebook* do *site*, e foi criado uma comunidade na mesma rede social intitulado *Sobreviventes ABCLES*. A página tinha por objetivo reunir as leitoras e escritoras do ABCLES tornando-se um lugar de encontro e direcionamento para as histórias, como podemos ver a seguir:

Leitoras e escritoras ganharam uma aliada valiosa na busca por um espaço tão completo quanto o ABCLES. A *Web design*, escritora e jornalista Cristiane Schwinden resolveu fundar um novo *site* para receber as escritoras e leitoras do antigo ABCLES. Em 03 de setembro de 2015, um dia após o anúncio da extinção do *Website* supracitado, nasceu o LETTERA.

²¹ Ciberescritora - Quando uso o termo ciberescritora é para me referir as mulheres utilizam a *Internet* como meio para publicar sua produção.

Figura 2 – Primeira versão do LETTERA



Fonte: Página do portal literário LETTERA.

Disponível em: <<http://projetolettera.com.br>>. Acesso em: 21 abr. 2016.

2.2. LETTERA – ACOLHIMENTO, REENCONTROS, EXPANSÃO DA ESCRITA E DOS AFETOS

O LETTERA é um portal²² de livre colaboração literária, de sorte que qualquer pessoa pode postar suas narrativas, desde que elas apresentem como mote central a temática lésbica. Uma vez que assim como seu antecessor, ele busca suprir a carência de escrita de narrativas lésbicas. Além de representar um lugar de encontro, não só no que tange à escrita lésbica, mas sim de mulheres que buscam trocar experiências de vida, suas dores, amores ou simplesmente encontrarem outros sujeitos que desejam de alguma forma parecido com elas.

O portal LETTERA permite que as ciberleitoras e ciberescritoras construam um perfil de leitura, no qual é possível criar uma espécie de *timeline*²³, que apresenta um panorama das preferências de cada usuária. Segundo Dias (2001), os portais focam na

²² Portal também é um *site* na *Internet*, porém funciona como um centro distribuidor de conteúdo de outros sites e subsites dentro dele mesmo. São construídos através de ferramentas de gestão de conteúdo-CMS. Um Portal web é um site que reúne informações de diversas fontes de uma forma unificada. Disponível em: <<http://www.tutorialparacriarsites.com.br/2012/03/existe-diferenca-entre-blog-site-e.html>>. Acesso em: 21 abr. 2016.

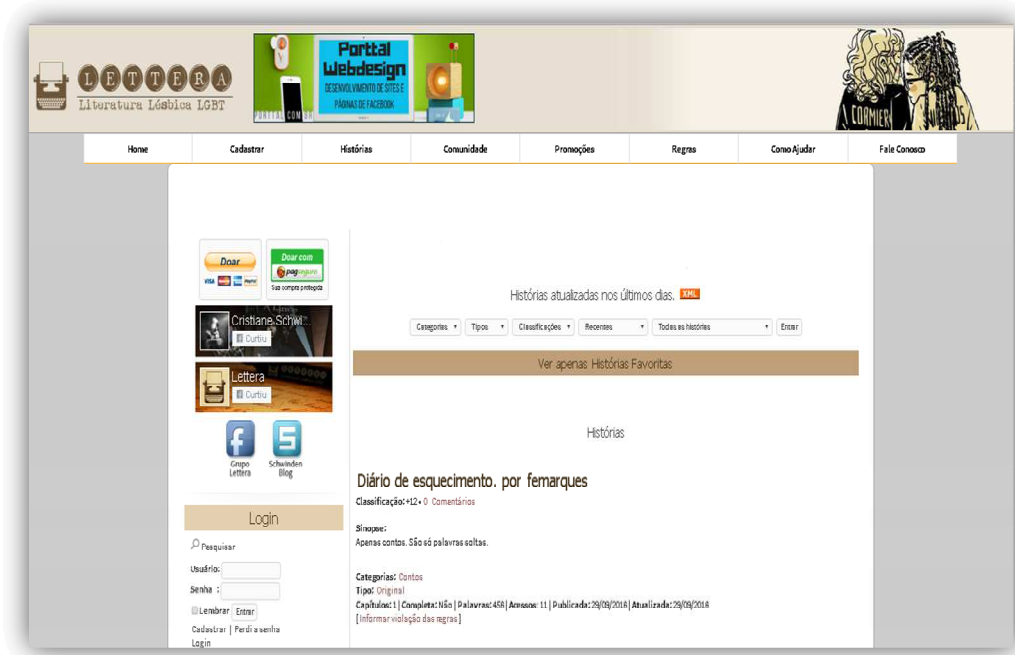
²³ *Timeline*: expressão de língua inglesa que quer dizer linha do tempo.

personalização e no filtro de conteúdos, auxiliados pela criação de uma página customizada com as preferências de cada usuária.

O usuário, por meio de um identificador e uma senha, pode uma visão personalizada do conteúdo do portal, conhecida como “Minha página”. Essa visão mostra apenas as categorias que interessa a cada usuário. O portal pode avisar aos usuários sempre que um novo conteúdo for adicionado às categorias por ele assinaladas. Os usuários podem publicar documentos no repositório corporativo para que estes também sejam visualizados por outros usuários (DIAS, 2001, p. 05).

O *layout*²⁴ do portal é bem simples, dividido em sessões – home, cadastrar, histórias (histórias e top tens), comunidade (autoras e membros), promoções, regras, como ajudar e fale conosco. Como veremos na imagem a seguir:

Figura 3 – *Layout* da página inicial do portal literário LETTERA



Fonte: Página do portal literário LETTERA.

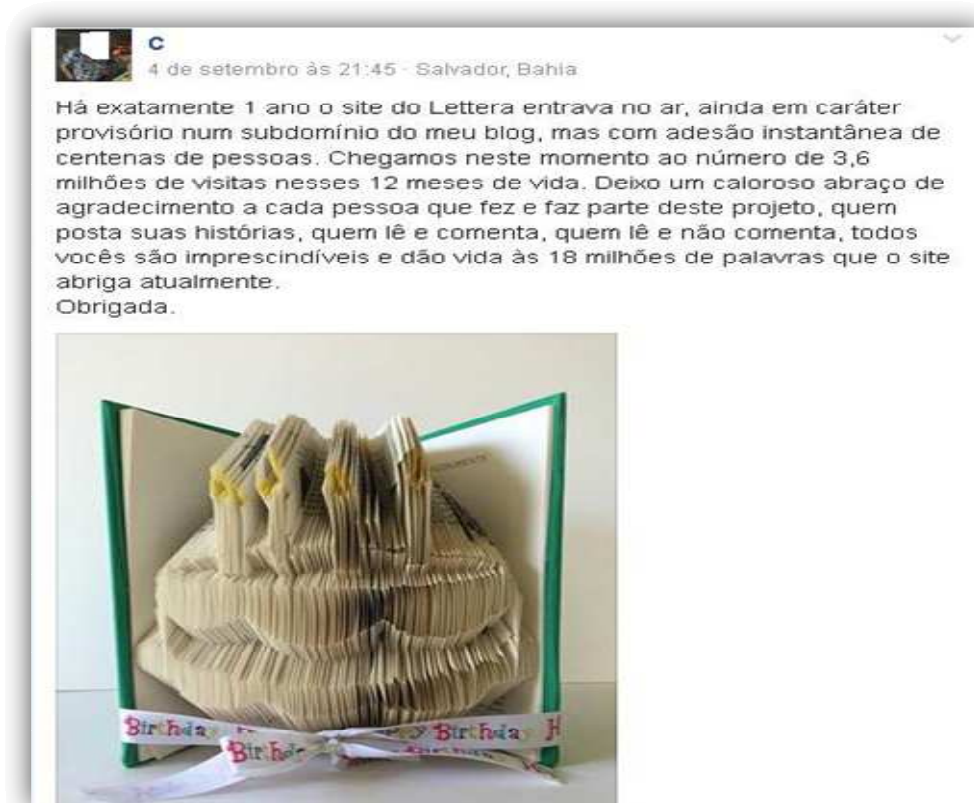
Disponível em: <<http://projetolettera.com.br>>. Acesso em: 21 abr. 2016.

As usuárias podem fazer seu *login* e assim podem gerenciar suas histórias favoritas, adicionar suas narrativas, editar suas preferências, ver suas estatísticas de leitura e comentar as histórias.

²⁴ *Layout* é um esboço ou rascunho que mostra a estrutura física de uma página de um jornal, revista ou página na *Internet* (como um *blog*, por exemplo). O *layout* engloba elementos como texto, gráficos, imagens e a forma como eles se encontram em um determinado espaço. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/layout/>>. Acesso em: 22 abr. 2016.

Inicialmente o LETTERA foi desenvolvido em um provedor gratuito, uma vez que o objetivo de Scwinden era e é que todo acesso ao conteúdo do *site* fosse gratuito. Mas, assim como o ABCLes, o número de acessos tornou-se alto e fazia com que o *site* ficasse instável e, conseqüentemente, saísse constantemente do ar. No curto período de três meses no ar, o portal recebeu um milhão de acessos. Um ano após entrar no ar – em 4 de setembro de 2016 – o portal literário *LETTERA* tivemos os seguintes números: membros: 3090; histórias: 653; capítulos: 7141; autoras: 273; comentários: 42.201; e comentaristas: 1124. Em comemoração ao aniversário de um ano do portal, Schwinden fez um *post* na página do *Facebook* no qual ela comenta os números alcançados até o momento.

Figura 4 – *Post* comemorativo de 1 (um) ano do LETTERA



Fonte: Página do *Facebook* – LETTERA.

Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/projeto.lettera/?fref=ts>>. Acesso em: 04 jun. 2016.

O número de acessos, ciberleitoras e ciberescritoras não é formado apenas por usuárias brasileiras. O LETTERA vem ganhando espaço e se tornando robusto ao que tange ao seu alcance. Dentro da cifra citada encontramos meninas de país como:

Luanda, Cabo Verde, Portugal, Estados Unidos da América, Alemanha, Bolívia, Argentina, Itália.

Estes números demonstram-nos que há público consumidor para narrativas que tratem do amor entre mulheres e que o portal se mostra um meio eficiente para publicação desse tipo de texto, já que temos um mercado editorial marcado pela cultura heterossexual/misógina e que por isso não contamos com um grande número de publicações impressas, que trazem protagonistas lésbicas.

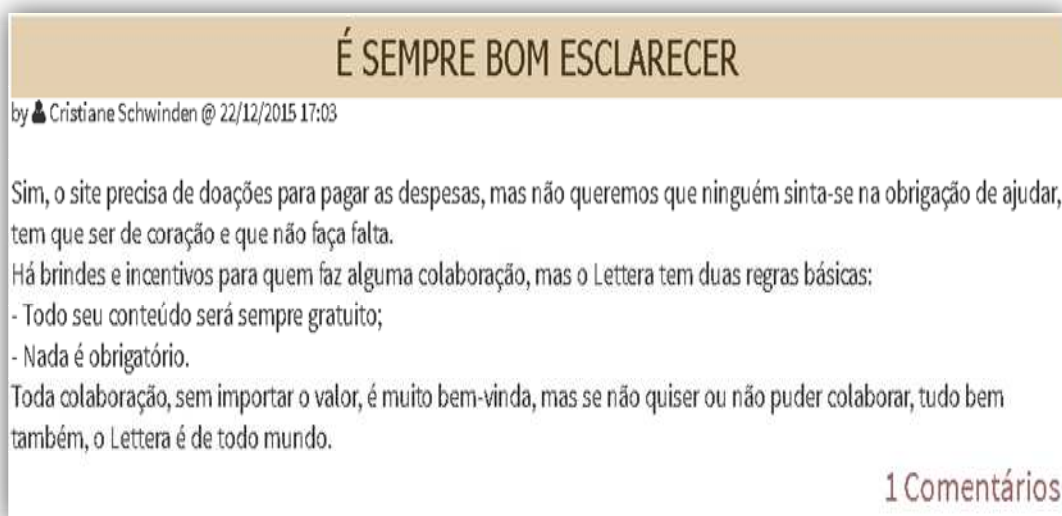
Outro aspecto que se destaca a partir do conhecimento dos números citados, é que há um número significativo de meninas escrevendo narrativas literárias lésbicas.

Em decorrência do agigantamento do tráfico de informações, foi preciso migrar o LETTERA para um servidor aplicado²⁵, gerando, assim, uma despesa para o gerenciamento destes. Como mencionado, o princípio básico que rege o *Website* supracitado é o da gratuidade, posto que se objetiva que toda e qualquer menina lésbica possa usufruir de todo conteúdo postado.

Consequente à despesa com a mensalidade do provedor e o desejo de permanecer com a gratuidade integral, Scwinden implantou um sistema de propagandas no corpo do *site* e solicitou que todas as meninas abrissem as mesmas, pelo menos uma vez ao dia, visto que este processo geraria alguns centavos ao ser realizado, suscitando uma quantidade monetária, a qual seria usada para cobrir os gastos com a manutenção. Porém, ao término do primeiro mês de implantação deste método, viu-se que ele não conseguia fornecer o cifra para deixar o LETTERA no ar e, mais uma vez, Cristiane precisou buscar uma solução para o problema. Foi então que ela recorreu às usuárias, explicou a situação e criou um sistema de recompensa para àquelas que doassem uma quantia para ajudar no custeio do *site*.

²⁵ Servidor Aplicado é programa de computador, *software*, responsável por disponibilizar informações através da rede de computadores (páginas, imagens, textos, etc). Assim como o computador responsável por alojar o *software*.

Figura 5 – Sistema de doação e recompensa para o LETTERA



Fonte: Página do LETTERA.

Disponível em: <<http://projetolettera.com.br>>. Acesso em: 22 abr. 2016.

As meninas que doam qualquer quantia, a partir de 10,00 reais, recebem o nome de Letteretes e estas passam a fazer parte de uma rede de sorteios de livros físicos, os quais, em sua maioria, são doados por escritoras que publicam no LETTERA, ou tem algum tipo de laço com o mesmo, ou por leitoras que doam obras novas, ou já lidas. Além disso, recebem boletins mensais, os quais pormenorizam os valores arrecadados e as despesas. Ademais, passam a ter acesso a capítulos antecipados das narrativas que são postadas no *site*. Atualmente, as Letteretes recebem de Cristiane Scwinden capítulos da sua história mais recente, o *2121: resiliência*²⁶.

Além das doações e cliques nas propagandas, foi criada uma loja *online* do LETTERA, a qual tem o mesmo objetivo que as ações supracitadas. A loja conta com a venda de pacotes de doação, cadernos personalizados do *site* e com a revenda de livros. Cristiane pretende expandir a variedade de produtos, mas como ela atualmente estrutura e administra tudo sozinha, o projeto tem caminhado a passos vagarosos, visto que ela

²⁶ A narrativa 2121, da Cristiane Scwinden, é dividida em dois livros, o primeiro conta a história da combatente do exército europeu, Samantha. Que após descobrir que havia participado de um experimento médico no exército, no fronte de batalha abandona o noivo e seu cargo e inicia uma corrida contra o tempo para conseguir um novo coração. Como 6 semanas para salvar a sua vida, Samantha encontra Theo, uma jovem que estava fugindo de um prostíbulo comandado pelo seu próprio tio, no qual era escrava sexual. Como punição pelas suas inúmeras tentativas de fuga, o cafetão mandou cegá-la como forma de punição e mecanismo de prevenção de novas tentativas de fuga. Apesar do choque cultural entre as protagonistas, os laços amor conseguem germinar e nasce um sentimento, até então, desconhecido pela comandante. A segunda parte da narrativa é a continuação da primeira e foca no amor de Theo e Sam, visto que a primeira atira na própria cabeça para tornar-se doadora para sua namorada. O coração de Theo passa a ser de Samantha. A doadora sobrevive e elas, até o momento estão juntas, mas a história não está concluída. Scwinden disponibiliza capítulos da segunda temporada para as LETTERETES como mecanismo de estímulo para doações, como citado.

tem uma vida fora do universo do portal, a qual inclui um trabalho fixo. É preciso salientar o fato da Cristiane assim como as demais contribuidoras do *site*, exercerem funções fora LETTERA. As escritoras e moderadora, que também é escritora, não têm na escrita uma profissão, visto que o Brasil ainda não tem uma cultura que trata a produção literária como profissão. Essas meninas começam escrevendo por *hobby* e por não encontrarem narrativas que apresentem temas que elas buscam. A necessidade de criar um mundo no qual é possível relacionar-se com outra mulher sem que haja perda do sentimento e nem do desejo, mesmo que ele seja na tela. Esse é um desejo recorrente nas falas das ciberescritoras.

A escrita das ciberescritoras do LETTERA ultrapassa o desejo de ter um lugar para publicar, o que podemos inferir a partir dos comentários, grupos de discussão no *Facebook*, *WhatsApp* e *Twitter*. É que a chave desse tipo de escrita concentra-se na junção entre visibilidade e encontro. Uma vez que a mídia utilizada possibilita a divulgação das narrativas de forma mais “livre”, bem como aproximar meninas que tenham vivido ou sentido coisas parecidas. Essa dicotomia é característica da mídia utilizada. Uma vez que a *Internet* tem possibilitado a formação de um movimento de ruptura com alguns tipos de hegemonias, tais como a de “quem pode publicar” e “o que pode ser publicado”.

2.3. CULTURA E O SEUS CRUZADOS

Segundo Régis Debray (1993), a cultura é uma resposta adaptativa a um meio, a medida que ela se constrói em via do que lhe é posto, ou seja, uma estrutura moldável, podendo ser compreendida por sua capacidade de elaborar-se e reelaborar-se em perspectivas diversas, a partir do movimento das práticas e conceitos compartilhados por um grupo de pessoas. Corroborando com o entendimento do autor, Laraia pontua que:

Culturas são sistemas (de padrões de comportamento socialmente transmitidos) que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos bio-lógicos. Esse modo de vida das comunidades inclui tecnologias e modos de organização econômica, padrões de estabelecimento, de agrupamento social e organização política, crenças e práticas religiosas, e assim por diante (LARAIA, 2001, p. 31).

Entendemos que a cultura consiste num processo extra-somático²⁷, o qual é atravessado por uma metodologia de aquisição de comportamentos, que por sua vez, é imposta pelas categorias espaço/tempo. O ambiente espacial e o momento histórico corroboram para a elaboração das formas de expressão cultural.

Assim, temos que há um deslocamento contínuo dos padrões comportamentais, os quais são continuamente modificados. Esse *continuum* de modificação e, conseqüentemente, de movências vem sendo auxiliado pelo processo de globalização das culturas que tem como um dos suportes a *Internet*, a qual vem ganhando fisionomia de tecido social, já que se mostra como um novo território para ser ocupado, no qual é possível existir ou criar uma existência que mais nos apetece.

Ao sair de dentro das paredes dos laboratórios de pesquisas das grandes universidades e se transpor para o dia a dia das pessoas, a *Web* passa a modificar aspectos importantes da vida das personagens sociais, uma vez que ela consegue alterar a forma que elas enxergam o mundo. Aspectos como a produção de conhecimento, dos laços afetivos que são estabelecidos a partir das mídias digitais e redes sociais, das relações de trabalho e convívio, são exemplos das modificações que a *Internet* tem proporcionado.

A virtualidade das interações citadas ocorre em decorrência ao fato das pessoas se colocarem na rede, a passo que se apropriam dela, transformando-a em uma extensão de si. Se em 1985 o jornal norte americano *The New York Times* trazia uma matéria na qual questionava as empresas de microcomputadores sobre o fato dos seres humanos realmente quererem ter acoplado aos seus dedos extensões, referindo-se aos *laptops* que essas companhias produziam, como nos fala Diana Assennato e Natasha Madov em sua matéria intitulada *De volta ao futuro* na revista eletrônica *Trip* (2007)²⁸, a segunda década do século XXI suscita uma apropriação da *Internet* e dos mecanismos de acesso a ela.

A partir do momento em que a rede passa a ser vista como uma ferramenta extensora e acopladora das capacidades humanas, têm-se o desenvolvimento de uma cultura própria, a qual é marcada pela virtualidade das conexões, sejam elas de cunho da sociabilidade, da produção de conhecimento e bem como da produção dos microfascismos diários. Já que essa desponta como o paraíso em que “todos” têm voz,

²⁷ Conceito cunhado por Roque de Barros Laraia (2001) em seu livro “Cultura: um conceito antropológico”, no qual o autor revisa o conceito de cultura a partir dos principais autores que estudam a temática.

²⁸ Disponível em: <<http://revistatrip.uol.com.br/tpm/de-volta-para-o-futuro>>. Acesso em: 05 jun. 2016.

essa pode ser, e muitas vezes é, propulsora de sentimentos de cunho negativo, como, por exemplo, intolerância, preconceito sexual, de cor, xenofobia, entre outros. Por outro lado, a rede tem se tornado um instrumento de produção e propagação da voz dos silenciados e da irradiação de vertentes culturais que a cultura heteronormativa, branca, classe média e cristã não dá conta, já que entra em choque com seus dogmas.

Dentro dos aspectos negados pela cultura normativa, temos a invisibilidade da literatura protagonizada por personagens lésbicas e/ou produzidas por mulheres lésbicas, como é o caso do *corpus* desse trabalho. O portal literário LETTERA é um espaço em que mulheres podem postar suas narrativas sem que haja um controle editorial, como já mencionado. Mas isso não é o único ponto positivo dele. Outro aspecto importantíssimo é que, por meio da escrita e postagem desses textos, há um movimento de encontro entre as integrantes do portal, o qual se dá por meio dos comentários feitos pelas ciberleitoras e ciberescritoras.

O *feedback* deixado após os capítulos gera vínculos entre as ciberleitoras e as ciberescritoras. O contato que é estabelecido via comentários acaba ultrapassando o conteúdo literário do texto e é comum ver a criação de laços entre as integrantes do portal. Há uma troca constante de dicas sobre escrita bem como sobre assuntos correlacionados às narrativas. Os conteúdos das cibernarrativas do portal variam muito. Podemos citar como exemplo o estupro coletivo, desigualdade de renda, racismo, homofobia, filhos, casamento, e tantos outros. É possível percebermos que a vida dessas meninas. Quando falo “meninas” refiro-me a quem escreve e a quem lê – é afetada.

Há um cruzamento entre as usuárias, na medida em que existem as trocas de informação, cuidados, afetos e desafetos. Outro ponto que leva a esse cruzamento de eus, que cito no título do tópico, é o fato dessas meninas terem levado os laços criados no portal para outras redes sociais como o *Facebook*, *WhatsApp*, *Instagram* e *Twitter*. Nessas plataformas de comunicabilidade, as usuárias constroem laços mais densos e há uma interação maior uma na vida da outra. Nesse processo de leitura, escrita e troca, é tecido um espaço próprio que potencializa suas integrantes. Essas meninas têm suas vidas cruzadas por meio da leitura, e é a partir dela que se fortalecem.

O portal também pode ser visto como um escape das normas editoriais no que tange à publicação de narrativas que fogem do escopo dos temas publicáveis pelas grandes editoras, assim como de alguns preceitos culturais. Ter acesso a uma narrativa protagonizada por um casal lésbico ajuda no processo de representatividade e de

entendimento. Ler estórias de amor entre duas iguais²⁹ é ver-se de certa forma representada. O seu desejo de amar alguém do mesmo sexo é possível e normal nessas ciberhistórias.

Natacha Orestes, em sua matéria ao *site Huffpost Brasil - Ser mãe e lésbica é ser invisível duas vezes*, nos fala sobre o apagamento que a homossexualidade feminina padece, em decorrência da invisibilidade do desejo amoroso e/ou sexual entre mulheres. Iniciativas como o LETTERA se tornam tão significativas, visto que ele reúne mulheres em torno da temática, dando visibilidade por meio de suas estórias aos enlaces lésbicos. Não prego que exista uma cultura lésbica, no entanto acredito na potência das microesferas, aludindo a Michel Foucault, como o portal que serve de *corpus* para esse trabalho. Uma vez que o portal auxilia no processo de resistência contra micropoderes como o da família, o da igreja, por exemplo.

A história lésbica, junto com a existência dos corpos lésbicos, é sequestrada e assassinada pela política inquisitória. **Daí a importância de falarmos sobre visibilidade lésbica.** É como se, por serem as lésbicas aquelas que, de certa forma, escapam ao domínio sexual masculino, suas existências e histórias precisassem ser aniquiladas, já que representam uma possibilidade de cultura que ameaça o poder de dominação do patriarcado. Temos registro de Safo de Lesbos, de onde se originou a definição da palavra "lésbica", e algumas simbologias próprias como "As Amazonas" aqui no Brasil. Mas o acesso a estas informações é escasso. Isso não é uma coincidência infeliz, mas consequência de um projeto político inquisitório que começou com a **materialidade dos corpos do sexo feminino** queimados nas fogueiras da inquisição (o que acontece até hoje, inclusive no Brasil, mesmo que de forma simbólica) e continua no extermínio não só dos corpos do sexo feminino pelo recém-tipificado **feminicídio**, mas também da história de resistência que as sobreviventes desta política sistematicamente inquisitória travaram e travam com suas próprias vidas (ORESTES, 2016, p. 17) (grifos nossos).

Para entendermos melhor o funcionamento da cultura, tomaremos como base a obra de Stuart Hall *A identidade cultural na pós-modernidade*, com a qual é possível traçar uma linha temporal que culmina no atual modelo de cultura, que tem como

²⁹ Quando faço uso o termo "iguais" como sinônimo para lésbicas, rememoro o segundo romance da escritora Cíntia Moscovich que se intitula "Duas iguais". O livro conta a história de duas adolescentes, Clara e Ana, que vivem em Porto Alegre, com foco no Bom Fim, um bairro judaico tradicional da cidade. As duas jovens envolvem-se ao conviverem numa escola judaica, facto que gera uma série de confrontos que vai acompanhá-las pela vida fora. Enquanto Ana se auto-exila em Paris, Clara penetra, pouco a pouco, nos umbrais do mundo adulto. Por força das circunstâncias, Clara e Ana voltam a encontrar-se. Disponível em: <<http://solivrosparadownload.blogspot.com.br/2008/09/duas-iguais.html>>. Acesso em: 27 abr. 2016.

máxima a massificação generificada dos corpos, haja vista o enjeitamento de traços de outras culturas/comportamentos, tendo como suporte os meios midiáticos.

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas visagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente” (HALL, 2014, p. 43).

A ideia de um sujeito unificado, advinda do Iluminismo, foi desconstruída, uma vez que essa já não dá conta das mudanças que a globalização tem causado. Um ser centrado, contínuo, idêntico, que iniciava e concluía seu ciclo de vida sem ser afetado pelo meio, não se sustentaria no atual modelo cultural. Posto que esse é assinalado por uma constante movência. Temos que os sujeitos são históricos e não biológicos, deste modo eles sofrem influência direta da cultura de cada recorte temporal.

O deslocamento das identidades, fragmentação e ruptura dessas, recebe influência direta do movimento de globalização – como posto acima – visto que esta tem como fundamento uma integração dos modos de vida.

Não buscamos neste trabalho encontrar um conceito fechado de cultura. Atemo-nos a falar sobre a influência que esta tem na composição dos indivíduos e como a *Internet* tem possibilitado a criação de espaços de fuga para a padronização que a cultura normativa impõe.

Tal perspectiva evidencia que a evolução cultural não está assegurada, uma vez que esta sofre interferência das estruturas de poder. A mutabilidade dos grupos que detém o poder, juntamente como a mudança de perspectiva de mundo, faz com que os paradigmas culturais sejam alterados. Para Laraia: “O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral é valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura” (LARAIA, 2001, p. 68).

Em decorrência da necessidade de se observar o recorte temporal para poder compreender determinado comportamento é que a observação dos meios se faz tão significativo, já que são eles, os meios, que funcionam como sintoma do processo evolutivo da sociedade, que por sua vez influencia no cultural, assim como suporte para

memorização e repasse desses. Como mencionado, essa não é transmitida no genoma³⁰ humano, mas sim desenhada a partir do movimento histórico. Desta forma, o resultado da evolução ou involução dos aspectos culturais está condicionado a uma espécie de repasse naturalizado. Vejamos:

No plano cultural, contrariamente à evolução biológica, não há transmissão garantida das modificações adquiridas, ainda que fossem progressivas. A evolução cultural é muito mais rápida, mas também muito mais frágil porque não está gravada no genoma da espécie. Nem invariância, nem replicação: aqui, nada é inato: tudo é reversível. Daí a importância crucial dos fatores do meio (DEBRAY, 1993, p. 244).

Em virtude dos desdobramentos culturais é possível termos uma ideia das idiosincrasias que compõe a conduta social e como as tecnologias são utilizadas neste processo, posto que o repasse de instruções comportamentais faz uso de subterfúgios materiais no seu desempenho, tais como: a língua, os meios de comunicação e escrita, entre outros, para ambientalizar a elaboração prática da realidade. Deste modo, os sujeitos sociais, apoderados destas tecnologias, criam e recriam formas de transmitir seus hábitos.

2.4. O MEIO COMO DISPOSITIVO PARA AS NARRATIVAS DISCORDANTES

No seu *Curso de midiologia geral*, Régis Débray (1993) explica como o processo da formação cultural se dá. Para o teórico, a cultura é sinônimo de movimento, assim a cada momento histórico ela se modifica, se reconstrói em uma dinâmica contínua, que tem como propulsores as categorias de espaço e tempo.

No plano cultural, contrariamente à evolução biológica, não há transmissão garantida das modificações adquiridas, ainda que fossem “progressiva”. A evolução cultural é muito mais rápida, mas também muito mais frágil porque não está gravada no genoma da espécie. Nem invariância, nem replicação: aqui, nada é inato; tudo é reversível. Daí, a importância crucial dos fatores do meio (Idem, p. 244).

³⁰ O genoma resume todos os dados transmitidos de uma geração de seres vivos para outra, armazenados em um organismo através de uma linguagem de códigos, mais precisamente no seu DNA, uma espécie de roteiro orgânico molecular que traz em si todas as orientações genéticas que supervisionam a evolução e a atuação de todas as entidades vivas e de determinados vírus – nestes o RNA assume este papel. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/genetica/genoma>>. Acesso em: 09 set. 2016.

De acordo com a reversibilidade exposta por Debray, no que se refere à cultura, temos uma mutabilidade constante desta, fator que não assegura uma continuidade dos avanços alcançados. Assim, é necessário que haja registro da posição alcançada via a(s) mediasfera(s).

A mediasfera de Debray se subdivide em três, são elas: logosfera – caracterizada pelo uso da oralidade e escrita manual; grafosfera – reprodução de forma mecânica do que é escrito; e videosfera – caracteriza-se pela gravação dos signos visuais e sonoros em um meio digital e/ou analógico. O presente estudo irá focar na usabilidade da videosfera para a produção de narrativas lésbicas, uma vez que estas não encontram o mercado editorial físico, suficientemente disposto à sua publicação.

Para Debray, a videosfera, é o "período aberto pela técnica do audiovisual em que a transmissão analógica e digital de dados, modelos e narrações, se dá principalmente através da tela" (DEBRAY, 1994, p. 220). Temos uma repaginação dos livros como mecanismo de preservação da memória, auxiliados pelos meios digitais e analógicos. No nosso caso, o computador será o meio mais significativo, já que buscamos entender este suporte como mecanismo de transmissão, produção e memorização das narrativas escritas para o portal LETTERA.

Em 1990, ao instaurar o conceito de videosfera, Régis Debray não tinha a noção exata dos desdobramentos das Tecnologias da Comunicação³¹, nem tampouco da evolução da *Internet*, que na época ainda estava engatinhando. Com o rebuscamento da *Internet* e das TCIs houve uma substituição, bem como uma absolvição dos dados analógicos, pelo e para o meio virtual, fenômeno que modificou a forma como os sujeitos lidavam com a informação, afetando sua forma de vida. De acordo com Lévy, isso “não afeta apenas a informação e a comunicação, mas também os corpos, o funcionamento econômico, os quadros coletivos da sensibilidade ou o exercício da inteligência” (LÉVY, 1996, p. 59).

³¹ Chamamos Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) os procedimentos, métodos e equipamentos para processar informação e comunicar que surgiram no contexto da Revolução Informática, Revolução Telemática ou Terceira Revolução Industrial, desenvolvidos gradualmente desde a segunda metade da década de 1970 e, principalmente, nos anos 90 do mesmo século. Estas tecnologias agilizaram e tornaram menos palpável o conteúdo da comunicação, por meio da digitalização e da comunicação em redes para a captação, transmissão e distribuição das informações, que podem assumir a forma de texto, imagem estática, vídeo ou som. Disponível em: <http://livre.fornece.info/media/download_gallery/recursos/conceitos_basicos/TICConceitos_Basicos_SR_Out_2008.pdf>. Acesso em 15 jun. 2016.

Os meios representam peças fundamentais no processo de formação cultural, como já citado, haja vista que atua na construção da mesma “os meios de comunicação são como extensão do homem” (MCLUHAN, 2005, p. 08), uma vez que estes alargam o alcance deles, modificando assim sua forma de perceber o mundo e de perceber-se nele. Os meios projetam os costumes e “verdades” humanas por lugares que eles não teriam como alcançar no formato de livros físicos. Por exemplo, a *Internet* consegue projetar-se num raio de alcance muito maior do que qualquer livro físico.

Ao pensarmos sobre a *Internet* e o seu poder de alcance, fica mais fácil compreender a ideia de McLuhan (2005), visto que a *Internet 2.0*³² amplificou o campo de cobertura humana, fazendo com que o mundo passasse a ser uma aldeia global, na qual a maior quantidade possível de seres vivos tivessem acesso a todo e qualquer conhecimento. A *Internet* funciona como uma grande teia, que conecta a todos que conseguem ter acesso a ela.

Para McLuhan, os meios falam por si, à medida que eles trazem uma mensagem justaposta à sua existência. Ele cita o exemplo da linha férrea, que ao ser implantado, seja qual for a utilização, modifica o ambiente no qual foi estabelecida. O entorno da linha vai ser alterado, fazendo com que surjam elementos para suprir as necessidades das demandas que passaram a existir em decorrência da sua construção. Cidades e economias irão irromper-se em meio ao nada para suprir as demandas advindas da linha, seja com postos de abastecimento ou estadia para os maquinistas.

O meio, a ferrovia, traz significados e modificações por si só, sem que haja necessidade de nos determos a seu objetivo final – transporte de mercadoria ou carga humana – como elemento que produz o sentido. Consoante a isto, McLuhan nos fala que: “a ‘mensagem’ de qualquer meio ou tecnologia é a mudança de escala, cadência ou padrão que esse meio ou tecnologia introduz nas coisas, humanas” (Idem, p. 22).

Cada meio apresenta informações e características próprias, uma vez que são espelhos de determinado recorte espaço/temporal. Cada meio traz junto a si elementos próprios de seu momento composição e uso. Assim, é possível entender o funcionamento de uma cultura ao observar os meios que ela apresenta. Durante o século XIX, a sociedade pôde contar com o telégrafo para transmitir informações, executar negócios, etc. Em pleno século XXI, este meio é totalmente obsoleto, visto que a

³² Web 2.0 é o termo utilizado para descrever a segunda geração de comunidades e serviços na *Internet*, mais participativa e interativa. A Web 2.0 utiliza-se principalmente por meio de buscadores, redes sociais, blogs, sites com sistema wiki (colaborativos) e TI (tecnologia da informação). Disponível em <<https://www.significadosbr.com.br/web-2-0>>. Acesso em: 26 fev. 2016.

dinâmica cultural foi modificada, exigindo mais rapidez e eficácia dos meios de transmissão. Para Debray, “a natureza física do suporte comanda seu modo de circulação social, mas também de perda, destruição, reativação e, portanto, o tipo de efeito que um vestígio pode exercer” (DEBRAY, 1993, p. 35).

2.5. TEIAS E RIZOMAS: METÁFORAS COMUNICACIONAIS

A *Internet* surgiu durante a Guerra Fria como meio de comunicação alternativo, o qual só seria utilizado se caso os demais meios de comunicabilidade existentes na época fossem destruídos. Com o final da guerra e os avanços na área das TCIs, a *Internet* ganhou novas aplicabilidades e o seu *layout* tornou-se mais “amigável”, fazendo com que seu uso tornasse mais acessível aos usuários³³ com conhecimentos mais superficiais. Com o passar dos anos, ela evoluiu e tornou-se um dos principais meios de comunicação, dotada de uma plasticidade que proporciona os mais diversos fins, podendo ser utilizada desde uma conversa informal entre amigos, passando por *sites* de relacionamentos, concretização de negócios, a construção de seitas extremistas. Criada a partir de um modelo linear de informações – *bits*³⁴ -, e com o crescente número de instrumentos que possibilitam o acesso a grande rede, esta vem se transformando em um grande rizoma³⁵, o qual consegue conectar indivíduos de todas as partes do planeta em tempo real.

Como vimos, a *Internet* pode servir para os mais diversos fins. Sua interface consegue comportar elementos totalmente díspares, como a criação e manutenção de hegemonias, assim como o florescimento de resistências a estas. Qualquer pessoa com habilidades mínimas pode criar conteúdo na rede, e é em decorrência disso que ela se

³³ Pessoa que faz uso do computador, de programas, sistemas ou serviços informáticos. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/DLPO/usu%C3%A1rio>>. Acesso em: 12 fev. 2016.

³⁴ *Bit* é a sigla para BinaryDigit, que em português significa dígito binário, ou seja, é a menor unidade de informação que pode ser armazenada ou transmitida. É geralmente usada na computação e teoria da informação. Um bit pode assumir somente 2 valores, como 0 ou 1. Os computadores são idealizados para armazenar instruções em múltiplos de bits, que são denominados bytes. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/bit-e-byte>>. Acesso em: 15 fev. 2016.

³⁵ "Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo "ser", mas o rizoma tem como tecido a conjunção "e...e... e..." Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. Disponível em: <<http://rizomas.net/filosofia/rizoma/76-mil-platos-trechos-selecionados-do-vol-1-rizoma.htm>>. Acesso em: 15 fev. 2016.

tornou o principal meio de comunicação do século XXI. A democratização de informação é a expressão que caracteriza a *Web*, uma vez que a transmissão de conteúdo é feita por qualquer internauta, dispensando a necessidade de pessoal especializado. Há um número cada vez maior de *blogs* políticos, de notícias, religiosos, entre outros, os quais são acessados por diariamente e ganham seguidores continuamente. A diversidade de uso e as alternativas de uso fazem da *Internet* um lugar com ares de liberdade.

O fato de qualquer pessoa poder criar e disseminar conteúdo na *Internet* tem se tornado motivo de polêmica e reflexão. Ao que parece é uma via de mão dupla. Se por um lado a liberdade de expressão é respeitada, do outro se tem qualquer tipo de discurso possível de ser produzido. Vivemos um momento delicado, com inúmeras guerras em nome de condutas culturais, as quais pode se vir a matar todo aquele que não comunga da mesma forma de pensar. A *Deep Web*³⁶ serve de meio de transmissão de informações para grupos radicais para tráfico humano, pedofilia, pornografia etc. Assim como contamos com inúmeras campanhas em prol da vida, do respeito ao próximo, *sites* que disponibilizam download de obras, compartilhando assim conhecimento, descentralizando o saber.

Michel Foucault (2012) no último capítulo do primeiro volume da coletânea de livros *História da Sexualidade*, fala-nos sobre o poder de vida e de morte que os soberanos detinham. A jurisdição da vida encontrava-se nas mãos do soberano, o qual estabelecia quem ia à guerra em seu nome, que seria punido por traição. Direta ou indiretamente, as vidas dos vassallos estavam sobre domínio do rei. A sociedade padecia sob a égide do direito ao confisco, seja de bens materiais ou da própria vida. É com o surgimento da época clássica no Ocidente que este panorama foi modificado, visto que a partir de então o controle sobre a vida foi intensificado. Para tanto, Foucault (2012) nos mostra que se antes se morria pela defesa da vida do soberano, na atualidade morre-se em nome da “vida”.

³⁶ O termo “deep web” é atribuído à autoria de Michael K. Bergman, CEO e cofundador da Structured Dynamics LLC. Ele se refere a todo aquele conteúdo que não pode ser indexado pelos sites de busca e, dessa forma, não está disponível diretamente para quem navega na *Internet*. Ao criar um site ou blog, o editor do conteúdo pode definir nas configurações se deseja ou não que o site seja indexado nos mecanismos de busca, habilitando as funções “follow” e “nofollow”. Caso opte pela segunda, quando os robôs dos mecanismos de busca vasculham a web em busca de conteúdo, ao passar pelo seu site eles encontrarão a mensagem para que o buscador “não siga” as páginas disponíveis. Disponível em: <<http://www.tecmundo.com.br/internet/15619-deep-web-o-lado-obsuro-da-internet.htm>>. Acesso em: 15 fev. 2016.

O biopoder consiste na gestão dos corpos a partir do poder da disciplinarização destes, assim o que se tem a partir de então não é mais o controle sobre a vida ou morte, mas sim, dos fatores de organização da vida, tais como: como se deve viver, quais procedimentos são aceitos, a expectativa média de vida, dentre outros aspectos. O biopoder controla as instâncias responsáveis pelos “bens” da coletividade, criando um modelo de vida a ser seguido. Assim, é possível controlar os indivíduos. Todo ser humano que se encontra fora do padrão pré-estabelecido de controle cultural deve ser retirado do convívio social, para que assim não ocorra a existência de hiatos no sistema. Os corpos abjetos são impelidos a se padronizarem por meio de tratamentos corporais, silenciamento, controle de desejo. Até se pode ser lésbica, mas não pode ser caminhoneira. Boix e Miguel nos esclarece como os regimes culturais funcionam:

É possível afirmar que por trás de toda política, cultural ou mesmo civilização subjaz uma antologia, quer dizer, uma concepção determinada de quem ou é de quem são os sujeitos da mesma. Assim, por exemplo (...) o valorado berço ateniense da democracia só considerava sujeitos, quer dizer, cidadãos, um grupo reduzido de homens. As mulheres, todas as mulheres, e os homens escravos ou estrangeiros não chegavam à categoria de seres humanos (BOIX; MIGUEL, 2013, p. 42).

Como exposto acima, existe uma padronização cultural que seleciona os indivíduos. Essa peneira é construída e manejada pelo biopoder, que cria uma lista de itens que devem ser seguidos e todo aquele que não alcançar a pontuação mínima é visto como um sujeito “inadequado”. Ao serem colocados para “debaixo do tapete social”, estes veem na *Internet* um meio capaz de criar resistências ao sistema de disciplinarização e de posicionarem enquanto integrantes do corpo social.

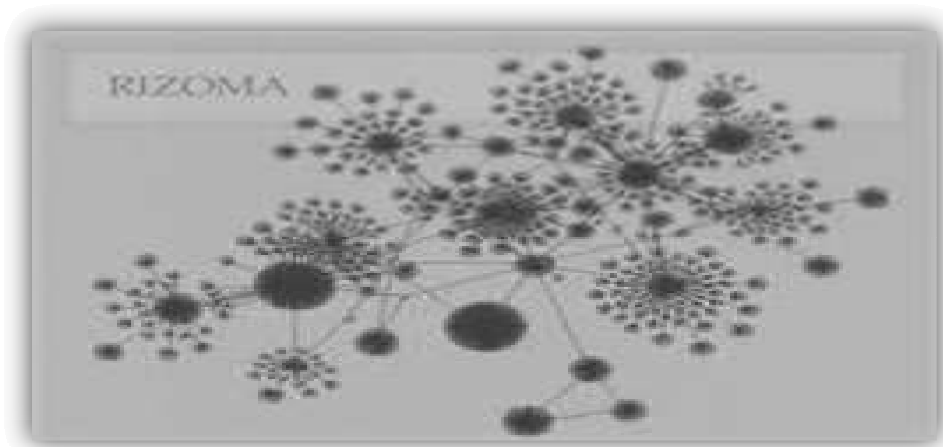
Dentro do modelo de sociedade patriarcal, as mulheres sempre estiveram à margem, porém as mulheres lésbicas foram quase que totalmente apagadas da História. Podemos verificar essa exclusão também ao olharmos a Literatura. Há pouquíssimas personagens lésbicas na história desta e em grande parte dos casos elas morrem. A democratização que a *Internet* apresenta é apetitosamente interessante para a escrita e divulgação de narrativas de cunho lésbico, uma vez que “a *Internet* se converteu em um elemento essencial para difundir informação, trocar opiniões, coordenar estratégias e realizar ações com a intenção de construir um mundo mais justo e igual” (Idem, p. 40).

O LETTERA surge como um território fértil e próprio para o plantio de estórias desses corpos femininos abjetos que desejam seus semelhantes. As narrativas geram encontros, afetos e identificações, os quais por sua vez desencadeiam a criação de redes de contatos entre as integrantes do portal, como mencionado anteriormente.

O uso da grande rede auxilia no processo de construção de elos, os quais resultam num estabelecimento de conexões entre sujeitos que se sentem representados de alguma forma pelo conteúdo acessado. A rede possibilita a criação de sistemas de conexão, que se estruturam da seguinte forma: um indivíduo cria um conteúdo e este é acessado por outro, o qual compartilha, comenta ou simplesmente curte; essas ações fazem com que haja um “espalhamento” da informação – quando uso o termo informação estou fazendo uma generalização a todo e qualquer conteúdo, e com isso inicia-se um rizoma comunicacional.

O rizoma de Deleuze (1980) nos serve de referência para compreensão do funcionamento da rede, uma vez que ambos mostram um padrão comum de funcionamento. Um e outro se conectam e se formam a partir da casualidade dos encontros, sem que haja uma ordem fixa de quem irá se conectar, nem tampouco do momento da junção. Esse mecanismo, que é tipicamente marcado por um caráter fortuito, possibilita a criação de uma figura de fisionomia única e inesperada, que reflete uma harmonia própria, a qual decorre do emaranhado do acaso das conexões. Observemos as imagens a seguir para uma melhor visualização do descrito acima:

Figura 6 – Ilustração do rizoma de Deleuze



Disponível em: <<https://arazaoinadequada.files.wordpress.com/2013/09/projetoblog-deleuze-e-guattari-2.jpg>>. Acesso em: 15 fev. 2016.

Figura 7 – Ilustração de como a rede de computadores é constituída



Disponível em: <<http://img.ibxk.com.br/materias/3489/10991.jpg?w=1040>>. Acesso em: 15 fev. 2016.

A zona de convergência que a *Internet* proporciona é desencadeada pelo seu caráter virtual, que é capaz de conectar pessoas de qualquer lugar na esfera terrestre. E, é, em decorrência desses encontros abstratos, entre os sujeitos que a rede se forma. Assim, a ideia de acesso solitário, a qual muitos usuários têm é ilusória, uma vez que ele encontra-se inserido numa teia invisível e imensamente complexa, que se forma a partir de um labiríntico campo de conexões, que tem como mecanismo de formação os filtros gerados em decorrência de acessos anteriores. A concatenação de elos se constrói por meio da seleção que ocorre simultaneamente ao acessarmos um *site*, por exemplo. Ao digitarmos os caracteres correspondentes por gerar o “caminho” para a página desejada e teclarmos *enter*, ocorre o processo de filtragem de interesses que supostamente temos.

2.6. INTERNET: UM LUGAR PARA SAPATÃO ESCREVER

A crescente produção de conteúdo na *Web* tem como epítome a acessibilidade. Em consequência de um movimento de busca por um melhor desempenho e usabilidade por parte dos profissionais da área, para suprimir uma demanda crescente de busca, é que a *Internet* vem ganhando uma nova cara na última década. Tornar-se exequível significa alcançar um número cada vez maior de usuários. Para tanto, elementos como uma interface gráfica mais “amigável”, processador de texto mais eficaz, além de aumento de tempo de acesso, são ingredientes fundamentais para a expansão da rede.

A interface gráfica consiste em um *software* responsável pela interação entre o usuário e a máquina. Com o aprimoramento deste pela indústria de informática, tem-se um processo de diálogo mais produtivo entre as figuras que integram a relação usuário/mídias digitais. Esta se torna mais eficaz em decorrência da agilidade da inserção de conteúdo e acesso.

Devido à evolução da *Internet*, o manejo de conteúdo tem se tornado cada vez mais fácil, visto que já não é mais necessário dominar códigos fontes para produzir conteúdo, como outrora. O domínio de linguagem do tipo HTML³⁷, por exemplo, é desnecessária, ficando restrito, apenas, para quem programa. E é a partir da democratização do acesso ao uso e produção de conteúdo na *Internet* possibilita que um número maior de pessoas se coloquem como criadoras de informação. Empoderadas desta ferramenta virtual, que estende seu poder de alcance, visto que alcança um número que pode chegar a cifras incalculáveis, as mulheres lésbicas têm utilizado a rede como meio de produção e divulgação de narrativas que tem como protagonistas mulheres que vivem o amor/desejo lésbico, resultando, assim, em um lugar de encontro e pertencimento, como já mencionado neste texto.

Outro fator que marca o uso da rede é a velocidade de circulação do que é produzido. A ciberescritora escreve e, ao postar sua narrativa, uma ciberleitora³⁸ já o pode acessar. O ciclo de produção, divulgação e leitura pode ser extremamente rápido, uma vez que muitas ciberescritoras costumam digitar seus textos direto na página³⁹.

O ciclo de divulgação das narrativas no portal LETTERA, assim como em boa parte da *Internet*, é muito rápido, uma vez que é a própria ciberescritora posta e divulga suas histórias, assim não há perda de tempo com intermediários. Virginia Woolf tinha uma prensa própria, a qual lhe assegurava o direito de produzir e reproduzir vozes, bem como modelar uma visão de mundo. As autoras do portal LETTERA têm na *Internet* um meio que possibilita uma autoprodução, uma vez que esta consegue dar voz a esse tipo de narrativa que é vista como marginal à medida que não trata de temas que se

³⁷ HTML – Hypertext MarkupLanguage – linguagem de marcação hipertextual. É a linguagem usada para produção de conteúdo na *web*.

³⁸ Ciberleitora: refere-se às mulheres que leem na *Internet*.

³⁹ Conhece-se por página web qualquer documento que faça parte de um sítio *web* e que costuma conter ligações (igualmente chamadas hiperligações ou *links*) para facilitar a navegação entre os conteúdos. As páginas *web* são desenvolvidas com linguagens de marcação como o HTML, as quais podem ser interpretadas pelos navegadores. Desta forma, as páginas podem apresentar informação em diferentes formatos (texto, imagens, sons, vídeos, animações), estar associadas aos dados de estilo ou conter aplicações interactivas. Disponível em: <<http://conceito.de/pagina-web#ixzz4ChIH0ZXm>>. Acesso em: 16 fev. 2016.

enquadram dentro de uma perspectiva de temas dominantes. A divulgação, leitura, comentário e compartilhamento ocorrem praticamente em tempo real, e é em decorrência dessa simultaneidade, que as fronteiras que delineiam a ciberescritora e a ciberleitora se confundem, chegando ao nível de não se saber quem é a ciberescritora primeira do texto, visto que já não podemos falar em um único sujeito que escreveu um *post*, mas sim num rizoma de escrita e reescrita, que se constitui a partir da interação entre as figuras da ciberescrita e ciberleitura. A narrativa, assim como o *post*, são rizomáticos. Segundo Neves:

Pode-se notar que o aparecimento de novos projetos literários na *Internet* implica uma mudança na concepção autoral, o autor também é deslocado, perde sua autonomia enquanto “dono” do saber, origem da informação, visto que a autoria implica um ponto de origem do conhecimento, verdade primeira e uma condição para a totalização ou fechamento de sentido (NEVES, 2014, p. 79).

A arquitetura da rede permite que haja um entrecruzamento das figuras que compõem o processo da narrativa – ciberescritora, escrita, ciberleitora. Assim como um alargamento das fronteiras de alcance dos textos, uma vez que ela detém uma geografia própria, a qual deixa as categorias de espaço e tempo como comumente estabelecidas desestabilizadas, posto que elas não dão conta de traduzir o funcionamento, nem tampouco a forma de interação entre os sujeitos que a compõe.

Outro aspecto importante deste meio é que ele abarca a escrita de *noob*⁴⁰ e de *newb*, ou seja, mulheres que não têm experiência como escritora ou até mesmo em escrever, mas que buscam evoluir na escrita. O processo de evolução no portal LETTERA dá-se por meio de três tipos de auxílio, são eles: a partir dos comentários das ciberleitoras, da troca de experiência com outras ciberleitoras e com a interação com as leitoras beta. É em decorrência deste contato recorrente que o cibertexto não é visto como um texto escrito a duas mãos, mas como um rizoma textual, o qual recebe auxílio dos mais variados sujeitos.

A *Internet* eclode como ferramenta significativa para as mulheres lésbicas, dado que é a partir dela que estes sujeitos podem se colocar como seres reais, que existem e

⁴⁰ O termo refere-se a um novato, um iniciante, um inexperiente em alguma atividade. Para os interneteiros o "noob" é aquele sujeito que acabou de chegar ao mundo virtual e não conhece as regras de etiqueta da *Internet*. A palavra "noob" tem sua origem no termo "newbie", que significa a mesma coisa. "Newbie" por sua vez tem origem na expressão "new boy". Esta expressão é usada nas escolas para se referir àquela criança recém chegada na escola, não conhece todo mundo, vive perdido, etc. Disponível em: <<http://tiraduvidas.tecmundo.com.br/43863>>. Acesso em: 22 jun. 2016.

que desejam, desmistificando a homossexualidade feminina como uma prática. Quando elas escrevem suas narrativas, desenham, ao seu modo, seus enlaces amorosos, tem-se uma transposição mais real do que uma relação lésbica é em sua concretude. Se pegarmos a matéria da página do Ministério da Cultura, do dia 08 de março de 2016, temos um retrato de como os escritores homens desenham suas personagens femininas. Nessa matéria, Campanerut fala-nos:

Apenas no período de 1990 e 2014, as mulheres foram retratadas pelos homens como jovens (42,3%), adultas (50%), belas (42, 3%), atraentes (50%) e inteligentes (34%). As mulheres nos livros, para eles, são boa parte donas de casa, 43,3% delas são menos intelectuais e dependem mais dos homens financeiramente nessas histórias (CAMPANERUT, 2016, p. 45).

Em contrapartida, a autora mostra como as mulheres estruturam suas personagens: “ainda no mesmo período, as mulheres, nos livros escritos por elas, possui como característica principal a inteligência (63%), são em sua maioria, donas de casa. As não brancas têm tarefas na costura, na cozinha, e na dança” (Idem, p. 39).

É perceptível que nem escritores, assim como as escritoras de “papel” e que estão em uma condição acima da margem, não retratam em suas narrativas figuras discordantes como as lésbicas. Essas são quase que inexistentes quando falamos sobre uma história da Literatura e veem na rede uma forma de saírem do limbo literário, seja como protagonistas e ou como escritoras. Spivak (2010) fala sobre a importância de dar voz aos sujeitos, colocando-os para falar de si, para que eles próprios narrem suas vivências, sem que haja um moderador entre os que foram até então emudecidos e a sociedade. Em decorrência da necessidade de um lugar que abarque estas falas é que a *Internet* mostra-se tão profícua. Como já posto, a estrutura da rede projeta a fala sem que haja uma necessidade de uma exposição direta do ser que fala. Há assim, uma dupla articulação entre as categorias de visibilidade/invisibilidade, nas quais ciberescritoras podem transitar entre elas segundo as suas necessidades.

A possibilidade de lidar com o biônimo citado pode parecer contraditório em primeira instância, visto que ao longo deste trabalho estamos discorrendo sobre a relevância de projetar a escrita lésbica para que ela chegue a um número maior de leitoras e ganhe visibilidade. Porém, muitas meninas ainda precisam de suporte que auxiliem na proteção contra retaliação, para tanto o uso de pseudônimos e criação de

perfis falsos ainda aparecem como mecanismos de preservação. Não podemos esquecer que o ataque via comentários é uma prática recorrente na *Web*.

2.7. SORORIDADE COMO ARTIFÍCIO CONTRA A MISOGINIA LITERÁRIA

A necessidade de construir uma maior sororidade entre as mulheres é um desejo recorrente. O qual já era anunciado por Virginia Woolf no século XIX. A autora em seu texto *Um teto todo seu* adverte que em toda a sua formação literária nunca viu duas mulheres sendo retratadas como amigas. A escrita enfatizava uma concorrência velada dentro do sexo feminino, fazendo com que o sentimento de disputa fosse algo recorrente. A rede vem trazendo novos ares ao feminino, os quais têm possibilitado formas, diversas, de se enxergarem. O desenvolvimento do senso de empoderamento de si faz com que brote um sentimento de acolhimento para com as suas iguais. As *hashtags* são um exemplo desse progresso, como podemos constatar por meio da *#primeiroassedio*⁴¹, que traduz o movimento de união entre mulheres via *Internet*.

A falta de figuras femininas na literatura demonstra o cerceamento social das mulheres na cultura heteronormativa, fazendo da escrita um lugar com características misóginas, e sendo utilizada como instrumento de legitimação da sua supremacia cultural, social, existencial masculina. A literatura encontra-se repleta de heróis deste a Grécia até a atualidade dos mais variados tipos. A retirada das mulheres da História é consolidada por um arsenal literário repleto por personagens homens viris e sábios e de mulheres frágeis e passivas. O estereótipo desenhado para a mulher ficcional conduz a uma visão deturpada do sexo feminino, o qual é posto como incapaz de colocar-se como protagonista da ação de viver.

Nas palavras de Woolf: “o esplêndido retrato da mulher fictícia é excessivamente simples e demasiadamente monótono” (WOOLF, 1990, p. 104). É assim que as mulheres são descritas pelas mãos masculinas: seres apáticos com a história, voltadas para servidão corpórea e familiar. É em decorrência desta visão viciada, que se faz necessário que as mulheres escrevam, mas escrevam olhando para si, para quem são, para as idiosincrasias que as compõem enquanto indivíduo, deixando na sua produção a sua visão de mundo, sem abster-se das realidades que cercam sua

⁴¹ A *hashtag* “primeiroassedio” foi criada depois que comentários de caráter pedófilos foram direcionados a uma das integrantes do programa “Masterchef Júnior” em 2015, a participante tinha na época 12 anos. A iniciativa foi do coletivo feminista Think Olga. Disponível em: <<https://twitter.com/search?src=typd&q=%23primeiroassedio>>. Acesso em: 19 fev. 2016.

vida. É necessário que as mulheres passem a existir na literatura enquanto ser ativo, capazes de escreverem suas biografias, mostrar seus feitos, amores, dores, desejos. Não buscamos, no entanto, substituir a escrita masculina pela feminina, quiçá uma literatura sem prerrogativas de gênero que se aproximasse da androginia. Uma literatura que desse conta da multiplicidade humana.

O que Woolf tenta fazer com seu ensaio é mostrar a necessidade de uma escrita capaz de desencadear um sentimento de pertencimento em suas leitoras e que em decorrência desse, surgisse uma empatia com o seu próprio sexo. Fazer com que as mulheres se enxerguem enquanto mulheres e que se sintam realizadas com o seu gênero é o primeiro passo para uma reformulação estrutural da sociedade. À medida que esta deixa de ser protagonizada por uma única categoria (a masculina) e passa a ter duas, a qual como se sabe, não daria conta de todo leque de figuras que integram o corpo social, mas representaria um avanço sobre a misoginia cultural e literária.

Causar desconforto a partir do investimento em sentimentos como rivalidade em decorrência a níveis de beleza, capacidade laborativa, entre outras funciona como uma implosão interna nas bases do sentimento de confortabilidade e de pertencimento ao próprio sexo, desencadeando assim, um desejo de alcançar o “topo” do seu sexo (menor) e tornar-se semelhante ou até igual aos que as asujeitaram. O processo citado corrói os vasos que irrigam o sentimento de pertencimento, fazendo com que haja uma subtração do empoderamento feminino. O LETTERA nos apresenta um movimento contrário ao citado. Verificamos um corriqueiro auxílio entre as integrantes do portal, uma sororidade no processo de escrita que gera agradecimento como veremos a seguir:

Figura 8 – Agradecimento pela ajuda na escrita

Notas finais:

Leitoras lindas, por favor, saiam da moita ao ler esse capítulo/dia.

Mexemos em assuntos delicados agora e eu espero ter conseguido mostrar a devida sensibilidade e respeito ao que o tema exige.

Eu quero dedicar esse capítulo a uma pessoa muito especial na minha vida e que adora essa estória tanto ou mais do que eu, porque ela me obrigada a fazer sempre algo melhor para que vocês apreciem com riqueza de detalhes todas as nuances desse romance moderno.

Jéssy todo mundo que curtir essa estória deve a você o fato de estarem lendo.

<3

Fonte: Página do portal do LETTERA.
Disponível em: <http://projetolettera.com.br>>. Acesso em: 24 fev. 2016

É palpável o cuidado com o processo de escrita que a ciberleitora tem com a ciberescritora, fator que potencializa a escrita dessa, mas os laços construídos a partir da ciberleitura, fazendo com que haja um empoderamento de quem escreve.

A potência de um grupo reside na capacidade de união das pessoas que o integram, assim, para que o objetivo seja alcançado é preciso, primeiramente, instalar no bando o sentimento de pertencimento, o qual irá, por sua vez, uni-los em prol de uma causa comum. No segundo momento, é necessário desenvolver estratégias de como combater as forças que atuam de forma contrária ao alcance do objetivo almejado. Analisar os mecanismos que são utilizados para minar a potência do grupo e buscar mecanismos para enfraquecê-las, neutralizando ao máximo seus efeitos. Um dos meios mais eficientes de vencer as práxis culturais e de introjetar novas perspectivas sobre ela, a fim de gerar uma abertura conceitual, e assim expandindo o prisma de visão sobre essa é a *Internet*. A *Web* apresenta uma usabilidade de fácil compreensão, custo acessível decorrente do aumento do número de provedores de 3G⁴², 4G⁴³ e banda larga e um longo alcance. Esta combinação de fatores resulta em um alongamento do alcance das informações produzidas na rede.

No Brasil, no entanto, o valor de acesso à rede é um dos mais caros do mundo, deste modo, por mais que falemos em democratização do acesso, esse ainda é restrito e não apenas em razão do valor, mas também em decorrência das provedoras de acesso não chegarem a todo o território brasileiro. Lugares mais afastados ainda padecem com uma rede precária ou inexistente.

A geração Y⁴⁴ e a geração Z⁴⁵ vêm sendo um marco nesta nova forma de produzir conhecimento. Porém este não é um fenômeno novo. A cada geração, os meios de comunicação auxiliam na reformulação dos paradigmas. O diferencial da *Internet* é seu alcance e a sensação de igualdade que ela reporta aos seus usuários. Não quero me ater a se esta sensação é real ou não, mas sim a funcionalidade que este meio apresenta

⁴² Terceira geração de telefonia móvel, a qual é transmitida a partir de ondas de rádio.

⁴³ Quarta geração de telefonia móvel, caracterizada pelo aumento da transmissão de dados. Funciona com a tecnologia LTE – LongTermEvolution.

⁴⁴ Termo criado pela revista de publicidade norte-americana Advertising Age para designar os filhos dos integrantes da geração x, que por sua vez são filhos da geração Baby Boom que é formada por seres nascidos após a Segunda Guerra Mundial. São jovens entre 20 e 30 anos que estão submerso num ambiente virtual desde a infância e que se caracterizam por serem multitarefa, usam a *Internet* como ferramenta de organização, preocupam-se com o alcance das informações produzidas, dentre outras.

⁴⁵ A letra Z não refere-se à ordem alfabética que foi seguida com a geração Y. O “z” refere-se a principal característica desta geração, manter-se conectado o tempo todo.

para a criação de rasura na malha comportamental e de como esta auxilia no ativismo social.

A geração digital, como é comumente denominada as gerações X e Z, têm usado a *Internet* como uma ferramenta em prol de uma maior participação nas decisões reais, como as de caráter governamental, quebrando de certa forma a máxima de que a rede cria gerações alienadas sobre o mundo no qual está inserido. Não pretendemos nos estender na discussão sobre passividade dos internautas, mas sim mostrar que as mulheres lésbicas têm utilizado a *Web* como ferramenta para a desconstrução de padrões estabelecidos pela sociedade por meio de discussões nas redes sociais, publicações em *sites*, *blogs*, produção de revistas focadas no universo feminino lésbico, e principalmente, na escrita de uma literatura que retrate o universo lésbico, dentre outras.

A escrita de narrativas literárias lésbicas na grande rede representa um marco existencial, já que o sujeito lésbico foi retirado da história oficial, ficando à margem, sem legado histórico para servir de referência a ser seguido. Escrever/digitar um texto e disponibilizá-lo para a leitura sem que seja necessário passar pelo bisturi editorial simboliza um novo momento histórico existencial para estes sujeitos. Uma vez que agora é possível apresentar indivíduos que fogem ao padrão heteronormativo, o qual é imposto culturalmente como único. Quando você lê uma narrativa protagonizada por figura(s) lésbica(s) seja como casal amoroso, amigas, companheiras de luta ocorre um movimento de revisão conceitual. Virginia Woolf em seu ensaio fala sobre o impacto que teve ao ler a obra de Mary Carmichael *A aventura de uma vida*: “Vamos admitir, na privacidade de nossa sociedade, que essas coisas às vezes acontecem. Às vezes, as mulheres realmente gostam de mulher... Chloe gostava de Olivia pela primeira vez na literatura” (WOOLF, 1990, p. 102). As palavras da escritora são muito claras, aquele livro *A aventura de uma vida* era o primeiro a tratar da existência de lésbicas na literatura.

O livro ao qual Woolf refere-se é de 1929, ou seja, a figura da lésbica só vai registrada pela literatura no início do século XIX. Desde Safo na antiguidade clássica nenhuma mulher amou outra mulher na história literária. Woolf fala sobre a importância que esta obra terá para a literatura e para a sociedade, uma vez que ela descortina as relações de gênero. Leiamos:

Pois se Chloe gosta de Olivia e Mary Carmichael souber como expressá-lo, ela acenderá uma tocha naquele vasto aposento aonde ainda ninguém penetrou. Tudo são meias-luzes e sombras profundas, como aquelas cavernas serpenteantes onde se entra com uma vela, olhando atentamente para cima e para baixo, sem saber onde se está pisando (WOOLF, 1990, p. 105).

Para que Mary Carmichael consiga livrar-se das amarras da escrita masculina, é preciso de ela observe o “banal”, alerta Virginia Woolf. A banalidade é quem dará sustentabilidade à escrita da Carmichael. Somente quando essa observar a movência das mulheres no convívio social é que ela conseguirá retratar mais fidedignamente o seu próprio sexo, uma vez que parece ser necessário afastar-se da visão implantada das mulheres pelos escritores. Desta maneira, Mary Carmichael auferirá vida ao feminino. É descrevendo como uma mulher vê a arrumação do lar, a educação dos filhos, o trabalho fora de casa, às flores que encontra pela rua que teremos uma representação do feminino. Visto que o “banal” do masculino já foi esmiunçado pela pena de seus iguais.

Tudo isso você terá que explorar, disse eu a Mary Carmichael, segurando a tocha firmemente em suas mãos. Acima de tudo você deve iluminar a própria alma, com suas profundezas e superficialidades, suas vaidades e generosidades, e dizer o que é sua relação com o mundo (WOOLF, 1990, p. 111).

O trabalho da escritora supracitada será um pouco mais árduo do que o das suas companheiras de gênero, visto que ele iria enredar-se pela redação de um livro que traz o enlace amoroso entre duas mulheres – Chloe e Olivia. Ela será perseguida pelos grilhões da heterormatividade, pela crítica misógina. Falar sobre mulheres que se desejam na época que Carmichael falou pede habilidade de escrita. É reinventar as velhas metáforas, construir novas, apodera-se das palavras ao seu favor, uma vez que dentro das esferas de marginalização criadas pela cultura heteronormativa as mulheres lésbicas encontram-se num nível superior de silenciamento, já que o seu desejo entra em atrito direto com o código normativo.

Podemos constatar o apagamento lésbico ao pegarmos qualquer livro de História. O sujeito lésbico entra em conflito com inúmeras regras do sistema heteronormativo, já que não coloca sua existência atrelada ao sexo masculino. São indivíduos que buscam vivenciar enlaces amorosos por si só, sem que haja obrigatoriedade de procriar. São relações baseadas em laços afetivos e de desejo. De

acordo com os estudos da historiadora Swain (2004), o sexo feminino só ganhou representatividade na História a partir do movimento feminista, ou seja, a partir da segunda metade da década de sessenta. Até então a História só apresentava protagonistas homens. Segundo a teórica, a figura da mulher lésbica foi retirada da História, como podemos verificar no trecho a seguir do seu livro *O que é o lesbianismo*:

Se as mulheres começaram a surgir na História a partir do feminismo, onde se escondem as lésbicas, em que nichos de obscuridade e silêncio se pode encontrá-las? Se a História não fala sobre as relações físicas e emocionais entre mulheres é porque não existiam? Ou porque sua existência representava a desestabilização e o caos na ordem “natural” e “divina” da heterossexualidade dominada pelo masculino? O que seria do mundo patriarcal se as mulheres dispensassem os homens de suas camas e de seu afeto, se recusassem a “incontomável” parceria masculina e a reprodução como definidoras de suas identidades? (SWAIN, 2004, p. 13).

Retirar as mulheres lésbicas dos registros formais foi uma forma eficaz de deixá-las relegadas à não existência. O ser humano busca por referenciais para seguir, visto que se constitui a partir do processo de espelhamento. Se o feto recebe desde a sua geração que apenas o sexo masculino consegue alcançar feitos, por ser mais forte fisicamente, por ter uma capacidade de raciocínio mais densa e avançada – visão do senso comum – a criança vai absorver estas informações e vai introjetá-las na sua existência. Se só apresentam um único protótipo ele vai segui-lo e anular qualquer coisa que esteja à sua volta, uma vez que o gatilho para a legitimação dos corpos é o espaço representacional. Portanto, quando só existe uma figura que serve de modelo, há uma restrição de visão de mundo. Quando o lugar na história das mulheres lésbicas é usurpado, ocorre um regime nutricional de possibilidades de concepções de mundo, desde modo não há um repasse de informações sobre o mundo lésbico, como nos fala Adrienne Rich:

E a existência lésbica tem sido vivida (diferentemente, digamos da existência judaica e católica) sem acesso a qualquer conhecimento de tradição, continuidade e esteio social. A destruição de registros, memória e cartas documentando as realidades da existência lésbica deve ser tomada seriamente como um meio de manter a heterossexualidade compulsória para as mulheres, afinal o que tem sido colocado à parte de nosso conhecimento é a alegria, a sensualidade, a coragem e a comunidade, bem como a culpa, a autonegação e a dor (RICH, 1980, p. 20).

O poder disciplinador criou um campo de invisibilidade em volta do sujeito lésbico em decorrência ao modelo heteronormativo de casal – Adão e Eva foram estabelecidos como referência de casal ideal pelo Ocidente. Deste modo, as formas de enlace foram restringidas, fazendo com que tudo que fuja a este padrão (homem + mulher = casal) arque com as consequências advindas do modelo disciplinador que a cultura adota. O desejo é doutrinado. A relação protagonizada por duas mulheres é rodeada por estereótipos, tais como: incompleta, já que não há um pênis para que ocorra a penetração, de cunho apenas sentimental, visto que o feminino foi relacionado ao afeto, dentre outros. A homossexualidade feminina é uma prática que cria rasuras na malha do tecido social. É como se a cada envolvimento entre dois seres do mesmo sexo as tramas dos paradigmas sociais fossem sendo afrouxados, se a prática não for combatida e apagada da História os sujeitos passam a considerá-la normal e a incorporá-la.

Adrienne Rich (1980) em seu texto *Heterossexualidade compulsória e existência lésbica*, fala-nos sobre o *continuum* lésbico, que corresponde ao processo de identificação que uma mulher tem por outra da sua espécie. Esta identificação pode ser desde uma empatia pela sua igual, chegando a um enlace amoroso, o qual seria o ponto extremo de resistência contra a heterossexualidade compulsória, uma vez que esta representa uma ruptura do direito masculino de acesso ao feminino, o qual vem sendo transmitido de geração em geração pela cultura. O direito inerente ao corpo feminino pelo homem vem gerando ao longo dos anos uma naturalização de práticas hediondas contra estas, o qual representa um mal estar existencial.

O *continuum* mostra-se como uma possibilidade de ruptura de velhas práticas por meio do desencadeamento de um sentimento de sororidade feminina. A construção de uma nova ética e de uma política voltada para as questões femininas pode inspirar pautas sociais e culturais. À medida que a sororidade, por sua vez, perpassa pelas esferas éticas, política do feminino atual, busca uma construção de elementos que sustentem o feminino, mas sem focar no essencialíssimo biológico. A categoria supracitada visibiliza as experiências compartilhadas entre e pelas mulheres, desde a introspeção dos aspectos que são comuns às mulheres, delas observarem quem são suas necessidades e seus desejos. É permitir olhar para si enquanto sujeito histórico.

Entregar o feminino ao uso da *Internet* é de extrema importância, devido ao alcance que ela consegue atingir, conectando seres de todos os lugares. O compartilhamento de experiências torna-se mais rápido e acessível. Uma internauta se

conecta a outra internauta e assim por diante, criando ramificações práticas. Um bom exemplo para a compreensão desse processo de construção da rede de contatos é o que o portal LETTERA tem criado, como veremos no terceiro capítulo.

Os comentários deixados ao término das postagens pelas ciberleitoras e as respostas das ciberescritoras têm proporcionado a criação de laços entre essas figuras. Foi a partir desse primeiro contato, os comentários, que se percebeu a necessidade do estreitamento da comunicação. A ânsia por saber mais uma das outras fez com que elas penetrassem as redes sociais, criando grupos no *Facebook e WhatsApp*, com o intuito de suprir o desejo de troca de experiências, afetos e saberes.

Iremos analisar no terceiro capítulo como se deu a criação do grupo do LETTERA no *Facebook*, assim como no *WhatsApp* no intuito de compreendermos como a escrita dessas cibernarrativas afetam e potencializam suas ciberleitoras. Para tanto, iremos debruçar-nos sobre a categoria da amizade, já que entendemos que os laços criados entre as integrantes do portal têm apresentado “cores de amizade” como nos fala Ionta (2007). O livro *Genealogia da amizade*, de Francisco Ortega serve-nos como aporte teórico para entendermos como a amizade tem sido construída ao longo da história, e Recuero (2009) atualiza a questão dessa a partir das redes sociais.

CAPÍTULO 3: SOCIALIZAÇÃO DE DESEJOS E DE ESCRITA

Sempre quis ler uma história de amor entre duas mulheres, porque eu amo mulheres, eu me relaciono com mulheres (...) eu sempre quis ler essas histórias e não tinha. Poxa, sacanagem. Não tem, então, eu vou produzir, então vai ter!
(DIAS, 2014, p. 18).

A formação de espaços de socialização e de publicação de textos lésbicos na Internet tem produzido a chance de leitoras tornarem-se autoras representativas das mulheres homossexuais
(ARQUIVOS DO CDM, 2015, p. 72).

3.1. O INCÔMODO DOS LAÇOS AFETIVOS PARA OS INTERESSES DO PODER

Buscamos entender como a amizade tem sido narrada ao longo da história da humanidade e os tensionamentos que essa categoria social tem sofrido ao longo desse, uma vez que os afetos têm se mostrado como pontos desencadeadores das reações humanas, sendo percebida, muitas vezes como perigosa, tendo em vista ter se tornado, a partir do cristianismo, pouco interessantes aos olhos deste, em razão de corroborar para uniões que não contribuía para seus ideais.

Para Francisco Ortega, “a amizade é uma manifestação que não se comporta uniformemente no tempo e no espaço” (ORTEGA, 2002, p. 11). Isso se dá porque a cada momento histórico ela é vista de formas distintas pelos que estão em posição privilegiada na gerência da vida.

Na Grécia, temos a *philos*. Encontra-se ligada às relações interpessoais e de parentesco, visto que temos uma sociedade marcada pelo clima de insegurança e que só era possível confiar nos seus iguais. Deste modo, todo aquele que era estrangeiro era visto como inimigo e não era digno das leis da hospitalidade. Para os gregos, a amizade encontrava-se intimamente ligada à hospitalidade, que, por sua vez, conectava-se ao sentimento de pertencimento. Em decorrência dessa forma de enxergar os laços afetivos é que a *heteria*, espécie de clube de armas e que se apresenta como núcleo político, foi marcado por elos de camaradagem, frequentado por cidadãos da mesma classe, os quais adentram nele com a mesma idade. Em decorrência dessas semelhanças de seus membros, essa instituição perdurou por muito tempo na sociedade grega.

Com o surgimento da *polis*, os laços parentais que marcavam a amizade grega, foram enfraquecendo-se e essa passa a caracterizar-se pela liberdade da disposição dos afetos, deslocando assim a amizade para uma esfera diferente da que se encontrava a família. Mesmo após a desvinculação supracitada, o caráter normativo da amizade permaneceu.

Para Platão, a amizade encontra-se atrelada a uma poética romântica entre homens, os rapazes, que por se assemelharem às mulheres em suas formas e sentimentos, as substituíam nos enlaces amorosos. Dois fatores são significativos para essa teoria. A primeira é pelo fato das mulheres gregas serem condicionadas pelo modelo social ao *oikos*. Deste modo, não havia encontros em público entre o sexo feminino e o masculino, e a amizade neste contexto histórico, era típica da esfera pública. O segundo aspecto é que as uniões eram marcadas pela supremacia do marido sobre sua esposa. Temos um conjunto de normativos que dá sustentação à sociedade grega, dentre eles encontra-se uma exaltação do masculino sobre o feminino, fazendo com que haja uma espécie de desprezo pelas mulheres. Essa minimização gera uma retração do afeto dentro das relações conjugais.

A hostilidade entre os sexos e o estatuto diferenciado entre homens e mulheres criaram uma barreira que impedia a formação de relações de amizade entre eles. A separação dos sexos provocada pela divisão do trabalho acarretou tensões maritais e frustração de necessidades emocionais, tais como autoafirmação, as quais, em outras culturas, são, geralmente, satisfeitas nas relações heterossexuais. Na Grécia, essa função era desempenhada pela amizade e pelo amor masculino (ORTEGA, 2002, p. 27).

Por sua vez, Aristóteles desintegrou a *philia* do amor, deixando sua marca na narrativa histórica da amizade. *Eros* e *philia* são desarticulados, e passaram a significar coisas distintas e dotados de características diferentes. A racionalidade tornou-se ponto chave para a amizade, contrastando o *pathos* do amor. Essa desarticulação advinha da sua compreensão do amor. Para ele, esse sentimento afetava negativamente o homem, fazendo com que ele perdesse sua linearidade cognitiva e o condiciona aos desejos carniais. A *philia*, por sua vez, mostrava-se como mola mestra para a formação de uma sociedade digna, já que ela é baseada na moral e na racionalidade, dando substrato para a política e a justiça. Baseada no bem comum e estruturada sobre a racionalidade, ela despontava pelo seu caráter nobre, devendo ser vista como busca comum a toda

humanidade. A difusão da *philia* enquanto bem maior resultou no que hoje entendemos por amor ao próximo, o qual foi adotado pelo cristianismo e se tornou a base da sua doutrina.

Por volta de 18 a.c, a *amicitia* romana era voltada para o fortalecimento de laços políticos, uma vez que era através das alianças estabelecidas com os amigos que aristocratas romanos se impunham politicamente. Porém essa relação não se estendia às esferas econômicas, religiosas e políticas. É fator interessante quando atualizamos a discussão sobre a amizade, uma vez que estamos vivendo um momento em que a união entre pessoas com pensamentos parecidos, que por comungarem de ideias parecidas, burlam as leis e deixam a moral em segundo plano. O fascismo nosso de cada dia nutre-se dos elos que perpassam pelas esferas da religião, política e das mídias de massa, fazendo com que haja uma desestruturação do bem comum. O estrangeiro padece sobre a égide dos nossos dogmas, tidos como verdades inquestionáveis, as quais nos dá “passe livre” para exercermos toda sorte de sentimentos e ações negativas sobre o outro, uma vez que nossas ações e palavras estarão resguardadas pelo sentimento de pertencimento.

A *amicia* romana, como já foi dito, tinha por propósito o fortalecimento do poderio familiar. Em decorrência desse fato, o casamento passou a ser uma instituição mais “valorizada”, fator que contribuiu para o enfraquecimento do incentivo à amizade entre homens. A pederastia perde sua função e seu *status*. O *Eros* é deslocado para a união conjugal. O desejo erótico recai sobre a figura da mulher e a virgindade passa a ser valorizada. Temos aqui, uma importante mudança social, a qual perdura até a atualidade, em que as relações heterossexuais são postas como fundamentais para a formação do poder financeiro, porém, as mulheres continuam em seu papel de objeto, só que um objeto desejado sexualmente.

A ideia de amizade grega e romana afasta-se em boa parte dos aspectos da pregada pelo cristianismo, uma vez que estas tinham como característica a eleição de um ser ou de um núcleo que estavam ligados ao benefício pessoal e ao ideal de amizade para a religião cristã, que tem como ponto central o amor a Deus e o amor ao próximo, sem que haja aceção de pessoa. A família volta à tona, mas uma família em Cristo, uma vez que os que comungam dessa doutrina optam por chamar seus amigos de irmãos. Santo Agostinho, ao fundar a igreja na África, passa a pregar que a amizade só pode ser existir entre os cristãos e que o batismo é necessário, para que haja a conversão. Essa máxima é decorrente da forte atuação de forças conservadoras sobre seu ministério. O amor *ágape* tem um efeito contrário do que se propunha e torna-se um

propagador de exclusão, já que só há uma divisão entre a amizade entre cristãos e não-cristãos. A igreja vai endurecendo sua forma de ver os afetos e com isso há um cerceamento do acolhimento das práticas afetivas.

Com os monges, a situação da amizade complica um pouco, como cita Ortega: “Rotério de Verona, por exemplo, considera os amigos mais perigosos devido à adulação do que os inimigos por causa da hostilidade e não contempla nenhuma possibilidade de traduzir as amizades mundanas como vínculos monásticos” (ORTEGA, 2002, p. 118). Há aqui uma abominação para com as amizades íntimas, visto que estas simbolizavam uma ameaça à alma no mosteiro, isso porque a vida reclusa mostrava-se como terreno fértil para o surgimento de enlace que ultrapassavam os laços da amizade. Já no século XII, nós temos um retorno ao interesse na amizade, inclusive no que tange ao estabelecimento de alianças políticas e sociais. No final do mesmo século, os limites entre homossexualidade e amizade são definidos, e o primeiro passa a ser prontamente hostilizado. No entanto, é só no século XIII que a igreja católica se coloca contrária às práticas homossexuais, e isso se dá devido ao fato dela sentir-se ameaçada pela união entre os sujeitos (do mesmo sexo). Ao que parece, o amor homossexual não era motivo de perturbação, mas a potência que esse tipo de elo resultava era o que preocupava a igreja.

Com o surgimento da intolerância no século XIII, temos uma reconfiguração da sociedade. Há uma espécie de endurecimento dos afetos e a amizade perde seu prestígio, os valores humanos são repensados e passamos a vivenciar o momento de austeridade, o qual é desencadeado pela perda da força da amizade como nos mostra Ortega:

Esse declínio da amizade deve-se à confluência de três elementos, os quais sejam: a) o nascimento da Escolástica e o conseqüente declínio da amizade e da cultura monástica; b) o deslocamento e substituição do vocabulário da amizade pelo amor cortês; c) o surgimento de uma atitude de intolerância ante a homossexualidade incomum antes dessa data (Idem, p. 82).

A Renascença se veste com os fundamentos da amizade de Aristóteles e Cícero, porém estabelece que ela é da ordem da intimidade, quebrando assim com a ideia do aspecto público que era próprio da amizade, assim como o vínculo entre família e amizade. Segundo Ortega (2002), Montaigne traz um ideal de amizade transcendente

voltada para um prazer espiritual o qual não requer concretude de qualidades. Afirma também, que buscamos nos amigos a personificação do “eu”, uma vez que escolhemos nossos amigos em decorrência da projeção que fazemos de nós mesmos, buscando no “outro” nós mesmos.

Para Montaigne: “Tanto se acrescenta não estarem, geralmente, as mulheres em condições de participar de conversas e trocas de ideias, por assim dizer necessárias à prática dessas relações de ordem tão elevada que a amizade cria” (MONTAIGNE, 1972, p. 66).

Essa procura de nós no “outro” que Montaigne (1972) expõe faz com que ele exclua as mulheres de sua busca, uma vez que elas não dispõem da virilidade masculina “para sustentar o abraço apertado do sentimento amistoso, de duração ilimitada, que tão fortemente une os homens” (Idem, p. 17). Desse modo, o feminino tem seu lugar na amizade renegada.

A modernidade exibiu um discurso sobre a amizade vinculado à gerência da vida, a qual tem base fundamental a família. Isso porque há um processo de interiorização dos sujeitos e a casa torna-se lugar de refúgio para as idiossincrasias desses. No entanto, é possível verificar uma modificação na funcionalidade da família. Há um desdobramento entre esta instituição. Por um lado encontramos uma disposição maior dos afetos entre os seus membros. Os cônjuges passam a cultivar entre si sentimentos próprios da amizade, cenário inimaginável na Grécia, por exemplo. Porém esse novo modelo conjugal não denota uma valorização da figura da mulher na sociedade. Esse inédito padrão familiar foi decorrente da necessidade de um isolamento dos indivíduos, como mencionado. Outro aspecto que desponta na modernidade é a intensificação do controle dos corpos pela família, o qual é auxiliado pelo Estado, já que sozinha não conseguia dar conta das novas demandas que surgiam.

A amizade passou a ser um sentimento típico da adolescência e isso é bastante significativo, em razão de se poder justificar certas práticas pela imaturidade dos seus executores. A homossexualidade apontava como um dos hábitos que precisavam de uma justificativa para sua existência. Assim, usar o “período de incertezas” como explicação para esse tipo de prática se mostra estratégia plausível, já que a homossexualidade passou a ser vista como passível de verificação médica no século XIX.

A adolescência já tinha sido definida por Rousseau no *Émile* como o momento crítico, pois corresponde precisamente ao momento de formação da identidade sexual. Será precisamente o sexo colegial, junto ao sexo da mulher, o objeto privilegiado do dispositivo da sexualidade: masturbação, homossexualidade latente, amizades peculiares; todos esses fantasmas conjurados pelo dispositivo psicopedagógico que ameaçam o desenvolvimento normal do adolescente, no cerne de tarefas educativas e ansiedade social, demandam novas pedagogias e mostram a insuficiência da família (ORTEGA, 2002, p. 142).

A homossexualidade modifica e flexibiliza a conduta no que tange à sexualidade e às suas práticas afetivas, fazendo com que haja uma introjeção da amizade no universo familiar, que, por sua vez, auxilia na desvalorização da pauta dos laços afetivos públicos que simbolizava a possibilidade de construção de alianças e que iriam de encontro com as estratégias de dominação, como citado.

O final da Segunda Guerra leva consigo a glória da família burguesa, como nos aponta Ortega: “a família como ideologia tem, em contrapartida, mais força do que nunca” (Idem, p. 159). A sua robustez pode ser facilmente percebida com os atuais movimentos conservadores que a política brasileira tem reiterado. Temos uma mídia que explora a imagem da família ideal, fazendo com que os que não conseguem viver algo parecido com o que ela vende estão fora dos padrões de felicidade e assim, não conseguirá ser verdadeiramente feliz, construindo deste modo uma áurea de um sentimento de incapacidade em volta desses sujeitos incompletos, causando-os danos sérios à sua estrutura psíquica.

O modelo familiar heteronormativo permanece e qualquer deslocamento que resulte em mudanças de parâmetros sociais, é veemente repreendida. O reconhecimento da união homoafetiva é um exemplo da força desse processo. Mesmo que os indivíduos estejam cada vez mais se isolando em seu próprio universo e de certa forma criando meios de proteção contra o controle que essa instituição tem, ainda vivemos sobre a sua égide. Os laços afetivos vêm se dissolvendo de forma contínua e o sentido que a família teve na era moderna já não é encontrado na atualidade. Por mais que ainda a enxerguemos como uma segurança psíquica e econômica, a necessidade por vínculos mais fortes faz com que criemos mecanismos de escape.

3.2. A AMIZADE FEMININA COMO MAL-ESTAR SOCIAL

Marilda Ionta (2007) abre seu livro *As cores da amizade* com uma pergunta muito simbólica: “Seriam as mulheres capazes da amizade?”. Esse questionamento nos ajuda a compreender como o feminino vem sendo desenhado ao longo da história da humanidade. O discurso histórico falocêntrico tem nos colocado como portadoras de uma essência feminina que nos tornam incapazes de nos relacionarmos de forma racional, até mesmo com seres que se identificam com o próprio sexo. Nossa existência seria permeada por ideais e emoções supérfluas e fluídas, tais como a busca por um ideal de beleza, que geraria uma competição entre as mulheres, já que o nosso objetivo de vida seria encontrar um homem para se casar e, assim, nos tornarmos completas. Deste modo, a nossa “igual” passa a ser nossa inimiga.

Esse tipo de ranhura na imagem do feminino causa um mal-estar dentro do próprio feminino, fazendo com se torne uma peça fundamental para sustentação do discurso da inaptidão das mulheres para a amizade, visto que ele enfraquece o sentimento de pertencimento e de irmandade, que como citado é um dos pré-requisitos da solidez da *philia* masculina.

Esse atributo das emoções menores faz com que não haja a possibilidade de firmeza de caráter que seria necessária para a amizade, segundo filósofos como Platão e Aristóteles, Cícero, entre outros. Isso faz com que eles coloquem o feminino na mesma categoria que os jovens afeminados, que, igualmente, eram frágeis emocionalmente e buscavam por proteção ao invés da reflexão, a qual seria capaz de libertá-los e nos libertar.

Ionta (2007) destaca ainda que as narrativas sobre a amizade propagada por Platão, Montaigne, Aristóteles e Kant, os quais fundaram o pensamento ocidental e que ainda são estudados até a atualidade, de que somos desprovidas de racionalidade e incapazes da manutenção de vínculos de amizades perfeitas, gerou um regime de verdade sobre o feminino, o qual é desencadeado a partir do poder que o discurso desses homens tem. Seu lugar de destaque no âmbito do saber e da sociedade faz com que eles consigam criar uma verdade a partir da sua visão, a qual é repassada, e se torna um saber estabelecido.

As verdades estabelecidas sobre a desqualificação do feminino para a amizade duram até a atualidade, como nos fala Ionta: “contemporaneamente, o saber masculino continua a desprezar as amizades femininas porque se fia na ideia de que as mulheres

são emocionais, expressivas demais para experimentar a profundidade da amizade” (IONTA, 2007, p. 26).

A passionalidade uniu o sexo feminino aos rapazes passivos em um mesmo núcleo de mediocridade para a sociedade, visão que respinga até a atualidade. Estes encontram no espaço do lar o conforto para suas angústias e tristezas. A melancolia corroi a lucidez desses, logo, o lar, que é o ambiente próprio desses sujeitos, mostra-se como um terreno impróprio para a fertilização das mentes masculinas.

A reiteração da falta de vínculos afetuosos entre o sexo feminino pode ser explicado em partes pelo fato da história ter os homens como narradores. Isso faria com que existisse uma predileção pelos feitos dos seus iguais. É por esse motivo que é tão importante criar meios para que as mulheres possam expor sua perspectiva diante da história. Não se tem relatos feitos por filósofas dos momentos destacados até agora, por exemplo. E essa ausência mostra-se como sintoma para o emudecimento notável que o feminino carrega. Como destacado no primeiro capítulo, o ciberespaço torna-se um meio que possibilita a fala e por isso ele tem se mostrado um território fértil para a voz feminina.

3.3. CIBERESPAÇO COMO DISPOSITIVO POTENCIALIZADOR DO REENCONTRO COM A AMIZADE

O final da Segunda Guerra gerou uma série de modificações na estrutura da sociedade, sendo essas amparadas e impulsionadas pelas tecnologias. O avanço tecnológico pós-guerra fez com que o humano se reelaborasse e tivesse sua capacidade estendida e potencializada. Esse processo de redesenho do social, juntamente com a falência da instituição familiar, vem abrindo caminho para o retorno da amizade como lugar de construção de afetos, contrariando de certa forma a análise de Francisco Ortega no final do seu livro *Geneologias da Amizade*. Para o teórico, o regime de interiorização dos sujeitos do pós-guerra geraria o fim da amizade, como podemos constatar nas palavras do autor:

A amizade é um fenômeno público, precisa do mundo e da visibilidade dos assuntos humanos para florescer. Nosso apego exacerbado à interioridade, a “tirania da intimidade”, não permite o cultivo de uma distância necessária para a amizade, já que o espaço da

amizade é o espaço entre os indivíduos, do mundo compartilhado (ORTEGA, 2002, p. 161).

Talvez por ter lançado seu livro no início dos anos dois mil, Ortega tenha previsto um panorama pessimista para a amizade, uma vez que não considerou o novo território que surgia com o avanço da *Internet*, uma zona de livre acesso, que conseguiu agregar todos àqueles que tinham meios para acessá-lo e que apresentava as características que o teórico aponta como necessárias para a criação de vínculos entre os sujeitos sociais, tais como o compartilhamento do mundo. Estamos vivenciando uma era do conhecimento compartilhado, das emoções postadas.

Acreditamos que o aumento do uso das ferramentas de comunicação vem auxiliar no processo de socialização dos sujeitos, contrariando de certa forma a perspectiva do isolamento que o uso dessas desencadearia. A questão é que estamos vivendo um novo modelo social, o qual não permite que disponhamos de tempo para longos e variados encontros presenciais e as redes sociais despontam como meios de nos relacionarmos, visto que elas conseguem estabelecer relações entre os indivíduos sem que haja preocupação com qualquer tipo de deslocamento geográfico. Desde modo, temos o processo de desterritorialização das relações, sejam elas de que tipos forem.

O aumento do uso das tecnologias de informação e comunicação representam um sintoma da nossa época, na qual os sujeitos apresentam um número alto de demandas que lhes tiram o tempo, impulsionando-os a buscarem mecanismos que os auxiliam a escapar do isolamento e da falta de vínculos afetivos. As redes despontam como o meio que consegue quebrar com a distância espacial entre os sujeitos e que permite que haja trocas de afeto em tempo real. Isso se dá em decorrência da *Internet* conseguir quebrar a distância entre os corpos. Ela invade a privacidade, não tendo que escolher horário para entrar no aconchego do lar, ou nos momentos de lazer, ou nos cinco minutinhos de intervalo no trabalho.

Pierre Lévy (2001), em seu livro *Cibercultura*, nos fala sobre o uso da *Internet* como mecanismo de interação e de escape. O ser humano consegue “vazar-se” de algumas de suas mordças utilizando a *Web*.

A cibercultura aponta para uma civilização de telepresença generalizada. Para além de uma física da comunicação, a interconexão constitui a humanidade em um contínuo de fronteiras, cava um meio informacional oceânico, mergulha os seres e as coisas no mesmo

banho de comunicação interativa. A interconexão tece um universal por contato (LÉVY, 2001, p. 127).

A *Internet* potencializa o alcance dos sujeitos por intermédio das mídias, que por sua vez, possibilitam que as atrizes interajam sem que haja deslocamento, como citado. Os laços são públicos porque estamos vivendo uma era da convergência, onde os sujeitos estão em rede ao mesmo tempo em que produzem a rede, como nos fala Jenkins: “nossa vida, nossos relacionamentos, memórias, fantasias e desejos também fluem pelos canais de mídias. Ser amante, mãe ou professor ocorre em plataformas múltiplas” (JENKINS, 2009, p. 45). O avanço da *Internet* trouxe a virtualidade da co-presença, assim como viabiliza a interação em tempo real.

Alguns fatores podem nos auxiliar na compreensão dos porquês desse crescimento, dentre eles, podemos citar o avanço das empresas voltadas para o desenvolvimento de *softwares*, a expansão do acesso à *Internet*, o investimento na ampliação do alcance da rede, bem como uma melhoria no nível de renda. Esses aspectos, unidos, auxiliam no crescimento e na popularização do uso das tecnologias de comunicação e interação e, conseqüentemente, na criação de vínculos na rede.

Como nos fala Lévy: “o ciberespaço como prática de comunicação interativa, recíproca, comunitária e intercomunitária, o ciberespaço como horizonte do virtual vivo, heterogêneo e intotalizável no qual cada ser humano pode participar e contribuir” (LÉVY, 2002, p. 126). A soma dessas características proporciona um lugar favorável para a construção de redes de contatos e uma das formas mais propícias para a interação dar-se via comunidades virtuais, que consistem em:

Agregados sociais que surgem da Rede [*Internet*], quando uma quantidade, suficiente de gente leva adiante essas discussões públicas durante um tempo suficiente com suficientes sentimentos humanos, para formar redes de relações pessoais no ciberespaço (RHEINGOLD, 1995, p. 20).

A fala do teórico nos aponta a importância dos sentimentos humanos para que haja uma interação consistente e duradora, dado que as atrizes que protagonizarão o ciberdiálogo precisam ser afetadas, para que ocorra a troca que sustenta a comunicação e que, conseqüentemente, estabelece os vínculos.

Obviamente que não podemos esquecer-nos de citar que este meio apresenta limitações. A expansão da *Internet* surge como um movimento ligado ao seu uso pelas

universidades para pesquisas, fazendo com que seu uso ficasse restrito a pesquisadores e seus aprendizes. Relembrando que o ensino universitário nos Estados Unidos da América é privado. Fica claro que o acesso ao uso de computadores da rede era feito por pessoas de classe média. Desta forma, podemos inferir que o uso do computador quanto à *Internet* estava nas mãos de um pequeno nicho de pessoas.

Com a popularização da rede e dos meios de acesso a ela, em decorrência do barateamento no que tange os custos de aquisição e do avanço tecnológico, o número de usuários aumentou extraordinariamente, porém muitas pessoas ainda não conseguem custear o acesso e nem tampouco os aparelhos que permitem a sua usabilidade. Outro fator significativo no que se refere ao uso da *net*, é que ainda existe um número expressivo de sujeitos que não sabem utilizar os meios que permitem a entrada no ciberespaço, por mais que tenha um *smartphone* de última geração, microcomputador de ponta. No entanto, isso não assegura que eles saibam usá-los.

A *Internet* criou um mundo próprio, no qual suas atrizes podem compartilhar desde fotos, indicação de músicas, filmes, séries, livros, truques de beleza, dicas de saúde até as suas afetações diante das mais variadas situações. Esse universo próprio pode ser acessado por qualquer pessoa que saiba manusear um *smartphone*, *notebook*, *tablet*, entre outros, e que disponha de uma rede de *Internet*, seja ela 3G, 4G ou *wi-fi*, e um aparelho modalizador que seja capaz de decodificar uma dessas modalidades de frequências referidas e acessar o ciberespaço. O avanço do ciberespaço tem proporcionado além do compartilhamento de saberes, a criação de laços que ultrapassam as barreiras espaciais, reformulando, também, a questão temporal, num processo que Pierre Lévy (2001) denomina de “coincidência de tempos”, que consiste na comunicação em tempo real.

Os laços continuam públicos como Ortega (2002) exprime, só que em outra configuração do conceito do termo. O público no ciberespaço refere-se a uma mobilidade virtual, que viabiliza o processo de materialização das atrizes midiáticas, que permanecem no conforto e sobre a proteção do lar, quebrando, desse modo, o que tange a necessidade da presença corpórea para que haja a interação. A virtualização faz com que as personagens se personifiquem via postagens e comentários, fazendo com que elas se teletransportem para qualquer lugar. Como exemplo desse processo, utilizo da minha vivência. Hoje, dia 14 de agosto de 2016, às 16h46, estou em Campina Grande. Converso com uma das meninas do grupo *Varanda LETTERA*, do *WhatsApp*, que faz doutorado em Literatura na USP e reside em São Paulo. Em decorrência das

nossas afinidades literárias e musicais, resolvemos conversar no privado, já que não queríamos falar sobre assuntos específicos e não daria para conversar no grupo, pois a todo momento umas das integrantes posta algo e nosso diálogo seria intercortado pelas falas das demais, prejudicando de certa forma nosso entendimento.

A cibercultura apresenta um espaço territorial que é virtual, que é cheio de vias que se conectam e criam novos acessos, os quais geram a construção de caminhos não ordenados que quebram com a geografia e permitem que novos sujeitos se coloquem nesse novo espaço, o qual demonstra uma fluidez no que tange às regras sociais, mesmo existindo uma etiqueta que norteia como se deve agir. Elas são distintas ou não são tão rígidas quantos as impostas pela sociedade.

Esse ambiente convida que os marginalizados socialmente se coloquem nesse lugar, uma vez que se mostra apto a recebê-los. É por isso que as mulheres vêm apoderando-se do ciberespaço, já que ele permite que elas irrompam com os lugares sociais que lhes foram impostos, os quais tinham seus desejos podados e passem a vivenciar suas vontades de forma mais livre. A escrita na rede mostra-se como símbolo desse movimento de ruptura, visto que é possível publicar sua visão de mundo. Elas podem se colocar enquanto sujeitos falantes que escrevem a partir do seu olhar de mulher.

O ciberespaço tem apresentado um movimento de legitimação de vozes excluídas da história tida como legítima. A lesbiandade foi apagada dos registros da sociedade heteronormativa, branca e cis, fazendo com que ela não tenha uma grande expressividade. A literatura canônica é um exemplo desse emudecimento, haja vista o número restrito de autoras que se denominavam lésbicas, assim como há uma porção pequena de personagens lésbicas, as quais tendem a ter um final trágico. Esse silenciamento, no entanto, vem sendo minimizado pela ciberescrita de cibernarrativas que são escritas por mulheres lésbicas e que são igualmente protagonizadas por personagens lésbicas. Essa escrita vem ganhando espaço no ciberespaço, uma vez que elas conseguem publicar suas cibernarrativas sem que haja tantos entraves mercadológicos. Um exemplo disso é o portal literário LETTERA, que tem se mostrado um lugar de ciberescrita e de ciberencontros.

3.4. LAÇOS AFETIVOS NA VIRTUALIDADE – LETTERA NO *FACEBOOK* E *WHATSAPP*

O *Facebook* consiste em um sistema de interação criada pelo norte americano Mark Zuckerberg em 2004. Seu objetivo de partida era a criação de uma rede de contatos entre os alunos de Harvard. Com o avanço da sua popularização, ele foi aberto para alunos de outras instituições. O diferencial dessa rede para as existentes era que ela mapearia os principais momentos da vida de cada aluno, construindo uma espécie de árvore social dos sujeitos. O *Facebook* funciona a partir da criação de perfis individuais e de comunidades. Essas comunidades geralmente têm um criador e os demais membros entram (curtem) por afinidade, pela temática que ela apresenta. Como nos aponta Lévy: “uma comunidade virtual é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais” (LÉVY, 2001, p. 127).

As comunidades virtuais se apresentam como potencializadoras da expressão e da sociabilização humana, uma vez que facilitam a interação entre as atrizes midiáticas. As atrizes correspondem aos “nós”, são os sujeitos em si da comunicação, ou como nos fala Raquel Recuero: “os atores são os nodos” (RECUERO, 2009, p. 25) que norteiam esse capítulo, já que nos propomos tentar entender como surgem os laços sociais através da interação que existe a partir dos comentários do portal LETTERA.

Neste início de tópico reitero que o portal literário LETTERA surgiu após a extinção do ABCLes, o qual já contava com um grupo no *Facebook*. Foi a partir dele que se iniciou o movimento por um novo “lugar” para publicação e ciberleitura das cibernarrativas de temática lésbica. As ciberleitoras do extinto ABCLes utilizam a rede social citada para buscar entender, inicialmente, o que havia acontecido com o site, assim como lamentar pela decisão da moderadora Danieli Hautequest. Em meio a comentários que mesclavam lamentações e tentativas de contato com as ciberescritoras do ABCLes, as atrizes dessa rede passaram a pedir que alguém do grupo criasse um novo espaço. Foi assim que Cristiane Schwinden resolve criou o LETTERA e o disponibilizou para as ciberescritoras do extinto ABCLes, para que elas tivessem um lugar organizado para postarem suas histórias, bem como abrindo para qualquer menina que escrevesse cibernarrativas com temática lésbica, como veremos a seguir:

Figura 9 – Comoção com o final do ABCLes



Fonte: Página ABCLes/ LETTERA no *Facebook*.

Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/projeto.lettera/search/?query=fim%20do%20abcles>>.
Acesso em: 20 jun. 2016.

A extinção do site ABCLes deixa na ciberleitadora um sentimento de orfandade, uma vez que ela mantinha uma relação afetiva com ele, que já durava 3 (três) anos. Existia uma continuidade de leitura e uma programação que incluía a leitura das narrativas estava integrada a sua agenda diária e que foi brutalmente quebrada pela forma brusca que o *site* foi retirado do ar.

A moderadora da página do *Facebook* fez uma nota de esclarecimento sobre o término do ABCLes, no qual agradece a dedicação da moderadora do site extinto e explica como irá proceder. Esse post teve 23 comentários em que grande parte discorria as emoções que as meninas sentiram ao se depararem com a nota de esclarecimento sobre os porquês do fim do site bem como algumas se disponibilizando e potencializando a iniciativa de Schwinden.

Figura 10 – Fim do ABCLes e início do LETTERA

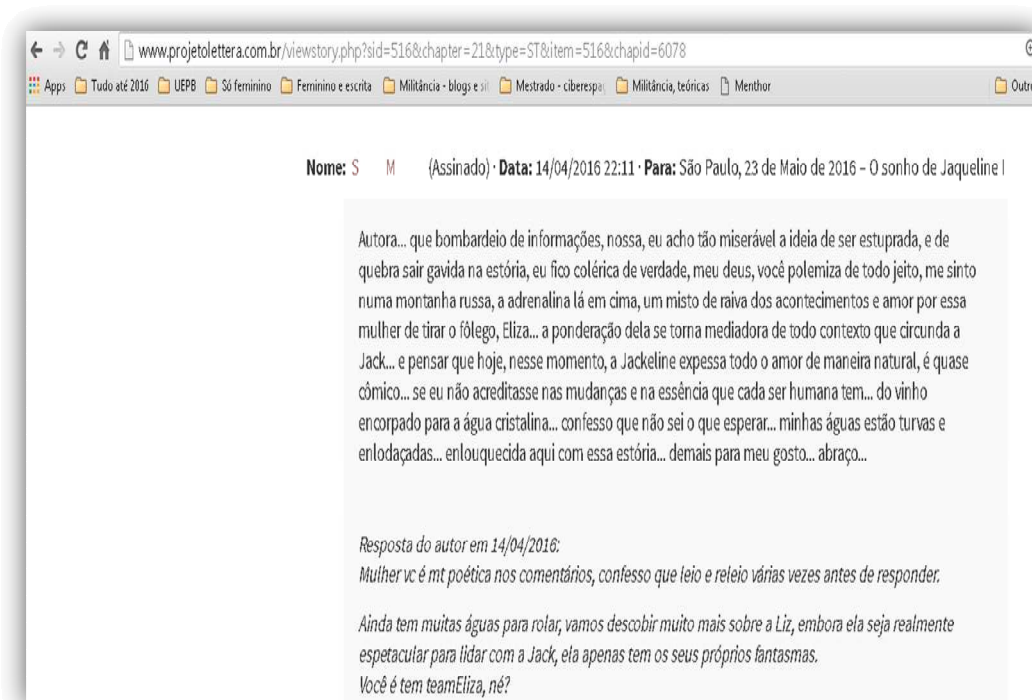


Fonte: Página ABCLes/ LETTERA no *Facebook*.

Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/projeto.lettera/search/?query=fim%20do%20abcles>>.
Acesso em 20 jun. 2016.

A partir do momento em que o sujeito passa a interagir na/com a Rede, nós temos um desprendimento de afetos. Isso ocorre devido ao envolvimento emocional que este passa a ter por meio dos seus acessos, como fica evidente quando as ciberleitoras mostram-se abaladas com a extinção do site, visto que ele representava um lugar de descanso, simbolizando uma espécie de refúgio emocional para ciberleitora em meio às angústias diárias, fazendo com que ela se teletransporte para a narrativa, vivenciando de certa forma o universo da cibernarrativa.

Figura 11 – A afetação que a narrativa gera na ciberleitora



Fonte: Página ABCLes/ LETTERA no *Facebook*.
 Disponível em: <<http://projetolettera.com.br>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

A fala da ciberleitora demonstra como a ciberleitura do ciber capítulo a afetou, ao falar que: “eu fico colérica”, “me sinto numa montanha russa”, “um misto de raiva dos acontecimentos e amor por essa personagem”. Seu discurso reflete como o ciber capítulo a afetou. Há o incômodo pela violência sexual sofrida pela protagonista e o pesar por a mesma ter engravidado através da violação do seu corpo. E ela se coloca de tal forma na ciber história que afirma que, por acreditar na capacidade de evolução humana, é que consegue enxergar a possível mudança em Jaqueline; “e se não acreditasse nas mudanças e na essência que cada ser humano tem...”.

Quando as ciberleitoras entram em contato com a ciber escritora via redes sociais e solicitam que ela poste sua ciber história em outro lugar da rede, temos acesso a duas questões que se desmembram em outras. A primeira é de que estas meninas são afetadas pela narrativa que leem, como visto acima, e que o texto protagonizado por personagens lésbicas tem público. A segunda é que a *Web* é um lugar de encontros, como citado, além de que ela possibilita uma relação distinta da que era comum entre escritor-leitor. Essa interação entre os sujeitos resulta no fortalecimento de vínculo e na criação de afetos, como nos aponta Recuero: “a interação seria a matéria prima das relações e dos laços sociais” (RECUERO, 2009, p. 30).

Figura 12 – Explicação da ciberescritora sobre novo local de postagem da sua cibernarrativa



Fonte: Página ABCLES/ LETTERA no *Facebook*.

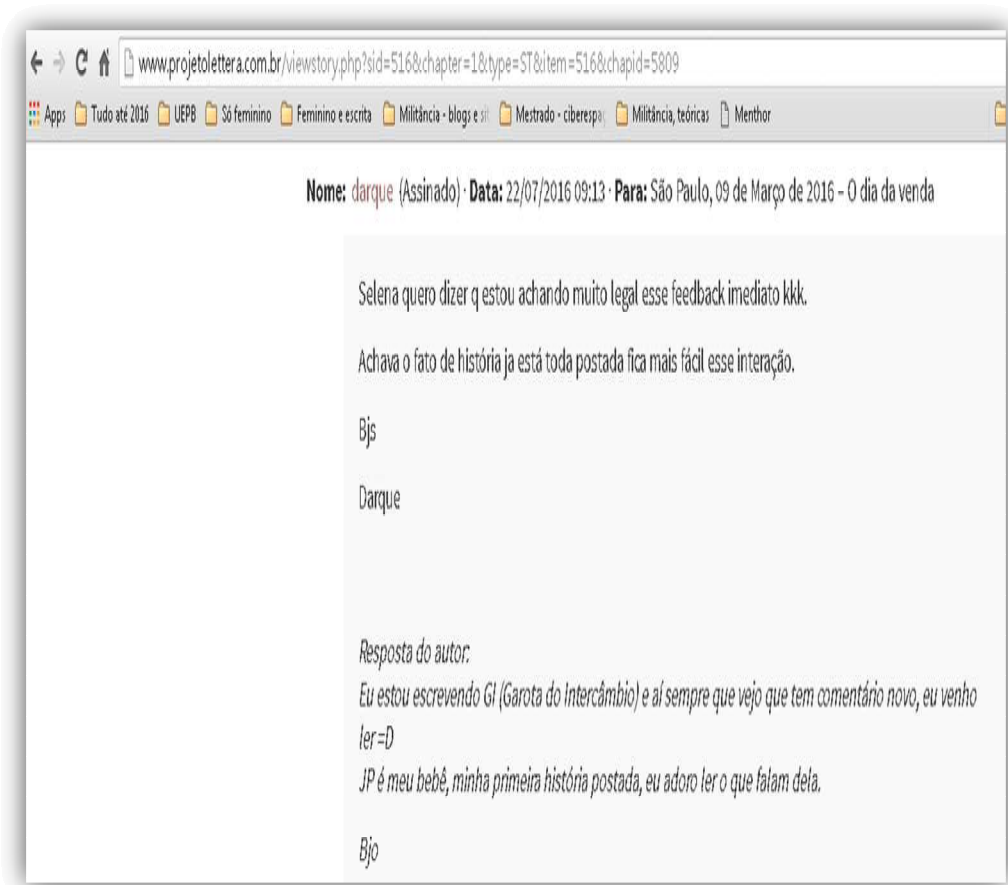
Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/projeto.lettera/search/?query=fim%20do%20abcles>>.

Acesso em: 23 jun. 2016.

A autora apresenta um *feedback* que advém da contínua procura dela pelas redes sociais, na qual ela explica que continuará a postar sua história e que escolheu o portal LETTERA pela sua formação e organização. Fica evidente a abertura que a escrita na rede possibilita, uma vez que ela estabelece links diretos entre as personagens das redes. Temos então que as ciberleitoras e ciberescritoras estabeleciam contato além do site, e que é através dessa abertura que as ciberleitoras conseguem contactar a ciberescritora e pedir que ela continuasse postando sua ciberhistória. Os canais de acesso se entrecruzam, formando uma teia de relações afetivas. As cibernarrativas postadas no portal citado geram uma rede de contatos que se entrecruzam via redes sociais, como o *Facebook* e o *Whatsapp*, gerando uma espécie de rizoma deleuziano, no qual cada narrativa representa pontos de contato que gera novas ramificações afetivas.

O *feedback* desponta como mecanismo criador dos laços, visto que é através dos comentários deixados abaixo dos *posts* pelas ciberleitoras que se iniciam os laços entre elas e as ciberescritoras. Os comentários transformam-se em espécies de diálogos que discorrem sobre os mais variados aspectos: eles vão desde como a ciberautora escreve, desenrola a narrativa até elogios de cunho mais intimista.

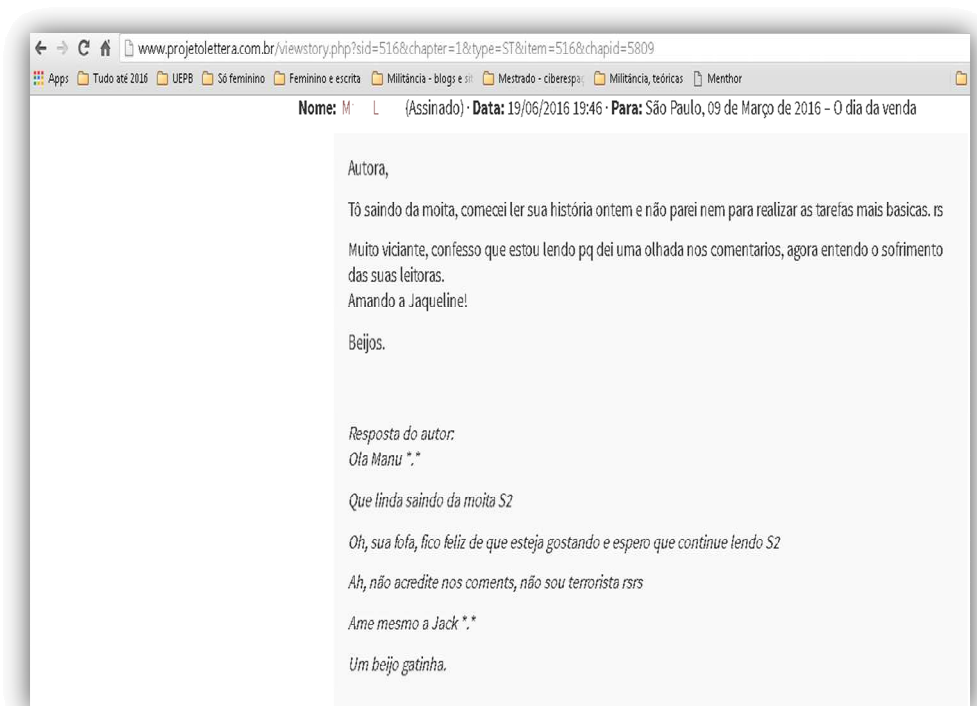
Figura 13 – *Feedback* da ciberautora



Fonte: Página do portal do LETTERA.
Disponível em: <<http://projetolettera.com.br>>. Acesso em: 24 jun. 2016.

Os comentários se mostram como ferramentas importantes no que tange à leitura das narrativas, visto que há uma aba no portal denominada *Top Tens*, que traz as dez ciberhistórias mais comentadas. Muitas meninas acabam se interessando pela narrativa em decorrência dos comentários deixados pelas ciberleitoras e pela ciberescritora. A interação entre essas duas figuras torna-se uma dos mecanismos para sua escolha, visto que existe um número grande de narrativas no portal.

Figura 14 – Ciberleitora lê a cibernarrativa motivada pelos comentários



Fonte: Página do portal do LETTERA.

Disponível em: <<http://projetolettera.com.br>>. Acesso em: 23 jun. 2016.

Outro fator importante nesse processo de escrita no ciberespaço é que as figuras da ciberescrita se confundem. O papel da leitora e da escritora se entrecruzam o tempo todo, já que as ciberleitoras costumam deixar sugestões em seus comentários e dicas de escritas. Esse processo no LETTERA é maximizado pela existência das “Leitoras Beta”, que são leitoras que se disponibilizam a corrigir as narrativas antes que elas sejam postadas. A troca de experiências e dicas entre a ciberescritora e sua leitora beta faz com que surjam laços que ultrapassam a dinâmica da escrita; elas passam a se apoiar durante a construção da narrativa. Essa escrita a quatro mãos é uma experiência reconfortante, como veremos a seguir:

Figura 15 – Interação com a leitora beta**Notas finais:**

(Sunshine está acabando. E quando nos aproximamos do fim de algumas coisas ou despedidas, ficamos um tanto emotivos. É claro que se Sunshine se tornar um livro físico, o nome dela estaria nos agradecimentos, mas queria deixar claro aqui meu enorme, gigantesco, agradecimento a Lo. Não tivemos contato desde o início de Sunshine, mas desde que nos aproximamos, ela teve uma ajuda fundamental para que isso aqui continuasse, seja corrigindo os capítulos para mim, aguentando algumas inseguranças, opinando, mudando o rumo de algumas coisas, enchendo meu saco... brincadeira. Você não tem obrigação de dar a ajuda que sempre deu e ainda dá, então, sou muito grata a tudo isso. Você é parte tão importante de Sunshine e tudo que tive para construí-lo. Então, obrigada por ser minha amiga, por ser leitora e por ser beta (ou teta, ou gama, ou alfa...).

Fonte: Página do portal do LETTERA.

Disponível em: <<http://projetolettera.com.br>>. Acesso em: 24 jun. 2016.

A fala da ciberautora de “Sunshine” deixa clara a importância da sua leitora beta, mostrando que os vínculos estabelecidos entre elas ultrapassam os momentos de correção. Ela evidencia a importância do apoio dado para a continuação da narrativa, mostrando que sem ela o processo de escrita teria sido muito mais doloroso.

Temos então um processo de coautoria como fenômeno recorrente no ciberespaço, como nos elucidava Pierre Lévy:

Assim a escrita e a leitura trocam seus papéis. Todo aquele que participa da estruturação do hipertexto, do traçado pontilhado das possíveis dobras do sentido, já é um leitor. Simetricamente, quem atualiza um percurso ou manifesta este ou aquele aspecto da reserva documental contribui para a redação, conclui momentaneamente uma escrita interminável. As costuras e remissões, os caminhos de sentido originais que o leitor inventa podem ser incorporados à estrutura mesma do corpus. A partir do hipertexto, toda leitura tornou-se um ato de escrita (LÉVY, 2001, p. 61).

O afeto traz em sua estrutura a potência da construção de laços, uma vez que ele é marcado pelo encontro de corpos, os quais vão ser afetados a partir do contato que irão vivenciar. É em decorrência desses, que os sujeitos passarão a se elaborar e se reelaborar, já que estarão se expandindo ou se retraindo em decorrência da dinâmica da potência que o encontro gera, dando-se desse modo uma narrativa experienciada de forma simultânea entre as partes do encontro.

A dinâmica dos afetos apresenta uma metodologia própria, a qual é marcada pelo processo de inteiração que seus membros indicam que o indivíduo que afeta recebe a expressão do outro como ação desencadeada pela experiência gerada pelo encontro; que por sua vez é afetado por ela, passando a ser afetado e desencadeando a formação de uma espécie de ciclo do afeto.

A potência do encontro dos corpos gera os afetos, e como vimos em nossos exemplos até o momento, gera bons encontros, como nos fala Espinoza (1998). Ou seja, eles potencializaram as atrizes da interação, mas o ciberespaço, com a sua “liberdade”, não possibilita apenas bons encontros. Temos os contatos que diminuem a capacidade, visto que retira a ação do sujeito, mesmo que seja momentaneamente.

Figura 16 – Posição da ciberleitora sobre a retirada do ABCLes do ar



Fonte: Página ABCLes/ LETTERA no *Facebook*.

Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/projeto.lettera/search/?query=fim%20do%20abcles>>.

Acesso em: 26 jun. 2016.

O posicionamento da ciberleitora mostra seu descontentamento com a forma que a moderadora do site o retirou do ar, mesmo após a leitura da nota de esclarecimento, em que Danieli explica os porquês de tê-lo o feito, visto que ela recebia um grande número de cobranças indevidas, já que ela não tinha o controle sobre a data das postagens e nem sobre sua continuidade. A forma rude como ela se coloca é um dos porquês da ex-moderadora ter acabado o site, uma vez que os encontros passam a retrair a sua pessoa. Isso fica claro com a nota que ela publica, a qual deixa claro as

providencias que irá tomar se houver algum tipo de desrespeitos à sua figura a partir de então.

Figura 17 – Explicação da moderada do ABCLes sobre as providencias a serem tomadas caso ela seja importunada

PS.: Daqui em diante, não responderei nada referente ao ABCLes via e-mails ou nas redes sociais. O site e minha responsabilidade para com ele terminam aqui. Ponto. Que possamos começar um novo ciclo em paz.

PS.2: Se depois de tudo que foi exposto "alguém se achar no direito" de fazer birra, me difamar, chacotear, me perturbar publicamente ou nas minhas redes sociais, também me "sentirei no direito de acionar a justiça". Às pessoas que não merecem, desculpem o tom, mas vocês não tem ideia das mensagens/e-mails ridículos que recebi durante os anos."

Fonte: Site <www.espacoles.com.br>.

Disponível em: <<http://www.espacoles.com.br/noticias/abcles-chega-ao-fim/>>. Acesso em: 27 jun. 2016.

Segundo a filósofa Marcia Tiburi, o afeto caracteriza-se por aquilo que nos "afeta", que nos contagia que nos provoca" (TIBURI, 2015, p. 30), e essa escrita afeta suas ciberleitoras, ela provoca os mais variados sentimentos: êxtase, excitação, medo, tristeza, alegria, todos os sentimentos entrelaçados, contribuindo para a concretude do sentido da narrativa. A narrativa pulsa ante os olhos de suas leitoras, fazendo com que elas se encontrem, se identifiquem e reflitam. É por esse pulsar que enxergamos essas cibernarrativas como capazes de afetar quem as lê.

3.5. *WHATSAPP* – CRIANDO LAÇOS NAS MULTI PLATAFORMAS

O *WhatsApp Messenger* consiste em um aplicativo de mensagens instantâneas entre usuárias⁴⁶; uma multiplataforma para celular que está disponível para iPhone, BlackBerry, Android, Windows Phone, Nokia e Sim. Além do serviço de troca de mensagens individuais, é possível a criação de grupos, troca de imagens, vídeos e áudios ilimitados por meio do uso de dados de *Internet*.

⁴⁶ Utilizo o termo no feminino pelo fato do grupo *Varanda LETTERA* ser formado, apenas, por mulheres. Uma das meninas encontra-se em transição transexual, mas solicitou que continuemos tratando-a no feminino.

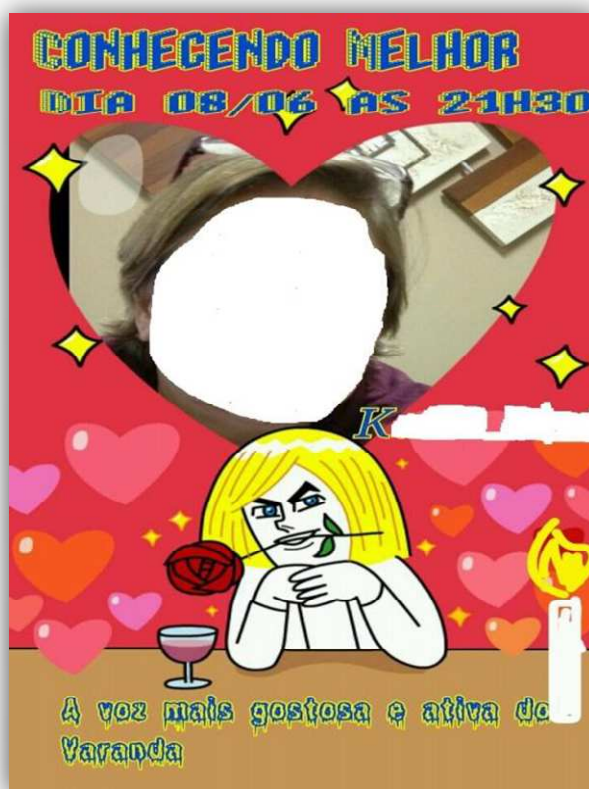
O grupo criado na rede social *WhatsApp* intitulado *Varanda do LETTERA* demonstra como esses sujeitos são afetados a partir dessas narrativas e como há uma necessidade de distensão dos laços para além do *Facebook*, uma vez que as meninas sentiram a necessidade do estabelecimento de um contato maior e mais rápido do que elas tinham via essa rede.

O *Varanda do LETTERA* apresenta uma série de atividades que têm por objetivo estreitar os laços entre as meninas que integram o grupo; dentre elas podemos citar: “conhecendo melhor ciberescritora” – no qual é selecionada uma ciberescritora e esta é convidada para participar da conversa sobre sua vida. Como nem todas fazem parte do grupo, a administradora as insere, momentaneamente, para a realização do diálogo; “Pode vir quente que eu estou fervendo” – as meninas perguntam e respondem sobre suas experiências amoroso-sexuais; “Conhecendo melhor” – nesse, é eleita uma menina do grupo que irá responder perguntas sobre sua vida em âmbito geral, ao término da sessão ela tem o direito de indicar a próxima integrante que irá ser sabatinada; “Clube da leitura” – uma história é escolhida e a autora é solicitada para falar sobre a narrativa; e “Varanda cultural” – livros, filmes, peças, entre outras formas de arte são comentadas pelas integrantes do grupo.

As atividades citadas funcionam como gatilhos para que haja um maior entrosamento entre as meninas, uma vez que algumas são mais tímidas e interagem melhor inicialmente ao participar desse tipo de diálogo, que é de certa forma incitada pela curiosidade de conhecer a vida pessoal das suas ciberleitoras, assim como saber sobre o processo de escrita e o detalhamento da ciberhistória. De modo igual, é possível estreitar os vínculos entre as ciberleitoras a partir de uma maior convivência. O *WhatsApp* por ser usado no celular e no computador, quando pareado com esse, permite uma interação contínua durante o dia a dia das suas usuárias.

Como forma de divulgar os projetos, as administradoras do grupo criaram cartazes. Para cada ciberleitora e ciberescritora escolhida é elaborado um. É possível verificar o grau de intimidade existente em decorrência dos dizeres que eles trazem. Tomemos como exemplo o cartaz do “Conhecendo melhor”, do dia 08 de junho de 2016, que possui a seguinte frase: “A voz mais gostosa e ativa do Varanda”, para se referir a umas das entrevistadas que tem um timbre de voz rouco e que tem uma presença assídua no grupo. Observemos:

Figura 18 – Projeto conhecendo melhor



Fonte: Print screen do grupo do WhatsApp “Varanda LETTERA”.

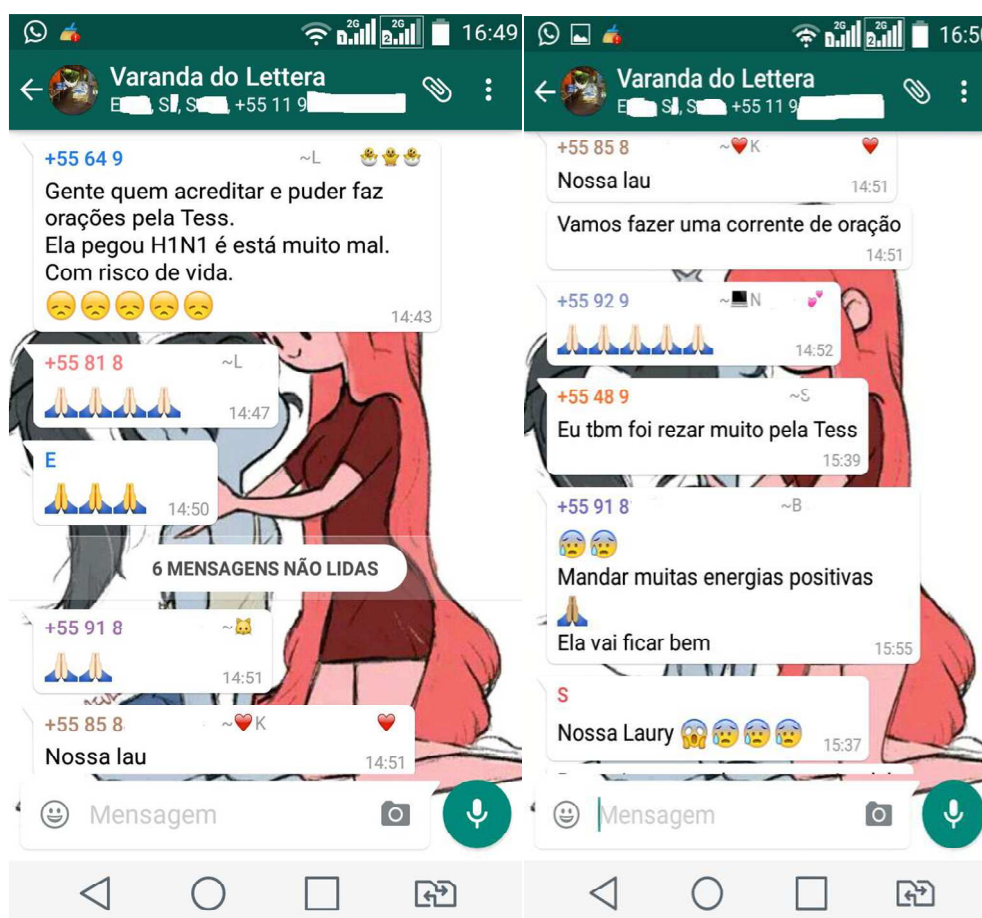
Lévy (2001) nos esclarece como a cibercultura potencializa os encontros e como as comunidades transformam-se em aparelhos de construção de laços. Vejamos:

A cibercultura é a expressão da aspiração de construção de um laço social, que não seria fundado nem sobre links territoriais, nem sobre relações institucionais, nem sobre as relações de poder, mas sobre a reunião em torno de interesses em comuns, sobre o jogo, sobre o compartilhamento do saber, sobre aprendizagem cooperativa, sobre processos abertos de colaboração. O apetite para as comunidades virtuais encontra um ideal de relação humana desterritorializada, transversal, livre. As comunidades virtuais são os motores, os atores, a vida diversa e surpreendente do universal por contato (LÉVY, 2001, p.130).

O contato vivenciado pelas atrizes do *Varanda LETTERA* ultrapassa os eventos citados. Nós encontramos no *Messenger* uma interação tecida com os fios da troca de saberes, de afetos e sororidade. Quando uma menina ensina algo no grupo, ela está potencializando as integrantes, uma vez que o saber tem sido um marco no processo de emancipação dos sujeitos marginalizados.

O público que participa do *app*, que nos serve de *corpus*, é muito variado, no que tange à idade, cor, religião escolaridade, e isso faz com que haja uma variação de saberes. Com frequência é possível observarmos a troca de experiências entre as atrizes do grupo. Em uma das conversas uma das meninas pede para as que acreditam em Deus orem pela saúde de umas das integrantes que contraiu H1N1. Esse tipo de ação, do cuidado com a “outra” e do respeito à crença das demais nos ajuda a enxergar e entender como é construído o fio condutor que liga essas meninas, desde os comentários no portal até o *WhatsApp* e a importância desse.

Figura 19 – Pedido de oração para uma das integrantes do grupo



Fonte: *Print screen* do grupo do *WhatsApp* “Varanda LETTERA”.

Outro fato comum é que muitas das meninas que estão no grupo não exploram as funções de seus *smartphones*, por não terem conhecimento ou por não terem este hábito, que é mais comum na geração dos 20 anos pra cá. É comum que surjam dúvidas sobre o manuseio e manutenção dos mesmos. Em decorrência dessa demanda é corriqueiro que as que têm mais conhecimento na área auxiliem as demais. Essa

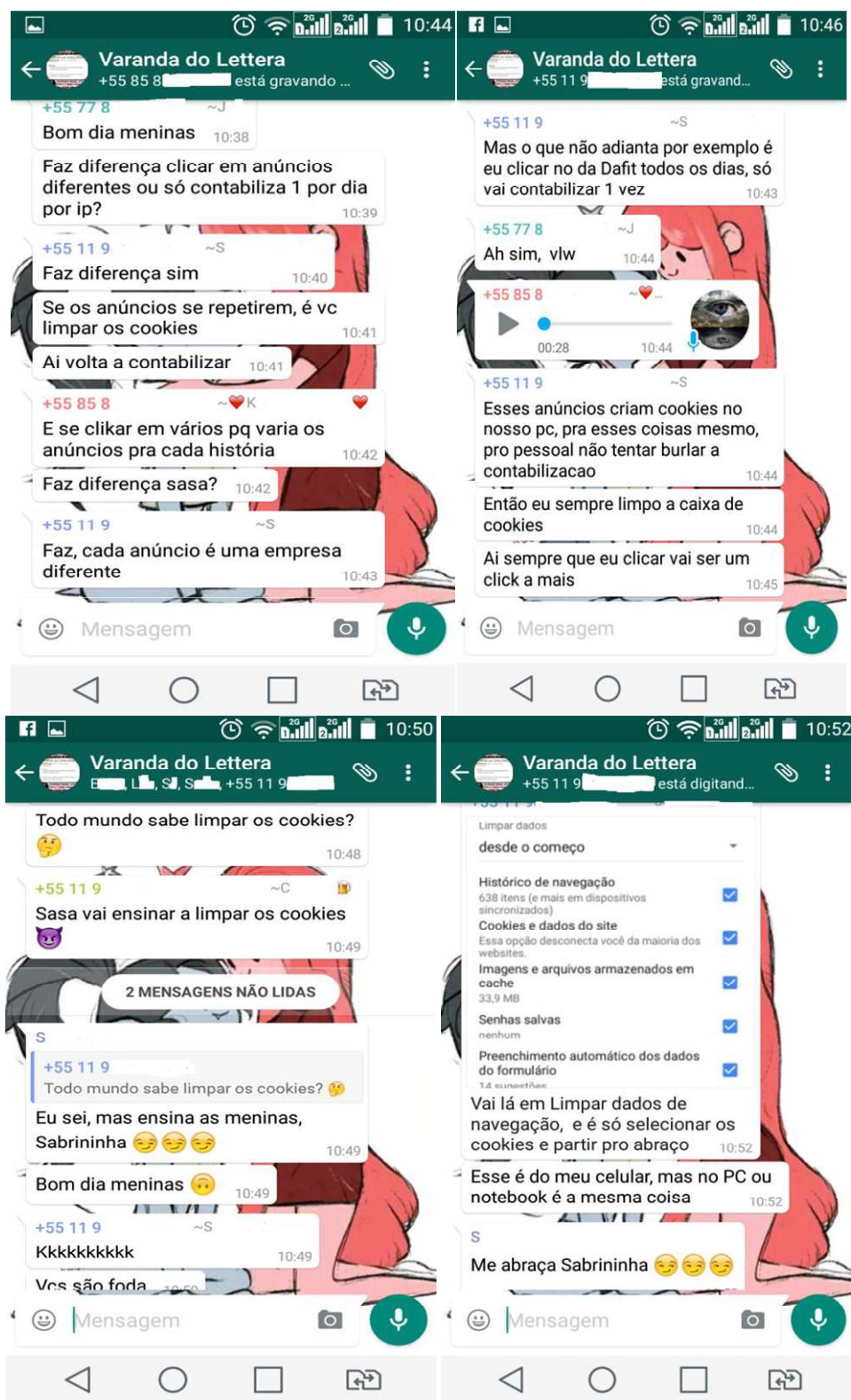
transferência de competência é um reflexo dos laços afetivos que permeiam o *Varanda LETTERA*, os quais ficaram evidenciados quando algumas meninas manifestaram não saberem os porquês da necessidade de apagarem os *cookies*⁴⁷ no celular e do computador e receberam ajuda de uma integrante que sabia.

Como citado no primeiro capítulo, o portal literário LETTERA paga o uso do provedor que utiliza via cliques nas propagandas que aparecem dispostas na página. Quando se clica no anúncio ele deixa *cookies* armazenados no disco rígido, assim, quando a mesma propaganda é acionada, o anunciante não paga mais pelo acesso, uma vez que os *cookies* já estão registrados no computador, celular e *tablet*. Em decorrência da diminuição do valor arrecadado, haja vista que os *cookies* estavam instalados nas máquinas das ciberleitoras, a moderadora postou uma nota de esclarecimento na página do *Facebook* e uma das integrantes do grupo *Varanda LETTERA* retirou as dúvidas advindas da postagem e ensinou as demais a limparem os *cookies*.

Para Emanuel Castells: “a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura” (CASTELLS, 1999, p. 497). Desse modo, temos a perturbação da lógica da individualidade e da coletividade à medida que a rede tem reconfigurado a forma com a qual os seres humanos, que tem acessado a ela, se constituem e se percebem. Vejamos os *prints*:

⁴⁷*Cookies* é um pedaço de texto que um servidor web pode armazenar no disco rígido do usuário. São utilizados pelos sites principalmente para identificar e armazenar informações sobre os visitantes. Para se ter uma ideia, um site pode gerar um número de ID exclusivo para cada visitante e armazenar o número de identificação em cada máquina do usuário usando um arquivo de cookie. Um exemplo é aquele *cookie* que um site cria para que você não precise digitar sua senha novamente quando for ao site outra vez. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/informatica/cookies/>>. Acesso em: 30 ago. 2016.

Figura 20 – Integrante ensina como apagar os *cookeis* no celular e computador



Fonte: Print screen do grupo do WhatsApp “Varanda LETTERA”.

Os *prints* do grupo *Varanda LETTERA* nos ajuda a pensar sobre um processo de aprendizado reticular, que se constrói através do encontro do saber das suas integrantes

via o uso das redes sociais; no caso específico, o *WhatsApp*. Essa troca de conhecimento faz com que haja uma potencialização das meninas, uma vez que eles auxiliam no processo de emancipação destas, desenvolvendo um sistema em que uma mulher potencialize outra e assim se construa uma teia de experiências e de novas percepções de mundo. Segundo Lobo:

A densidade dos vínculos e a velocidade das circulações são tais que os atores da comunicação não sentem dificuldade para partilhar o mesmo contexto. O ciberespaço vai realizar uma forma do universo não totalizante, diferente da escrita estática. Ele não gera uma cultura universal por estar de fato em toda parte, mas porque sua forma ou ideia implica direito à totalidade dos seres humanos (LOBO, 2007, p. 72).

Os vínculos proporcionados pela rede têm se tornado marco no atual momento histórico, o qual tem se mostrado de suma importância para o feminino, visto que ele tem proporcionado um local de fala para essas atrizes silenciadas, sendo um território propício para a troca de informações, afeto e cuidado com a “outra”.

A humanização da *Web* tem proporcionado sentimentos que não se limitam à questão da alegria do contato e adentra esferas mais profundas como o de afetar-se com as vivências do outro.

Neste capítulo, buscamos demonstrar aspectos relacionados à criação de vínculos a partir da leitura de cibertextos e como estes têm funcionado como mecanismo de empoderamento das leitoras do portal.

O Brasil continua sendo um país misógino, mesmo com os avanços teóricos e sociais, que enxerga o corpo feminino enquanto objeto. Em decorrência desta colonização corpórea, juntamente com questões religiosas, temos um ambiente de instabilidade para as mulheres em especial para as mulheres lésbicas.

Encontramos nas redes criadas através do LETTERA, a elaboração de potencialidades de cuidado entre as meninas que fazem uso dele. Para tanto, buscamos analisar categorias como a da amizade, afetação, laços e “a outra”.

CONCLUSÃO

Na presente investigação, busquei analisar a importância do portal *LETTERA: Literatura Lésbica e LGBT* para a escrita feminina lésbica, tendo em vista a crescente ocupação da *Web* por grupos entendidos pela sociedade como “minorias”. Problematizando questões como gargalo editorial, ocupação da *Internet* para escrita e publicação de narrativas lésbicas e a criação de laços afetivos entre as usuárias do portal (ciberleitoras e ciberescritoras).

No primeiro capítulo traçamos um estudo sobre a história da escrita e como ela foi negada às mulheres. Para tanto, buscamos elencar os principais momentos históricos dela e como a rede mundial de computadores tem se mostrado um território fértil para a voz feminina.

Pudemos observar ao longo do primeiro momento do nosso texto, a falta de escritoras lésbicas no cânone literário, questão que é agravada pelo conservadorismo do principal bloco de editoras brasileiro. A partir da compreensão do problema citado, nos atemos à busca pelo entendimento da importância de termos canais alternativos de criação e divulgação dessa escrita discordante.

Quando as ciberescritoras conseguem dar vida aos seus escritos através da Rede, temos, não só uma nova perspectiva ficcional, mas estamos lidando com um processo mais profundo, que envolve elementos como a representatividade. Falar é existir e narrar neste contexto, é sinônimo de resistir ao sistema heteropatriarcal que o mercado editorial e a sociedade impõem às mulheres lésbicas.

No segundo capítulo tivemos que trabalhar com a trajetória do portal, posto que a proposta inicial era analisar o *site* ABCLes, no entanto este foi retirado do ar. O imprevisto, no entanto tornou-se algo de extrema significância para nossa dissertação, uma vez que tivemos a oportunidade de perceber como os laços criados a partir das narrativas do antecessor proporcionou uma comunicação instantânea entre as meninas que o usavam e que ficaram “órfãs”.

Foi possível verificarmos como esses escritos são rizomáticos, representativos e favoráveis à criação de elos afetivos, os quais só são possíveis graças ao alongamento que a *Internet* permite às desfrutadoras do portal.

Focalizamos, no terceiro capítulo, a análise minuciosa dos grupos criados no *Facebook* e no *WhatsApp*, visto que buscávamos verificar como os laços desenvolvidos

através dos comentários dos *posts* se estendiam, para tal utilizamos *prints* dos comentários deixados ao término dos capítulos, assim como dos retirados do grupo das redes sociais citadas.

Deste modo, a partir da compreensão da amizade como modo de vida, temos a Rede como um território fértil para criação de elos, tendo em vista a sua capacidade de ampliar o alcance humano. Quando uma menina tem acesso a narrativas vivenciadas por uma personagem que deseja o mesmo ou algo parecido que ela, temos aí um processo de reconhecimento. Enxergar-se nesse escritos simboliza de certa forma existir, já que há um apagamento do discurso da figura da *lesbiana*.

A necessidade de encontrar textos protagonizados por mulheres que amam mulheres é uma recorrente na fala das ciberescritoras do portal. Segundo a maioria, elas começaram a escrever porque não achavam obras ficcionais com heroínas lésbicas. Um dos objetivos da leitura passa pelo desejo de se enxergar na trama ou ao menos se colocar no lugar das personagens, no entanto, esta transferência fica comprometida quando só se lê textos heteronormativos.

Empoderar-se pela arte é uma das formas mais simbólicas e mais eficientes que essas mulheres podem acessar. A virtualidade dos corpos que atinge longas distâncias, a materialização do desejo e do encontro com suas iguais perpassam a produção de escritos lésbicos no ciberespaço.

Essa produção gera os bons encontros, uma vez que ela consegue consubstanciar a existência das meninas que acessam o portal, seja como leitora ou escritora ou em ambas as funções. A criação de um universo em que é possível existir e encontrar pessoas que vivem situações próximas da sua dá certa legitimidade para sua vida.

Cristiane Schwinden, ao elaborar o portal, cria um ambiente que, além de ser integralmente gratuito, proporciona visibilidade da enunciadora e do enunciado. Mesmo que haja o gasto com o acesso a rede e com o dispositivo que possibilita o ingresso no LETTERA, eles se mostram menores do que publicar numa editora por conta própria, assim como comprar exemplares físicos ficcionais. Uma vez que ao conectar-se ao portal é possível ler e publicar quantas histórias desejar.

Diante desse quadro de possibilidades, o LETTERA não é só um portal literário como se encontra em sua descrição, mas mostra-se como um lugar de resistência, vida, de desejo e realizações. De finais felizes.

REFERÊNCIAS

- A BOÇALIDADE DO MAL: Guido Mantega e a autorização para deletar a diferença. Brasil, 02 mar. 2015. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/02/opinion/1425304702_871738.html>. Acesso em: 16 jun. 2017.
- A ESCRITA NA HISTÓRIA DA HUMANIDADE. Amazonas: UFMA, v. 1, n. 3, 2007. Trimestral. Disponível em: <<http://cefort.ufam.edu.br/dialogica/>>. Acesso em: 01 fev. 2017.
- A PERIFERIA EM CONCEIÇÃO EVARISTO E ESMERALDA RIBEIRO: questões de gênero, raça e classe. Brasília: UnB, v. 49, 2016. Quadrimestral. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/estudos>>. Acesso em: 03 mai. 2017.
- A PERSONAGEM DO ROMANCE BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO: 1990-2004. Brasília: Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, v. 26, 2005. Semestral. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/about>>. Acesso em: 13 jan. 2016.
- AS PRÁTICAS DE UMA LÍNGUA MENOR: reflexões sobre um tema de Deleuze e Guattari. Juiz de Fora: Ipotesi, Revista de Estudos Literários, v. 5, n. 2, 2009. Semestral. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaipotesi/inicial/resultado-da-busca/?q=Literatura+menor>>. Acesso em: 05 jun. 2017.
- ATWOOD, Margaret. **Negociando com os mortos**: a escritora escreve sobre seus escritos. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- _____. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CANDIDO, Antonio. **Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- _____. **Literatura e Sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora Unesp, 2002.
- COLONETTI, Milton. **Incubadoras literárias**: o lugar do contemporâneo no campo da literatura brasileira. 2014. 281 p. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Letras, Faculdade de Letras - Programa de Pós-graduação Tese de Doutorado em Letras, Porto Alegre, 2014.
- CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIBERJORNALISMO, 4, 2011, Porto. **As vozes femininas na blogosfera**: um olhar sobre a realidade do Minho. Porto: Observatório do Ciberjornalismo (obciber), 2012.
- CRUZ, Antonio Donizeti da; PINHEIRO, Alexandra Santos; ARJONA, Encarnación Medina. **Interculturalidade e escrita feminina Latino-Americana**: imaginário e memória. Cascavel: Unioeste, 2016. Disponível em: <<https://midas.unioeste.br/sgev/eventos/interculturalidade-e-escrita-feminina>>. Acesso em: 13 abr. 2017.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura Brasileira Contemporânea em Território Contestado**. São Paulo: Editora Novo Horizonte, 2012.

DEBRAY, Régis. **O curso de midiologia geral**. Petrópolis: Vozes, 1993.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 4. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

É POSSÍVEL MORRER DEPOIS DA *INTERNET*? BRASIL, 16 maio 2014. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2014/05/26/opinion/1401110703_354594.html>. Acesso em: 03 mai. 2017.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: a vontade de saber**. 22. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2012.

GANDELMAN, Adriana. **Uma breve história do olhar em 4 atos**. 2015. Disponível em: <http://obviousmag.org/drinking_wine_and_killing_time/2015/uma-breve-historia-do-olhar-em-4-atos.html>. Acesso em: 16 set. 2015.

GUEDES, Nessa. E aí, existe "literatura feminina"? 2015. Disponível em: <<http://lugardemulher.com.br/e-ai-existe-literatura-feminina/>>. Acesso em: 12 ago. 2015.

GILBERT, Sandra M.; GUBAR, Susan. **The madwoman in the attic: The woman writer and the nineteenth century literary imagination**. New Haven, Yale University Press, 1984.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HIGOUNET, Charles. **Escrita Concisa da História**. 3. ed. São Paulo: Parábola, 2003.

KLINGER, Diana. **Escritas de Si, Escritas do Outro**. Rio de Janeiro: 7 LETRAS, 2012.

IONTA, Marilda. **As cores da amizade: cartas de Anita Malfatti, Oneyda Alvarenga, Henriqueta Lisboa e Mário de Andrade**. São Paulo: Fapesp, 2007.

KAUFMAN, D. **A força dos “laços fracos” de Mark Granovetter no ambiente do ciberespaço**. Galaxia. Online, São Paulo, n. 23, p. 207-218, jun. 2012.

LEJUEME, Philippe. **O pacto autobiográfico: De Rousseau à Internet**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 2. ed. 4. reimp. São Paulo: Editora 34, 2001.

LOBO, Luísa. Literatura de autoria feminina na América Latina. **Revista Mulher e Literatura**, Rio de Janeiro, 1998. Disponível em: <<http://filipe.tripod.com/LLobo.html>>. Acesso em: 09 abr. 2015.

LITERATURAS PÓS-AUTÔNOMAS. Estados Unidos da América: Dialnet, v. 17, jun. 2007. Semestral. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/revista?codigo=2073>>. Acesso em: 13 fev. 2016.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais: Linguagens, Ambientes e Redes**. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. 20. ed. Petrópolis: Cultrix, 2005.

Décio Pignatari; Miguel Rettenmaier (Org.). **Questões de literatura na tela**. Passo Fundo: UPF Editora, 2011.

NEVES, André de Jesus. **Cibercultura e literatura identidade e autoria em produções culturais participatórias e na literatura de fã**. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.

ORTEGA, Francisco. **Genealogias da Amizade**. São Paulo: Iluminuras, 2002.

PLANT, Sadie. **Mulher Digital: O feminino e as novas tecnologias**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1999.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2013.

RODRIGUES, Vanessa. **KD Mulheres: escritoras, mercado e visibilidade**. 2015. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2015/07/kd-mulheres-escritoras-mercado-e-visibilidade/>>. Acesso em: 01 ago. 2015.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

ZIRPOLI, Ilizia. **Dos textos que elas tecem: formas femininas de escrita contemporânea**. 2007. 217 p. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Universidade Federal do Pernambuco, Recife, 2007.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tradução: Vera Ribeiro. São Paulo: Círculo do Livro, 1990.